

Instituto Politécnico de Beja
Escola Superior de Educação
Mestrado Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento
Local

**Vidas em risco, entre o abandono e a esperança: a trajetória dos
jovens em situação de sem-abrigo - A realidade de uma região – Faro**

Elaborado por:
Lígia Maria Oliveira da Costa

Beja
2023

Instituto Politécnico de Beja
Escola Superior de Educação
Mestrado Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento
Local

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Serviço Social
– Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, apresentada na Escola
Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja

Elaborado por:

Lígia Maria Oliveira da Costa, nº 22344

Orientado por:

Professora Antónia Luísa Ferro da Silva

Beja

2023

Agradecimentos

Aos olhos que sempre me viram com amor e compreensão, e ao coração que tem sido o meu porto seguro, Mãe, a ti mulher da minha vida, dedico esta dissertação.

A ti, meu companheiro de vida, agradeço pela paciência, incentivo e apoio incondicional. Tu tens sido o meu pilar, o meu melhor amigo e confidente, com quem dividi alegrias e desafios ao longo desta jornada. As palavras não são suficientes para expressar a gratidão que sinto por te ter ao meu lado. O teu amor inabalável, encorajamento constante e a crença no meu potencial foram essenciais para que eu alcançasse este marco na minha vida. Hoje não celebramos apenas a conclusão desta dissertação, mas também a nossa parceria e cumplicidade que floresceu a cada desafio vencido. Agradeço por seres a minha inspiração diária e por trazeres significado à minha jornada académica, onde a tua presença constante me fortaleceu e me motivou a superar os meus limites, acreditar em mim mesma e a prosseguir os meus objetivos mais ambiciosos. Que esta dissertação seja mais uma pedra fundamental em nossas trajetórias, repleta de sucessos compartilhados, sonhos realizados e um futuro mais promissor.

A uma pessoa extraordinária, cuja amizade iluminou a minha vida e cujo apoio incansável fez desta jornada académica uma experiência inesquecível, “particular, singular e sui generis”. É difícil expressar em palavras a gratidão que sinto por te ter ao meu lado, a tua presença constante trouxe alegria, inspiração e força em momentos de desafio, os teus conselhos sábios e encorajadores guiaram-me nos momentos de dúvida, onde a tua capacidade de ver o melhor de mim me inspirou alcançar novos patamares. As nossas conversas profundas e aventuras compartilhadas tornaram esta trajetória académica muito mais significativa, em que as tuas palavras e gestos mostraram o verdadeiro valor de uma amizade autêntica. Sou eternamente grata por te ter na minha vida, e que este marco represente mais uma prova da nossa cumplicidade e que nos inspire em todas as jornadas que ainda estão por vir.

Agradeço profundamente à Direção do MAPS, nas pessoas do Dr.º Fábio Simão e da Dr.ª Elsa Morais Cardoso, pelo incentivo e pela prontidão com que responderam ao meu pedido, agradeço à equipa técnica por toda a assistência prestada e tempo disponibilizado ao longo deste processo, onde o vosso apoio inestimável permitiu que eu desenvolvesse uma investigação mais completa e significativa, contribuindo assim para

a interpretação e compreensão desta problemática social tão urgente, em que cada contribuição, por mais pequena que possa parecer, representou um passo importante na construção de um mundo mais empático e solidário.

É com enorme gratidão que expresso o meu mais sincero agradecimento, a todos os jovens envolvidos nesta investigação, pelo tempo, pela confiança depositada e pela generosidade disponibilizada, acreditem que as vossas palavras e testemunhos foram tratados com o respeito e delicadeza que merecem. A vossa participação foi de uma importância indescritível. Ao partilharem as vossas experiências e perspetivas, contribuíram não só para o meu crescimento profissional, mas acima de tudo para o meu crescimento pessoal.

É com imensa gratidão que dedico este espaço para expressar o meu profundo agradecimento à professora Antónia Ferro da Silva, pela sua orientação, onde o apoio e sabedoria foram fundamentais para a conclusão bem-sucedida desta dissertação. Professora a sua dedicação e compromisso em me guiar foram notáveis, as suas orientações perspicazes, os seus conselhos valiosos foram a alavanca imprescindível para percorrer este caminho durante as dificuldades e incertezas. Além do seu profissionalismo exemplar, gostaria de agradecer a sua paciência e disponibilidade incansável, agradecer também a sua prontidão em ouvir, em discutir as minhas ideias e a fornecer feedbacks construtivos, contribuíram significativamente para o desenvolvimento desta dissertação. O seu comprometimento em me ajudar a alcançar os meus objetivos académicos foi além das minhas expectativas, e sou grata por cada momento que dedicou ao meu crescimento.

Embora esta dissertação tenha o meu nome, tenho a certeza de que cada página escrita é também um testemunho da influência e do impacto positivo de todos os envolvidos nesta minha jornada.

Muito obrigada.

Resumo

A revisão bibliográfica remete para a ideia de que as pessoas em situação de sem-abrigo até ao último terço do século XX, em Portugal, foram encaradas como um dilema da sociedade, cuja causa sempre foi atribuída aos próprios indivíduos.

Após avanços na abordagem desta complexa situação e assumida como responsabilidade social, vários têm sido os estudos, a caracterização e identificação da população abrangida por este flagelo.

Em Portugal como na generalidade da Europa existem, atualmente, políticas públicas concertadas, estratégias implementadas e destinadas especificamente a tratar de forma diferente este fenómeno complexo e polissémico, tanto no que respeita a abordagens teóricas como também em perspetivas analíticas, com o propósito de retirar as pessoas desta situação e minimizar o patamar extremo de pobreza e exclusão social em que se encontram.

Contudo, existe uma constante necessidade de refletir sobre a natureza deste flagelo, no sentido de indagar sobre a sua razão e por que motivo ela se perpetua, continuando-se a assistir à existência de tantas pessoas e das mais diversas faixas etárias a ficarem em situação de sem-abrigo.

Face a esta realidade justifica-se a realização de um estudo baseado na “voz” dos próprios.

O objetivo principal deste estudo foi abordar a população mais jovem e perceber, no seu entendimento, quais os fatores promotores que os levaram à situação de sem-abrigo.

O presente estudo é de caráter qualitativo, usando como tipologia o estudo de caso, e aferido por entrevistas semiestruturadas, que contou com a participação de seis indivíduos que estão em situação de sem-abrigo sem casa e também com a perspetiva de três técnicos a desenvolver funções nesta área social.

Os resultados indicam como crucial a adoção de uma abordagem ainda mais abrangente para enfrentar a situação alarmante dos jovens em situação de sem-abrigo.

Palavras-chave:

Exclusão Social, Família, Jovens, Pobreza, Situação de Sem-abrigo.

Abstract

The literature review refers to the idea that homeless individuals in Portugal, until the last third of the 20th century, were seen as a societal dilemma, with the cause always attributed to the individuals themselves. Following advancements in addressing this complex situation and recognizing it as a social responsibility, various studies have been conducted to characterize and identify the population affected by this scourge.

In Portugal, as well as in most of Europe, there are currently concerted public policies and implemented strategies specifically aimed at treating this complex and multifaceted phenomenon differently, both in terms of theoretical approaches and analytical perspectives. The goal is to lift people out of homelessness and minimize the extreme levels of poverty and social exclusion in which they find themselves.

However, there is a constant need to reflect on the nature of this scourge, in order to inquire about its reasons and why it perpetuates. We continue to witness the existence of numerous individuals across different age groups falling into homelessness. Given this reality, it is justified to conduct a study based on the “voices” of the homeless themselves.

The main objective of this study was to address the younger population and understand, from their perspective, the promoting factors that led them into a homeless situation. This study is qualitative in nature, using a case study typology and relying on semi-structured interviews. It involved the participation of six individuals experiencing homelessness and three professionals working in the social field.

The results indicate the need for an even more comprehensive approach to tackle the alarming situation of young people experiencing homelessness.

Keywords:

Family, Homelessness, Poverty, Social Exclusion, Young People.

Índice Geral

Agradecimentos	1
Resumo	3
Abstract	4
Índice Geral.....	5
Índice de Quadros	6
Índice de Tabelas	6
Abreviaturas.....	11
Introdução	12
1. Enquadramento Teórico.....	14
1.1 Conceitos e características da população em situação de sem-abrigo	15
1.2 Família.....	24
1.3 Escola	26
1.4 (Des)Emprego	35
1.5 A pobreza e a exclusão social como condição limitadora da dignidade humana.....	36
1.6 O Serviço Social - Intervenção com pessoas em situação de sem-abrigo.....	42
2. Enquadramento Metodológico da Investigação.....	47
2.1 Objeto de Pesquisa	48
2.2 Objetivos de Investigação	49
2.3 Universo em Estudo	51
2.4 Modelo de Análise	54
2.5 Operacionalização dos Conceitos	56
2.6 Métodos e Técnicas de Recolha de Dados	58
3. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	60
4. Cronograma	88
5. Considerações Finais	88

Bibliografia	106
Apêndices.....	111
Apêndice I - Pedido de Autorização para a Realização da Investigação	112
Apêndice II - Declaração de Consentimento Informado.....	114
Apêndice III - Guião de Entrevista – Jovens em Estudo	115
Apêndice IV - Declaração de Consentimento Informado.....	118
Apêndice V - Guião de Entrevista – Técnicos	119
Apêndice VI - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - D.F.....	121
Apêndice VII - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - F.R.....	129
Apêndice VIII – Transcrição de Entrevista de Jovem em Estudo – FS	136
Apêndice IX - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - J.S.	149
Apêndice X - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - M.D.....	158
Apêndice XI - Transcrição de Entrevista de Jovem em Estudo - R.R.	170
Apêndice XII - Transcrição Entrevista - Técnica CN.....	181
Apêndice XIII - Transcrição Entrevista - Técnica PL	185
Apêndice XIV - Transcrição Entrevista - Técnica RM.....	189
Apêndice XV - Matriz de Análise de Conteúdo dos Jovens em Estudo.....	193

Índice de Quadros

Quadro I - Mapa Conceptual	54
Quadro II - Operacionalização dos Conceitos	57

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização Pessoal dos Jovens em Estudo	203
Tabela 2 - <u>Quando residia com a sua família como era a vossa relação?</u>	
Memórias positivas e negativas?	203

Tabela 3 - Quando residia com a sua família como era a vossa relação?	
<u>Memórias positivas e negativas?</u>	203
Tabela 4 - <u>Atualmente mantem relações familiares?</u> Com quem?	204
Tabela 5 - Atualmente mantem relações familiares? Com quem?	204
Tabela 6 - <u>Qual a composição do seu agregado familiar?</u> Qual a ocupação de cada um dos elementos?	204
Tabela 7 - Qual a composição do seu agregado familiar? <u>Qual a ocupação de cada um dos elementos?</u>	204
Tabela 8 - Quando vivia com o seu agregado familiar como era a relação entre a sua mãe e o seu pai?.....	205
Tabela 9 - (se referido que o pai e/ou a mãe não faziam parte do agregado familiar perguntar: Porquê?	205
Tabela 10 - <u>O local e a casa onde residia com a sua família como era?</u> Memórias positivas e negativas?.....	205
Tabela 11 - O local e a casa onde residia com a sua família como era? <u>Memórias positivas e negativas?</u>	205
Tabela 12 - Considerava o local e a casa bonito, feio, acolhedor, desconfortável?	205
Tabela 13 - <u>Sentia-se seguro(a) na casa onde residia com os seus familiares?</u> Porquê?	206
Tabela 14 - Sentia-se seguro(a) na casa onde residia com os seus familiares? <u>Porquê?</u>	206
Tabela 15 - <u>Como é atualmente a relação com os seus amigos?</u> É diferente por estar institucionalizado?.....	206
Tabela 16 - Como é atualmente a relação com os seus amigos? <u>É diferente por esta institucionalizado?</u>	206
Tabela 17 - Como é atualmente a relação com a comunidade, sente alguma diferença pelo facto de estar institucionalizado?	207
Tabela 18 - Que escolaridade tem?.....	207
Tabela 19 - Quando frequentava a escola o que mais e que menos gostava?... 207	
Tabela 20 - Como se sentia no ambiente escolar, relativamente aos professores e aos funcionários da escola?.....	207
Tabela 21 – Qual a escolaridade dos seus pais? (se respondido que vivia com outro familiar que não pai ou mãe colocar a mesma questão).....	207

Tabela 22 - Quando tinha de estudar e fazer os trabalhos de casa quem o ajudava?	208
Tabela 23 - Os responsáveis pela sua educação valorizavam a sua ida à escola?	208
Tabela 24 - <u>Gostaria de voltar a estudar? Porquê?</u>	208
Tabela 25 - Gostaria de voltar a estudar? <u>Porquê?</u>	208
Tabela 26 - <u>Com que idade começou a trabalhar</u> e em que área?.....	209
Tabela 27 - Com que idade começou a trabalhar e <u>em que área?</u>	209
Tabela 28 - <u>Teve outros empregos?</u> Em que área?	209
Tabela 29 - Teve outros empregos? <u>Em que área?</u>	209
Tabela 30 - Qual o emprego em que esteve mais tempo?	209
Tabela 31 - <u>Tem alguma formação profissional específica?</u> Se sim, onde tirou a formação e em que área?	210
Tabela 32 - Tem alguma formação profissional específica? <u>Se sim, onde tirou a formação</u> e em que área?	210
Tabela 33 - Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e <u>em que área?</u>	210
Tabela 34 - Atualmente está empregado ou desempregado?.....	210
Tabela 35 - (se responder empregado perguntar: <u>Está empregado em que área?</u> Há quanto tempo? Gosta do que faz ou trocaria de área?)	210
Tabela 36 - (se responder empregado perguntar: Está empregado em que área? <u>Há quanto tempo?</u> Gosta do que faz ou trocaria de área?)	211
Tabela 37 - (se responder empregado perguntar: Está empregado em que área? Há quanto tempo? <u>Gosta do que faz ou trocaria de área?</u>)	211
Tabela 38 - (se responder desempregado perguntar: <u>Quais os motivos que aponta para estar desempregado?</u> Quais as iniciativas que tem tomado para reverter essa situação?)	211
Tabela 39 - (se responder desempregado perguntar: quais os motivos que aponta para estar desempregado? <u>Quais as iniciativas que tem tomado para reverter essa situação?</u>)	211
Tabela 40 - Há quanto tempo está neste equipamento social e quando vai/tem de sair?	211
Tabela 41 - Nos últimos dois anos que antecederam a sua entrada neste equipamento social, onde vivia?	212

Tabela 42 - Teve experiências anteriores com outros equipamentos sociais?..	212
Tabela 43 - (se responder sim perguntar: <u>Onde?</u> Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)	212
Tabela 44 - (se responder sim perguntar: <u>Onde?</u> <u>Quanto tempo?</u> Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)	212
Tabela 45 - (se responder sim perguntar: <u>Onde?</u> Quanto tempo? <u>Quais os motivos?</u> com que idade saiu e porquê?)	213
Tabela 46 - (se responder sim perguntar: <u>Onde?</u> Quanto tempo? Quais os motivos? <u>Com que idade saiu</u> e porquê?)	213
Tabela 47 - (se responder sim perguntar: <u>Onde?</u> Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e <u>porquê?</u>)	213
Tabela 48 - Quais os motivos que o levaram a recorrer a este equipamento social?	213
Tabela 49 - Qual a importância que atribui a este equipamento social para a população que se encontra em situação de sem-abrigo?.....	213
Tabela 50 - Qual a importância deste equipamento social para si e para a sua preparação em relação à autonomização?.....	213
Tabela 51 - Quais os fatores que identifica como responsáveis para situação em que se encontra?.....	214
Tabela 52 - Quais os momentos mais marcantes da sua vida?	214
Tabela 53 - Como se vê?.....	214
Tabela 54 - como os outros o vêem?	214
Tabela 55 - <u>Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo?</u> O que sentiu?.....	215
Tabela 56 - Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo? <u>O que sentiu?</u>	215
Tabela 57 - Como se vê no futuro?.....	215
Tabela 58 - Qual o seu sonho?.....	215
Tabela 59 - Qual o seu projeto de vida?	216
Tabela 60 - Qual a perceção identificada, sobre os laços familiares dos jovens em situação de sem-abrigo?.....	216
Tabela 61 - Quais as características identificadas da família nuclear dos jovens?	216

Tabela 62 - Qual a interpretação que faz sobre a relação dos jovens em situação de sem-abrigo com a comunidade que os rodeia?	217
Tabela 63 - Qual a perspectiva que possui relativamente à interação da comunidade com os jovens em situação de sem-abrigo?	217
Tabela 64 - Quais as características dos jovens em situação de sem-abrigo inseridos neste equipamento relativamente à escolaridade, hábitos laborais e percursos de vida?	217
Tabela 65 - Quais os maiores desafios sentidos no trabalho desenvolvido junto dos jovens em situação de sem-abrigo?	217
Tabela 66 - Quais os fatores identificados junto da comunidade em geral, que dificultam as autonomizações consistentes e sustentáveis, dos jovens em situação de sem-abrigo?.....	217
Tabela 67 - Quas as características dos jovens aquando da sua integração no equipamento social?.....	218
Tabela 68 - Identifica que os jovens têm consciência que se encontram em situação de sem-abrigo?.....	218
Tabela 69 - Quais os fatores identificados como principais promotores da situação de sem-abrigo em jovens?	218
Tabela 70 - Quas as perceções identificadas sobre as ambições dos jovens em situação de sem-abrigo quanto ao seu futuro?	218

Abreviaturas

CNPCJR - Comissão Nacional de Promoção e Proteção dos Direitos das Crianças e Jovens em Risco

ENIPSSA - Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

FEANTSA - Federação Europeia das Organizações Nacionais que Trabalham com os Sem-Abrigo

FIAS – Federação Internacional dos Assistentes Sociais

MAPS - Movimento de Apoio à Problemática da SIDA

ONU - Organização das Nações Unidas

Introdução

O presente trabalho, realizado no âmbito do mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, para a obtenção do grau de mestre, tem como objeto de estudo a população jovem em situação de sem-abrigo, e como pano de fundo, as questões de pobreza, desigualdade, exclusão social e os riscos a si associados entre outros fatores sociais, económicos e até individuais, tendo como suporte para a sua realização, a instituição MAPS (Movimento de Apoio à Problemática da SIDA), Instituição Particular de Solidariedade Social, com sede em Faro.

A pertinência para o desenvolvimento desta investigação, prende-se com o facto de se assistir a uma crescente evolução desta problemática, nas camadas mais jovens que ficam em situação de sem-abrigo e com fortes possibilidades de serem relegados para um estágio social que acarretará demasiados riscos.

Esta ideia, tem em conta o fato de os jovens em situação de sem-abrigo se encontrarem numa situação que só conseguem vislumbrar o seu futuro numa penumbra, carregado de incertezas, de demora e de vazio, o que pode promover as condições ideais para a toma de um caminho mais fácil e acessível, caracterizado pelo desvio aos padrões socialmente aceites para a vida em sociedade, na esperança de alcançar seus sonhos.

Como refere Pais (2001) “Os caminhos de passagem para a idade adulta não são apenas obscuros. São caminhos longos, sinuosos, com escolhos.” (p.81).

Como tal, julga-se pertinente evidenciar os possíveis fatores promotores desta situação, bem como promover eventuais mecanismos, que possam ser mais uma contribuição para que estes jovens não façam perpetuar a sua condição nas gerações futuras.

Este trabalho surge de uma indagação pessoal e de um desafio profissional, dado a investigadora deste projeto se encontrar a exercer funções laborais na área social, nomeadamente na instituição acima referida, e considerar que a ação profissional pode ser desenvolvida com maior plenitude e com maiores benefícios para estes jovens, a curto e/ou a médio prazo se forem conhecidas as suas próprias versões.

Assim, procura esta dissertação, ser uma contribuição composta de informações relevantes para a ação dos agentes técnicos da área social, que concorra para uma melhor

identificação dos indicadores envolvidos nesta problemática a serem trabalhados com os seus sujeitos no sentido de favorecer condições que conduzam ao desenvolvimento, nos mesmos, de uma identidade “adulta” promotora da sua inclusão social, da sua integração e autonomia.

No fundo, não será mais do que contribuir para a deteção antecipada de situações desviantes que possa de alguma forma provocar uma retração no aparecimento, e funcionar como um fator de minimização dos consequentes riscos sociais.

Em um trabalho de investigação em Serviço Social, entende-se que os próprios indivíduos sejam participativos no seu próprio projeto de vida, como tal, é de todo pertinente dar-lhes voz e entender o sujeito, na primeira pessoa, percebendo quem são, o que sentem, de onde vieram e para onde querem ir.

Assim, para conseguir evidenciar o propósito deste trabalho, entendeu-se adequado recorrer a uma metodologia de investigação qualitativa, assente em uma tipologia de estudo de caso, adotando como técnica de investigação a entrevista.

Existe o entendimento que esta opção metodológica, favorece a participação ativa dos sujeitos na identificação das suas fragilidades e potencialidades, com o intuito de que os mesmos projetem o seu futuro e o técnico de Serviço Social melhor perceba qual o caminho a seguir, no sentido de os auxiliar na identificação das soluções certas, para vencer a encruzilhada em que se encontram.

A estrutura do presente estudo é constituída por cinco pontos principais.

No primeiro ponto, será feito o enquadramento teórico que servirá como suporte à investigação e será dada relevância à problemática das pessoas que se encontram em situação de sem-abrigo, sem descorar a sua contextualização histórica. A caracterização desta população será apresentada igualmente, neste ponto, ancorada na ENIPSSA, e serão abordados alguns conceitos considerados essenciais ao estudo deste fenómeno social, como: a família, a escola, o (des)emprego, a pobreza, a exclusão social e o papel do Serviço Social nesta problemática.

No segundo ponto é apresentado o enquadramento metodológico desta investigação, enquanto elemento essencial a qualquer investigação científica, onde se inclui a identificação do objeto de pesquisa através da apresentação da pergunta de

partida, os objetivos gerais e específicos, delimitação da amostra em estudo, o mapa conceitual, bem como a operacionalização dos seus conceitos, recorrendo a uma tipologia metodológica de estudo de caso e o uso de um instrumento de recolha de dados: a entrevista semiestruturada.

O terceiro ponto do estudo empírico destina-se a apresentação, interpretação e discussão dos dados, tendo como base o problema de pesquisa e os resultados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados.

No quarto ponto é apresentado o cronograma que organizou e demarcou o tempo necessário para a realização deste projeto.

Apresentam-se na fase final, no quinto ponto, as considerações finais dedicadas a apresentar as ideias alcançadas através da interpretação dos resultados obtidos, bem como a verificação da resposta à pergunta de partida formulada, onde são expostas as limitações do estudo e a simulação de recomendações consideradas importantes para eventuais futuros estudos nesta área.

1. Enquadramento Teórico

O enquadramento teórico é o primeiro passo para a compreensão de uma problemática social pois é, na teoria, perante as mais diversas correntes de pensamento, que o técnico de Serviço Social irá sustentar todo o modo de agir, como referido por (Howe,1992, citado por Pena, 2012)

as teorias oferecem diferentes compreensões do comportamento humano e dos problemas sociais, devendo o assistente social ser conhecedor das diferentes teorias na medida em que influenciam a sua prática, a nível da observação e intervenção, baseando-se em diferentes pressupostos quanto à natureza humana e da sociedade. (p.82)

Neste primeiro ponto ir-se-á expor teoricamente alguns conceitos que foram entendidos como chave para o aprofundamento da temática em investigação, (a população jovem em situação de sem-abrigo), assente na consulta e análise bibliográfica existente, porque como referem Quivy e Campenhoudt (1998) “Todo o trabalho de investigação se inscreve num continuum e pode ser situado dentro de, ou em relação a, correntes de pensamento que o precedem e influenciam.” (p.50)

O estudo começa por uma abordagem teórica das características da população que vive em situação de sem-abrigo, remetendo esta, para novas e importantes seleções teóricas de conceitos considerados basilares para a compreensão deste fenómeno, como a família, a escola, o (des)emprego, a pobreza e exclusão social e o papel primordial da intervenção do técnico de Serviço Social dentro desta área.

É com base nesses conhecimentos teóricos, que os técnicos de Serviço Social irão sentir-se mais preparados para uma abordagem que se quer eficaz junto de populações com características específicas, como é o caso da população em situação de sem-abrigo.

1.1 Conceitos e características da população em situação de sem-abrigo

As pessoas em situação de sem-abrigo foram sendo, ao longo do tempo, alvo de diferentes perceções, conceções e designações, caracterização esta que é muito mais abrangente do que a pessoa pobre, que não tem casa, que pernoita no banco do jardim coberto por um cartão, que deambula e mendiga pelas ruas, que se apresenta com roupas bastante gastas e sujas e que estende a mão à porta da igreja à espera de uma esmola.

Definir pessoas em situação de sem-abrigo não é uma tarefa fácil e tão linear como pode parecer à primeira vista, dado, existirem um conjunto amplo de variáveis para a sua perfeita compreensão.

Sendo a população em situação de sem-abrigo, uma grande problemática da nossa sociedade, importa aqui demonstrar que nem sempre, foi encarada da mesma forma em Portugal.

Como refere Semedo (2012),

As representações sociais dos sem-abrigo, na opinião pública, oscilam de forma regular entre hostilidade e hospitalidade, e as políticas públicas não escapam a essas representações sobretudo quando os sem-abrigo se tornam mais visíveis, o que se traduz, quase sempre, numa alternância histórica, do apoio aos sem-abrigo, entre repressão e assistência (p.19).

Quanto à sua conceituação, as pessoas em situação de sem-abrigo tinham denominação de “indigentes”, “delinquentes”, “vagabundos”, “pedintes” como também de “mendigos” e tantas outras que possam não ter sido mencionadas.

Contudo e recorrendo ao dicionário de língua portuguesa foi possível verificar que as suas significações são bem díspares;

- “indigente” que ou pessoa que vive em condições de miséria, sofrendo necessidades básicas (comida, vestuário, abrigo, etc.);
- “delincente” pessoa que cometeu falta(s) ou delito(s);
- “vagabundo” que vagabundeia, errante, que não trabalha, ocioso, vadio;
- “pedintes” que ou a pessoa que pede ou mendiga. (Infopédia Dicionários Porto Editora, 2003-2023)

Todas as denominações anteriores podem ou não estar interligadas entre si, mas facto é, que em Portugal no início do século XX eram assim classificadas, devido ao facto de se encontrarem em situação de grande vulnerabilidade e terem pelos mais diversos motivos, necessidade de viver na rua, o que na altura era classificado como crime, punido por lei e encarada como uma “...perigosa escola de imoralidade...” (Decreto-Lei 36:448, 1947, p. 741).

Fazendo referência às leis vigentes da altura e recorrendo ao Decreto-Lei 35:042 (1945), às autoridades policiais, no desempenho das suas funções cabia, a obrigação de encaminhar as pessoas, “os vadios”, que verificassem nestas circunstâncias para serem conduzidas aos tribunais onde eram julgadas e sentenciadas,

- 1.º Aos vadios, considerando-se como tais os indivíduos de mais de 16 anos e menos de 60 anos que, não tendo rendimentos com que provejam ao seu sustento, não exercitem habitualmente alguma profissão ou mester em que ganhem efectivamente a sua vida e não provem necessidade de força maior que os justifique de se acharem nestas circunstâncias;
- 2.º Aos indivíduos aptos para ganharem a sua vida pelo trabalho que se dediquem à mendicidade ou explorem a mendicidade alheia; (p.843)

Após a identificação e detenção destes indivíduos e aquando da sua presença em tribunal eram-lhes aplicadas medidas, a que na altura era atribuída a designação de medidas de segurança, que poderiam ir desde o pagamento de uma caução de boa conduta,

a ficarem em liberdade vigiada, ou encaminhados para internamento em casa de trabalho ou colónias agrícolas.

Viver nestas circunstâncias era entendido como uma escolha individual, uma opção de vida e aos olhos das leis vigentes considerada crime.

A medida de caução de boa conduta, segundo Decreto-Lei 35:042 (1945), era fixada perante o entendimento do juiz e “...era prestada por depósito de quantia que o juiz fixar, pelo prazo de dois a cinco anos...”. (p. 843)

Ao passo que a medida de liberdade vigiada, também ela considerada crime, era fixada igualmente por um prazo de dois a cinco anos, mas aplicada quando o recluso já havia cumprido parte da sua pena, que de acordo com o Decreto-Lei 26:644 (1936) “Poderá ser imposta aos reclusos libertados condicionalmente a obrigação de dar entrada em uma colónia de refúgio enquanto não tiverem trabalho.” (p. 620) e segundo Decreto-Lei anterior “Os reclusos postos em liberdade condicional poderão ser obrigados a residir em uma das colónias portuguesas do ultramar por despacho ministerial e proposta do Concelho Superior dos Serviços Prisionais, se êste julgar conveniente.” (p. 620).

No que se refere à medida de internamento em casa de trabalho ou colónias agrícolas segundo o Decreto-Lei 26:644 (1936) “...serão destinados ao internamento de delinquentes judicialmente declarados vadios...” (p. 607) que podiam cumprir a totalidade da sua pena “Os vadios e equiparados darão entrada nas casas de trabalho ou colónias agrícolas depois de terem cumprido, nas respectivas cadeias ou penitenciárias, as penas em que houverem sido condenados.”. (p. 607)

Das casas de trabalho, destaca-se um albergue que teve grande expressão no nosso país, o da quinta da Mitra em Lisboa, que segundo o (Diário de Lisboa, 1933, citado por O Leme - Turismo e Cultura, 2022) começou a acolher mendigos, local que servia para cumprimento das suas penas de prisão e para “...afastar das ruas da cidade uma parte dos desprotegidos da sorte...”. (p. s.p.)

Estas medidas eram entendidas como justas e merecedoras porque era subentendido que as pessoas só se encontravam nestas circunstâncias porque não queriam desempenhar nenhuma função laboral e viam esta situação como meio suficiente de subsistência e promoção de ócio, levando-nos a entender que todas estas medidas

serviam, à luz do pensamento da época, que entendia as pessoas que não trabalhavam como um desvio ao socialmente aceitável, para expurgar a sociedade de tal mal.

Com o passar do tempo e porque o estado não conseguia por termo à mendicidade e à “vadiagem”, em Portugal foi criada, em 1960, uma extensão que ligou o Serviço de Repressão à Mendicidade, para atribuir competências ao Ministério do Interior que viesse reforçar a eficácia do combate a esta problemática social no sentido de a suster e forçar os cidadãos nesta condição a não praticarem este tipo de atos. (Decreto-Lei 43:280, 1960, p. 2352)

As situações de mendicidade e vadiagem sempre foram encaradas como uma responsabilidade individual e longe estavam de ser enquadradas com problemas relacionados com os fatores pobreza, saúde, desemprego, falta de habitação e ausência de literacias até ao ano de 1976, que segundo, Decreto-Lei 365/76 (1976), vem afirmar que esta situação

é consequência do nível de desenvolvimento socio-económico e cultural de uma comunidade e que na sua origem estão essencialmente causas de impossibilidade de angariar meios de sustento (por motivos de idade, de deficiências físicas ou sensoriais, de doença física ou mental e de desemprego) e outra da natureza psicológica (instabilidade e desvios de comportamentos (p. 1092)

Este decreto de lei veio alterar a forma de perceção deste problema, onde os indivíduos deixam de estar no centro de toda a culpa, para ser encarado como um problema social, alertando que pode ter a si associado problemas de difícil resolução como idade, saúde, deficiências e também desemprego, atribuindo assim também responsabilização para esta situação, ao estado e a toda a comunidade.

Com a evolução dos pensamentos sobre os problemas sociais, ao longo dos tempos, também a designação dada às pessoas que se encontravam nesta posição de grande vulnerabilidade se altera, utilizando-se na atualidade o termo de pessoa em situação de sem-abrigo, deixando-se cair, em grande parte, os rótulos pejorativos, e consequentemente desviando o olhar para as causas adjacentes ao problema, passando a dar-se especial relevância à falta de habitação.

Diversas têm sido as perspetivas sobre o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo e todos os problemas que estão na sua raiz, o que é reforçado por Bento e Barreto (2002), quando afirmam que “...há tantas maneiras de olhar para os sem-abrigo, quantas as pessoas que os olham. Em boa verdade, a mesma pessoa pode ter vários olhares.” (p.5)

A Federação Europeia das Organizações Nacionais que Trabalham com os Sem-Abrigo, (F.E.A.N.T.S.A), uma organização não governamental que se dedica a esta questão, desde 1989, (citada por Abreu, 2011, p. 2) retrata “...os sem-abrigo como todo o indivíduo que não possui um sítio e laços com a comunidade onde se encontra, ou seja, incapaz de aceder a um abrigo pessoal adequado e permanente, o que o torna excluído do meio social.”

Esta organização vem acrescentar aos fatores enumerados anteriormente (idade, saúde, deficiência, desemprego), o fator habitacional e a rotura com os laços sociais o que é corroborado pelo (Conselho dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas – ONU, citado por Costa G. B., 2018)

a situação de rua é uma experiência individual de alguns dos membros mais vulneráveis da sociedade, caracterizada pelo abandono, desespero, baixa autoestima e negação da dignidade, consequências graves para a saúde e para a vida. O termo ‘situação de rua’ não só descreve a carência de moradia, como também identifica um grupo social. O estreito vínculo entre a negação de direitos e uma identidade social distingue a falta de moradia da privação de outros direitos socioeconómicos (p. 12).

Se até então, se tem vindo a verificar que o pensamento, o conceito e a legislação se veio a alterar ao longo dos tempos, no que à população em situação de sem-abrigo diz respeito, entende-se como uma problemática muito mais abrangente que alberga outras dimensões das sociedades, onde este flagelo existe, sendo sujeita à interpretação dos seus agentes políticos.

O termo pessoa em situação de sem-abrigo adquire vários perfis e designações que diferem da forma como são interpretados pelo país em questão e pelas leis vigentes, contudo a ONU (1996-2023) vem afirmar que a definição da (FEANTSA) é consensual com a sua perspetiva como também com a perspetiva do Secretário-Geral das Nações Unidas e pela do Instituto dos Sem-Abrigo Global, o que possibilita através da perceção

de todos, incluir assim diversas abordagens para a designação das pessoas em situação de sem-abrigo, sendo elas

 pessoas que vivem nas ruas, em espaços abertos ou carros; Pessoas que vivam em alojamentos temporários de emergência, em abrigos para mulheres, em campos ou outros alojamentos temporários fornecidos a pessoas deslocadas internamente, refugiados ou migrantes; e pessoas que vivem em moradias severamente inadequadas e inseguras, como moradores de assentamentos informais. (p. s.p.)

De acordo com os fatores enumerados, pelas diversas perspetivas acima referidas, pode-se afirmar que a pobreza e a exclusão social são constantes no dia a dia dos indivíduos inseridos nesta problemática, não apenas visível na sua condição pessoal, mas em bastantes situações apresentando-se como um legado geracional.

A exclusão social e a pobreza são, muitas vezes, o culminar de percursos fortemente marcados pela idade, doenças físicas e mentais, deficiências, ausência de formação, pelo desempenho de trabalhos precários e pela ausência de literacias básicas para a vida em comunidade.

Essas trajetórias podem levar à agudização da situação, sujeitando as pessoas a uma grande vulnerabilidade que pode contribuir, de sobremaneira, para problemas da exclusão económica, social e cultural, fatores que potenciam a exposição a um sem número de acontecimentos negativos, e no seu extremo a situações de perda da habitação, geralmente geradora da situação de sem-abrigo. Sendo a questão habitacional, e acesso a esta, entendida pelas diversas análises feitas, como fator primordial de alavanca para a irradicação deste problema.

Como tem sido feita referência, a problemática e o conceito de pessoa em situação de sem-abrigo tem vindo a sofrer alterações e aperfeiçoamentos de estratégias a nível mundial, por forma a acabar com este problema.

Passando a abordar esta temática à luz dos pensamentos políticos, Portugal adotou uma estratégia que se entende, à data, como adequada ao nosso contexto, fundamentada nos pensamentos até agora descritos e não sendo Portugal exceção, foi desenhado um plano de ação, através de uma atuação articulada e concertada com diversas entidades

tendo como objetivo, alcançar as mesmas metas mundiais, que deu origem à criação da Estratégia Nacional Para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo, (ENIPSSA), cujas linhas orientadoras passam pela persecução da redução dos riscos das populações caírem em situação de desproteção social e minimização dos danos de quem já se encontra nessa mesma condição de vida, concluindo, na tentativa de erradicar este tipo de flagelo social.

Na perspetiva da ENIPSSA (2021), as características das pessoas que se encontram em situação de sem-abrigo são aquelas “...que, independentemente da sua nacionalidade, origem racial ou étnica, religião, idade, sexo, orientação sexual, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental...” (p. s.p.) se encontre sem teto ou sem casa.

Neste sentido, e para que se torne mais efetiva, a compreensão do conceito de pessoa em situação de sem-abrigo, é também necessário perceber a diferença entre as pessoas que vivem sem teto e as pessoas que vivem sem casa, como elucidado pela Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo,

- Sem teto: pessoas a viver na rua, noutros espaços públicos (jardins, viadutos, estações de transportes públicos), abrigos de emergência (vagas de emergência em centros de alojamento) ou em locais precários (carros abandonados, vãos de escada, casas abandonadas);
- Sem casa: pessoas a viver em centros de alojamento temporário (Inclui as respostas da Segurança Social ou outras de natureza similar, locais para indivíduos ou famílias onde a pernoita é limitada, sem acesso a alojamento de longa duração), em alojamentos específicos para pessoas sem casa (apartamentos de transição, onde a pernoita é limitada, sem acesso a alojamento de longa duração) ou em quartos pagos (total ou parcialmente) pelos serviços sociais ou por outras entidades (ENIPSSA, 2021, p. s.p.).

Para um entendimento mais global, é importante ainda evidenciar o tempo de permanência em situação de sem-abrigo, dos indivíduos inseridos nesta problemática, descrito por (Meneses, 2012, citado por Louzada, 2020) como:

- O Crónico: “são pessoas que vivem à margem da sociedade e que têm problemas ligados aos consumos ou à saúde mental.”
- O Periódico: “são os que perdem a sua habitação devido ao desemprego, prisão, internamento hospitalar, etc.”
- O Temporário: “encontram-se nesta situação devido a um acontecimento inesperado (catástrofes naturais, divórcio ou perda de emprego, etc.), mas a sua capacidade de manter uma casa ou de ter uma, mantém-se estável.”
- O Total: “são os indivíduos que não têm qualquer capacidade de ter ou manter uma casa e nem qualquer tipo de suporte social.” (p. 6)

À guisa da exposição anterior, existe o entendimento de que estas pessoas vivem em grande vulnerabilidade social e como refere Mendes (2018) esta situação é assim definida “...como o nível de resiliência ou resistência dos indivíduos e comunidades quando expostos a processos ou eventos danosos, e resulta da conjugação da criticidade e da capacidade de suporte...”. (p. 479)

Como tal, pode-se concluir que, esta situação de vulnerabilidade social pode ocorrer em todas e quaisquer fases da vida dos indivíduos, quer sejam eles idosos, adultos, adolescentes ou crianças, e pelos mais diversos fatores quer sejam de saúde, económicos, sociais, habitacionais, laborais, podendo igualmente ser oriundos de causas ligadas à desestruturação familiar.

Com recurso aos dados disponibilizados pela Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo, através do inquérito datado de 31 dezembro de 2020, pode-se tomar consciência que em Portugal existem pelo menos 8209 pessoas em situação de sem-abrigo, “...do total apurado de pessoas em situação de sem-abrigo, 3420 (42%) encontram-se em situação de sem teto e 4789 (58%) em situação de sem casa”. (ENIPSSA, 2021, p. 13)

Através deste inquérito, é perceptível que as áreas geográficas com maior incidência são, as áreas metropolitanas, onde para além destas foi destacada também a região do Alentejo.

Os dados vertidos no referido inquérito mostram que são, maioritariamente, os homens de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 45 e 64 anos e também os jovens na faixa etária dos 18 aos 30 anos, que se encontram na situação de sem-abrigo.

Os fatores enumerados, no inquérito, para que estas pessoas ficassem em situação de sem-abrigo são: baixa escolaridade, baixos rendimentos, onde o desemprego e a precariedade no trabalho estão presentes. A maioria destes indivíduos, como apurado no inquérito, tem como única fonte de subsistência o rendimento social de inserção.

Outras razões enumeradas, no estudo, são problemas associados a dependência de álcool ou substâncias psicoativas, insuficiência financeira relacionada com os mais diversos motivos, sem fazer referência a problemas originados pela violência doméstica. Outros fatores que podem ser identificados na leitura do documento são: a ausência de suporte familiar, problemas diversos ao nível da saúde, proteção social insuficiente, questões de despejo ou desalojamento e também questões de imigração não regularizada.

Na observação e interpretação dos dados acima referidos, verifica-se o crescendo de uma variável, como o aumento de jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos na situação de sem-abrigo, situação esta que pode levar a vários questionamentos sobre quais os fatores que levam a que cada vez mais se assista ao surgimento de jovens em situação de sem-abrigo. Este raciocínio leva conseqüentemente, à formulação de novas premissas: estarão estes fatores relacionados com problemas socioeconómicos ou sociodemográficos, ou por sua vez estarão relacionados com precariedade laboral associada a baixo nível de instrução? Nesta reflexão, assente em hipóteses, também não é possível descurar a possibilidade de estes fatores poderem estar também associados a problemas de dependências, a problemas do foro psiquiátrico ou, igualmente, à perpetuação de problemas ou roturas familiares aliadas, eventualmente, a questões relacionadas com pobreza.

Ao serem fixados pressupostos, existe consciência que muitos outros fatores não referidos podem existir, dada a complexidade que envolve esta problemática.

A revisão bibliográfica, até agora desenvolvida, dá a conhecer faixas etárias distintas envolvidas na condição de pessoas em situação de sem-abrigo, no entanto será a população do intervalo etário entre os 18 e os 30 anos o universo de estudo deste projeto

de investigação, com o intuito de tentar apurar quais as razões que levam as pessoas destas idades a esta condição de vida.

1.2 Família

Na inclinação existente para as faixas etárias compreendidas entre os 18 e os 30 anos existe uma tendência para refletir, inevitavelmente, sobre família cuja conceituação se torna difícil dada a transformação/mutação que tem vindo a sofrer ao longo dos tempos, mas que segundo o entendimento de Bertoinie e Padilha (2017), é uma instituição a quem cabe,

um papel essencial na vida do homem, representando o modo pelo qual este se relaciona com o meio em que vive, priorizando a plena realização pessoal de cada membro familiar, com base no afeto, na busca pela felicidade, no respeito à dignidade da pessoa humana e seus direitos fundamentais. (p. 310)

À família, cabe a grande e a primeira fatia do processo de socialização, sendo que é aqui que cada indivíduo "...recebe as primeiras instruções sobre hábitos característicos do seu grupo social, recebe as primeiras lições de comportamento, cuja finalidade é prepará-lo para a vida social. Esses ensinamentos são importantíssimos na vida de qualquer indivíduo..." (Campos & Resende, 2016, p. 375), sendo esta a responsável por promover a educação e influenciar o seu comportamento, através da transmissão de hábitos, costumes, tradições, valores morais e sociais.

Dentro do contexto familiar, espera-se/prevê-se que o ambiente seja um lugar de partilha de afetos, um lugar seguro, um lugar com ausência de risco, um lugar que respeite e aceite a individualidade de cada um, sendo estes fatores de extrema importância para o bom desenvolvimento e crescimento de cada ser humano.

Ser pai ou mãe não significa só alimentar, cuidar da higiene do filho, cuidar da saúde, mas também educar ao longo da vida, papéis que se revelam de especial importância na formação da identidade dos seus filhos quer a nível pessoal, quer ao nível social.

Todo o desenvolvimento do indivíduo, está intimamente relacionado com o seu contexto familiar, assim, é possível deduzir que os jovens que se encontram em situação

de sem-abrigo, podem ter a montante uma carência de retaguarda familiar, originada por problemas de disfuncionalidade e de desestruturação das famílias, ao que pode estar associado desemprego e pobreza.

Esta situação, que coloca os jovens em rotas de perigo, para a qual Comissão Nacional de Promoção e Proteção dos Direitos das Crianças e Jovens em Risco (CNPCJR) chama a atenção quando refere que esta disfunção familiar “... compromete gravemente a criança e/ou jovem quanto à sua segurança, saúde, formação, educação e/ou desenvolvimento.” (CNPCJR, s.d., citado por Machadeiro, 2018, p. 16)

Este tipo de famílias, no entender de Campos e Resende (2016) “...possuem maior probabilidade de ter adolescentes que se envolvam precocemente em ações ilícitas, em virtude das situações vivenciadas que, por sua vez, podem interferir em sua formação de personalidade e de conduta moral.” (p. 368)

Face ao que referem os últimos autores, é bem visível a influência que todo o contexto familiar pode exercer sobre estes jovens, onde esta se torna na mola impulsionadora, para percursos de vida problemáticos e desviantes, que os remetem para a associação a pares que os conduzem ao mundo do crime e da delinquência, colocando-os em risco, o que é corroborado por (Fonseca, 2004, citado por Machadeiro, 2018) que “...existe uma maior probabilidade de um desenvolvimento problemático, se o menor pertencer a um grupo de pares que seja influente e que o motive a infringir as normas.” (p.17)

Contudo, em muitas circunstâncias, a retaguarda esperada pela família pode não servir de suporte, como seria de crer. Muitas vezes está-se perante abandono voluntário ou involuntário, dos jovens, facto que pode advir das mais diversas situações como, por exemplo: horários laborais incompatíveis com as entendidas normais rotinas familiares, como referem Campos e Resende (2016), “...é comum os membros ou, a maioria deles, estarem no mercado de trabalho para prover o sustento dos filhos. Com isso, delegam a função de educar e cuidar dos seus a terceiros ou, por vezes, os deixa sozinhos.” (p. 367)

Se aliado ao exposto anteriormente, forem acrescentados fatores como, horas extraordinárias e fraca instrução dos membros da família, é-se remetido para trabalhos precários onde os valores mensais de remuneração são bastante redutores para a estabilidade do agregado, o que leva a que qualquer ação desenvolvida pela mesma pode

levar a que estes jovens entrem em rutura com estes laços e se transformem em próprios agentes na sua vida, entrando por caminhos enviesados e desviantes.

Como referem as mesmas autoras,

essas crianças podem ficar mais vulneráveis ao envolvimento com drogas lícitas e/ou drogas ilícitas, que, com o tempo, passam a fazer parte de suas vidas e, quando os seus responsáveis percebem, já estão tomados pelo vício, abandonam a escola e passam a ter comportamentos reprováveis. (Campos & Resende, 2016, p. 367)

Assente nesta premissa, Quivy e Campenhoudt (1998), referem que,

o jovem já não é considerado o sujeito passivo de uma formulação concebida e inteiramente dominada pelos adultos. Manifesta-se cada vez mais como um sujeito ativo, com o seu próprio sistema de valores e capaz de fazer escolhas diferentes das dos mais velhos e mesmo de se lhes opor. (p. 95)

Pode-se assim, considerar através das afirmações anteriores que os jovens acabam por ter autonomia nas suas decisões, relegando para segundo plano as orientações familiares, traçando o seu trajeto para construir autonomamente aquilo que dará origem à sua história de vida.

De igual forma, existe a importância de ressaltar que estas histórias de vida, marcadas pela ausência de retaguarda familiar, onde a carência de tempo para sedimentar laços de afeto e respeito, podem estar na origem do aumento dos jovens em situação de sem-abrigo, factos estes que facilmente se podem tornar reais, e não fruto do imaginário dos autores que se debruçam a estudar estas questões.

1.3 Escola

No plano da educação, a escola pode fazer toda a diferença na vida de um jovem.

A escola é um espaço marcante na vida dos jovens para o seu desenvolvimento individual, como também espaço de extrema importância no processo de socialização, a par com a família, pode também interferir na compreensão dos jovens sobre o mundo

social e as suas particularidades. Estes momentos da vida dos jovens, como referem (Leandro et al, 2006, citado por Machadeiro, 2018) “... podem ser considerados como fatores positivos, uma vez que diminuem o risco a que a criança está exposta, podendo ser classificados como individuais, familiares, sociais e culturais.” (p.19)

Como tal a escola deve ser encarada como um dos pilares de extrema importância para a sedimentação de conhecimentos científicos, valores éticos e morais, como também para a construção da identidade e capacidade de interação e integração de todos os jovens, essencialmente dos que se podem encontrar em situação de risco.

Os jovens em risco, segundo Machadeiro (2018), “...podem apresentar dificuldades ou diversos problemas a vários níveis, podendo pôr em causa o seu bem-estar e desenvolvimento intelectual e físico, dadas as condições, às quais estão expostas, serem indesejáveis.” (p. 16)

Assim ganha força a necessidade de entender os contextos a que os jovens estão associados no seu processo de desenvolvimento, no sentido de procurar promover e desenvolver estratégias que possam contribuir para a proteção e prevenção dos riscos sociais a que estão expostos, transformando as fragilidades detetadas em forças positivas que revertam o processo de marginalização e exclusão a que estão votados no futuro, dotando-os de ferramentas que os capacitem a fazer escolhas conscientes e seguras, nomeadamente no plano da educação.

A educação de cada indivíduo dá-se através das situações vividas, experienciadas e influências sofridas, ao longo da vida.

O processo educativo não é unicamente o facto de partilhar e adquirir conhecimentos, educar é formar indivíduos para serem críticos, conscientes e ativamente participativos na sociedade.

A educação serve de formação geral do sujeito e é alcançada pela apropriação individual da cultura, incluindo regras sociais, regras comportamentais, etc. Um dos caminhos para a educação faz-se a partir das sucessivas práticas educativas que têm o seu início na família, e se estende à comunidade, à sociedade, ao trabalho e à escola, ou seja, os indivíduos aprendem/educam-se em diversos contextos de forma constante ao longo da vida.

A educação, de um ponto de vista amplo, pode ser entendida como um processo de aquisição de saberes múltiplos que vão sendo transmitidos de uma geração para outra, fruto do processo de socialização de cada pessoa.

Ao falar-se de jovens torna-se pertinente abordar o conceito de adolescência e as suas transformações e características, para que em seguida se perceba integralmente o que são jovens em risco e o impacto que todas estas transformações e alterações podem ter na vida de um jovem, no que se refere à sua educação e desenvolvimento.

A adolescência, no entendimento de Matos, Gonçalves, e Gaspar (2004) é “...um processo de transformação, com mudanças rápidas ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural, confrontando-se o jovem com a definição da própria identidade e autonomia.”. (p. 76)

Ao passo que jovens em risco no entendimento de (McWhirter e McWhirter 1998, citado por Fonseca, 2004, citado por Machadeiro, 2018) são jovens que se “...encontram perturbadas, deprimidas e ansiosas, sofrendo em casa e na escola, com medos, andando aborrecidas ou furiosas, confusas, receosas, onde para tal contribuem a violência e os conflitos de ordem familiar, o divórcio ou a ausência dos pais”. (p.16)

No entender de (Fernandes et al., 1996, citado por Gaspar, Alcoforado, Santos, & Pereira, 2021), no que diz respeito aos jovens, cabe à escola “... proporcionar-lhes as condições de socialização inerentes às fases de desenvolvimento, mas também devem assumir o papel complementar que lhes cabe na ação educativa...” (p.116)

Contudo, muitas vezes este tipo de conhecimentos e valores não são passados ou ficam estagnados, fruto em grande parte, de um percurso escolar bastante conturbado.

Aliado a todos estes problemas está também o insucesso escolar, o que leva a que dentro deste contexto, estes alunos sejam alvos de estigma social, rótulos e colocados ao “abandono”, até ao final do ano letivo.

Perante o que tem sido retratado, existe o entendimento, que a escola apesar do percurso destes jovens, deve a par da responsabilidade de disseminar conhecimento, manter um olhar vigilante, atento e encontrar soluções que se adaptem às necessidades de cada aluno, o que é corroborado por Matos, Gonçalves e Gaspar (2004) quando referem que é preciso “...que a escola garanta a igualdade de oportunidades para todos

os alunos, sendo necessário para tal encontrar respostas diferenciadas em função das necessidades específicas de cada um e atendendo aos seus antecedentes sociais e culturais.” (p. 77)

Dentro desta conjuntura, a escola exerce um papel primordial na consolidação da construção de grande parte da identidade de cada aluno, e como referem Dessen e Polonia (2007), a escola “...tem como objetivo promover uma aprendizagem de forma contínua proporcionando, ao aluno, formas diversificadas de aprender...” ao “...considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos”. (pp. 26-27)

Por este ponto de vista a escola faz parte integrante do crescimento das crianças e jovens através do apoio que dá na edificação e apropriação de novos conhecimentos, através da confrontação com novas culturas e realidades, o que leva à solidificação de valores importantes para viver plenamente em sociedade.

Esses princípios têm como objetivo promover a inclusão, independentemente do contexto histórico, social ou cultural, reduzindo as desigualdades sociais no acesso à aprendizagem que possam existir no ambiente escolar. Buscando assim, garantir que todos os alunos, por meio das ferramentas fornecidas, tenham a oportunidade de desenvolver as suas capacidades individuais e coletivas, superando um dos primeiros obstáculos nas suas vidas, que é alcançar o sucesso escolar.

“Inclusão social implica participação ativa no grupo social pautada no respeito à diversidade individual e à pluralidade cultural.” (Mazzotta & D`Antino, 2010, pp. 387-388), ou seja a inclusão deve acontecer através de ações muito bem delineadas por forma a que todos sejam envolvidos e participem de forma efetiva.

E uma das estratégias como refere Tavares (2003) é que ,

os principais beneficiários da Educação devem ser os alunos e as suas famílias, pelo que todas as políticas, iniciativas ou acções devem ser avaliadas em função das mais valias com que irão, ou não, beneficiá-los. E o espaço onde tais benefícios podem ser auferidos é a Escola, a qual deve voltar a ser prestigiada, contrariando as influências massificadoras que têm prevalecido sob a capa do combate ao elitismo. (p. 79)

Dentro deste raciocínio para que haja inclusão é também necessário o diálogo onde se possa discutir em conjunto sobre o que pode ser feito, discussão essa onde também os alunos devem ser incluídos, para que o trabalho realizado seja contínuo e progressivo, por meio de uma inclusão participativa e efetiva da sua integração ao grupo onde interage por forma a que se perceba e aceite a diversidade e a diferença.

Torna-se importante também que a escola reflita sobre todos os pontos que têm vindo a ser mencionados ao longo do texto e ao aceitar todos os alunos, perceba que alguns podem ter carências educativas específicas para que realmente a aprendizagem significativa se dê.

Importa referir que os alunos com necessidades educativas especiais podem estar enquadrados dentro dos mais diversos problemas biológicos ou sociais entre os quais se pode dar como exemplo, os alunos superdotados, alunos com défice de aprendizagem, os alunos filho de pais com dependências, alunos membros de grupos minoritários, fatores estes que podem contribuir para a diferença ou desmotivação que provoca maus resultados dentro de uma sala de aula, devendo assim ser tratados de acordo com as situações identificadas.

Para existir realmente a inclusão, os alunos merecem um desenvolvimento integral, através da eliminação dos pré-conceitos, para que não sejam alvos de discriminação e de rótulos e para que tal situação não aconteça é necessário promover uma estrutura adequada, que lhes dê acesso a recursos e materiais didáticos e pedagógicos de acordo com as suas particularidades no sentido de que a inclusão seja uma realidade.

“A escola inclusiva rompe com a falsa teoria igualitária face aos objetivos escolares, assente no princípio de tratamento igual de todos os alunos, mantendo as desigualdades de partida.” (Brocardo, 2009, p. 7)

Os jovens que ainda não foram incluídos, por tudo o que já foi referido, não podem esperar por tempo indeterminado, e como tal, entende-se que deve ser feita uma avaliação para que os profissionais, desde logo, disponham de dados mais concretos sobre as reais capacidades do aluno para que no menor espaço de tempo possível lhe possa dar o apoio necessário.

Tendo em conta as diferenças que possam existir entre os alunos e as suas dificuldades e “...que nenhuma criança é ineducável, torna-se, também, evidente que toda a criança pode aprender. As suas dificuldades de aprendizagem emergem, a maioria, de factos e circunstâncias envolventes da criança...” (Fernandes, 2004, p. 162), entende-se por tal, como necessário, quebrar barreiras e implementar adaptações alternativas curriculares por forma a conseguir realizá-las, produzi-las e aplicá-las com facilidade para depois em sala de aula, que por norma são bastante heterogéneas, as conseguir aplicar e aí sim haver avanços.

Pertencer a um grupo, a uma determinada família, e a determinado contexto económico leva na maior parte das vezes a uma existência social marginalizada, mas, que ao mesmo tempo se encontra integrada na sociedade maioritária por estar no mesmo território, o que pode gerar conflitos, ganhando aqui especial relevância o papel que pode ser desempenhado pelo técnico de Serviço Social, como mais à frente será abordado.

“Os sujeitos com nível socioeconómico baixo, onde se situam muitos sujeitos [...] apresentam fracasso escolar e representações negativas da escola, desistência precoce perante o fracasso, de responsabilização pelos resultados da realização, sentimentos de desânimo e “abandono aprendido”. (Matos, Gonçalves, & Gaspar, 2004, pp. 76,77)

E assim, a escolarização deve ser entendida como um equilíbrio entre as necessidades da sociedade e o que os jovens aspiram que seja respeitado para garantir a sua inclusão.

Partindo de uma solução básica, a escola para maior proximidade, aceitação e acima de tudo aprendizagem, teria que adotar assuntos, exemplos e matérias que tenham uma representação real na mente dos jovens e não se limitarem ao abstrato ou seja, não falar só sobre temas abstratos e sem significado do seu dia-a-dia, porque os jovens quando entram no contexto escolar são portadores de saberes, que podem ser usados e ser facilitadores para a aprendizagem, dando assim força ao pensamento de Freire (1997) quando afirma que “...ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo.” (p. 37)

À guisa da reflexão anterior, sobressaem algumas interrogações a saber: Porque será que os jovens oriundos de contextos socioeconómicos menos favoráveis têm menos sucesso escolar? Será que não possuem habilidades e competências? Ou terá a escola de

adotar diferentes estratégias que levem os alunos para uma aprendizagem efetiva, por via de instrumentos apelativos que transformem a aprendizagem em momentos significativos, como o despertar da curiosidade individual sobre a realidade do mundo, caminhando assim, no sentido de uma inclusão realista.

“A forma como os alunos se vêm a si próprios é influenciada por todos os agentes educativos: pais, professores e pares que os envolvem.” (Quinta, 2014, p. 28)

Cabe também à escola e aos seus docentes mobilizar estratégias de sensibilização e consciencialização das populações em causa para que as mesmas, para além da tomada de consciência da sua situação de risco percebam as reais potencialidades que dispõem, para sair desse ciclo negativo, que como refere Quinta (2014) “...a identificação das potencialidades de cada aluno e a sua maximização poderão representar um papel chave no desenvolvimento...” (p. 29), reforçando a sua autoestima que funcionará como ferramenta de reversão de processos negativos que os farão resvalar para os precipícios da vida.

Como referem Matos, Gonçalves e Gaspar (2004)

A promoção de competências pessoais e sociais pode constituir uma estratégia para a construção de alternativas e de formas de lidar com os desafios mais adequadas, sobretudo em situações onde os factores sociais, económicos e ambientais podem constituir factores ligados ao risco. (p. 84)

Metodologias de ensino alternativas, podem trazer para o contexto escolar grandes mudanças, essencialmente para os alunos que não se revêm com o ensino tradicional, mudanças essas, para as quais existe o entendimento, de trabalharem um fator fundamental, que é a motivação.

A motivação na educação, como referido por (Lemos, 1989, citado por Quinta, 2014) “...é valorizada como determinante do sucesso escolar e como um fim educativo em si mesma, no sentido de promover nos alunos uma motivação positiva e intrínseca face à aprendizagem...” (p.29) e como refere o mesmo autor “... um processo interativo que envolve o professor, a situação de aula e os alunos...” (p. 27). O que funciona como

alavanca para que os indivíduos se envolvam, queiram ser parte integrante, disponibilizando a sua presença e a sua vontade.

Em todo este processo motivacional os professores desempenham um papel fulcral, no desenvolvimento e na aprendizagem destes jovens, onde paralelamente, de forma consciente e/ou inconsciente, trabalham a integração e a inclusão social.

O interesse e os resultados dos alunos são profundamente influenciados pelo clima ou o espírito particular de cada escola, na medida em que um ambiente de entreajuda, cooperação e amizade é propício a experiências mais fortes e duradouras, que tornam a escola um espaço querido. (Pinto, 2012, citado por Quinta, 2014, p. 30)

Uma parte dos problemas destes jovens em risco têm resoluções com grau elevado de complexidade, o que naturalmente, se entende que, apela a uma formação específica e aturada dos professores, porque à semelhança de qualquer tipo de intervenção, se não houver um conhecimento fundamentado e com um objetivo devidamente delineado esta pode trazer ainda mais problemas de desajuste a este tipo de jovens.

No contexto escolar entende-se, que o professor, deve desempenhar também um papel de mediador, onde se transforme em um elemento de referência, devendo assim estar sempre ao corrente de toda a envolvimento da vida dos seus alunos.

Os professores ao desempenharem um papel de mediador irão, como é referido por Oliveira e Freire, (2009) ajudar

na resolução de problemas, no estabelecimento de compromissos ao longo do processo formativo, na gestão de alguns conflitos, assumindo então uma função de negociadores/mediadores [...] onde descodifique as [...] formas de comunicar, linguagens, pensamentos, estilos de vida do grupo (p.38).

Face ao que até aqui tem sido referido, pode-se verificar a importância do papel do professor na vida dos seus alunos. A sua atuação, deve assim, assentar numa relação de proximidade e transparência alicerçada numa base de diálogo e cumplicidade, como arma de prevenção contra questões que envolvem o desinteresse e o insucesso escolar.

Por vezes, é possível através do uso de práticas educativas alternativas, trabalhar as mais diversas questões, como disciplina, regras de conduta, respeito pelo próximo, de uma forma subtil, mas acima de tudo capacitadora e empoderadora, que poderão influenciar positivamente o desenvolvimento de competências e refletir-se na vida e nos comportamentos dos jovens em risco, potenciando nomeadamente a sua inclusão no mercado de trabalho, enquanto condição essencial para o estabelecimento de um estilo de vida à margem do risco que até aqui tem sido abordado.

Não será este o caminho?

Contudo tem-se presente que, como em todos os contextos escolares, é extremamente difícil para a escola e seus docentes, suprir todas as necessidades e todos os problemas que possam surgir, mas entende-se como possível pelo menos mitigá-los.

Como tal, tantas formas de educação alternativas, muitas vezes esquecidas no tempo, poderiam ser pensadas e postas em prática, tendo como base os princípios das metodologias pedagógicas que dão primazia ao desenvolvimento físico, espiritual e artístico dos indivíduos para que estes se sintam plenos no seu desenvolvimento e integrados na sociedade, nomeadamente dos jovens, sempre com o compromisso de proporcionar um ambiente de ensino e aprendizagem, confortável, seguro e alegre onde todos sintam a liberdade e a confiança para descobrir as suas próprias capacidades, como forma de despertar o desejo e a curiosidade pela aquisição de novos conhecimentos.

Para os jovens, muitas vezes, o ensino pode não ser encarado como um veículo promotor e impulsionador para a sua vida futura. Assente neste raciocínio, existem autores que defendem pontos de vista díspares relativamente aos jovens de estratos sociais mais pobres, onde por um lado, os jovens acham que "...o ensino escolar demasiado teórico, acusam a escola de não conseguir lidar com os problemas e as necessidades de muitos alunos e sentem-se desacompanhados nas opções escolares..." (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 58), por outro lado defende Guerreiro (1998), referido pelos mesmos autores que é "...uma aspiração efectiva a permanecer na escola, ainda que contrariada pelas contingências do quotidiano..." (p. 58)

Contudo, apesar de a escola ser um veículo que leva ao empoderamento dos jovens, fatores como: a dificuldade de ingresso no mercado do trabalho, rutura com os laços familiares e sociais, conduzem por vezes, à adoção de comportamentos desviantes.

Estes processos são denominados por Guerreiro & Abrantes (2007) de “... “buracos negros”, situações em que os jovens não estão integrados em qualquer das esferas (educação, emprego, família), mergulhando em processos de exclusão e isolamento.” (p.162). Pode-se, assim, concluir que para esses jovens, em contexto de risco, a rua passa a ser a sua casa onde cada um toma por livre-arbítrio regras, disciplina, aprendizagem e modos de sobrevivência, correspondendo a um processo de “... individualização, segundo a qual os jovens têm mais liberdade, mas contam apenas consigo para lidar com os riscos e oportunidades, ou seja, para construir o seu trajecto de vida...” (Guerreiro & Abrantes, 2017, p.40), trajetos de vida esses que se representarão, como referido por Pais (2001), em vidas labirínticas e precárias que na maior parte das vezes leva a situações de pobreza e marginalização.

1.4 (Des)Emprego

O processo de transição dos jovens para a vida adulta, como refere Pais (2001) é uma viagem de ilusões assentes em desejos formulados como, resultados escolares, bons trabalhos, ter habitação e naturalmente ser mais um agente da sociedade de consumo. (p. 76)

No entanto a linearidade deste processo de transição, como se subentende, atualmente por fatores estruturais e económicos e sociais, não condiz com o sonho dos jovens, transformando-se essa dificuldade numa condição que os leva a relegar para segundo plano aquilo que seria socialmente normal, ou seja, a natural transição para uma vida ativa e adulta, que permitisse a concretização de todos os desejos formulados.

Tempos houve em que fazer a transição para a vida ativa e buscar melhores oportunidades de trabalho para uma qualidade de vida satisfatória era uma tarefa fácil. No entanto, nos dias atuais, essa ideia é apenas uma ilusão, uma vez que os contratos laborais estão a tornar-se cada vez mais precários.

Existem atividades laborais de maior ou menor qualidade, contudo os jovens enfrentam grandes dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

A precariedade dos trabalhos quando aliado à fraca instrução dificulta em muito a transição do contexto escolar para o mundo laboral encurralando os jovens em percursos labirínticos com referido por Pais (2011) “... a vida de muitos deles é como jogar e ser

um brinquedo, é um emaranhado, é um labirinto que enreda a vida. Os seus percursos entrecruzam topias e utopias sucessivas.” (p. 68)

Quando se é levado a refletir sobre precariedade laboral, sobressaem baixos salários, contratos precários, horários laborais em nada flexíveis que se coadunem com contextos familiares e pessoais, levando a que se adie cada vez mais a independência económica.

A situação descrita gera uma profunda desmotivação para aqueles que lutam para se integrar plenamente na sociedade. Enfrentam obstáculos significativos, como exclusão social, agravamento da situação financeira e falta de acesso a ambientes saudáveis. Esses desafios podem ser intensificados pela influência de companhias e amizades desviantes, que agravam ainda mais a falta de recursos psíquicos, financeiros e sociais necessários para superar a pobreza e a exclusão social. Como resultado, muitas vezes acabam em situação de falta de moradia, tornando-se pessoas em situação de sem-abrigo.

1.5 A pobreza e a exclusão social como condição limitadora da dignidade humana

Pobreza, um problema de enormes abrangências e que arrasta consigo muitos indivíduos, um dos dilemas mais preocupantes e complexos da sociedade, onde a privação de meios de subsistência, fazem advir um corolário de situações negativas na vida de quem a vive na primeira pessoa.

Pobreza, uma problemática polissémica que pode ser entendida como uma situação que priva o acesso a bens e serviços essenciais a qualquer ser humano, a condições de vida que se possam chamar dignas, onde a falta de recursos económicos, se entende como, a base de todo este enorme problema.

Pessoas em situação de pobreza são particularmente atingidas por uma grande privação de acesso a bens condignos de primeira necessidade como: alimentação, cuidados de saúde, habitação e educação.

Como tal, pobreza entendida por Costa (2007) é uma “...situação de privação resultante de falta de recursos. Esta definição tem duas partes que interessa sublinhar:

privação e falta de recursos, termos entre os quais existe uma relação de causa e efeito.” (p. 27)

Esta diferenciação que o autor faz entre privação e falta de recursos, vêm sedimentar ainda mais o conceito de pobreza, onde a privação é explicada por Costa (2007) como,

más condições de vida. Este é, porventura, o lado mais visível da privação e da própria pobreza. Normalmente trata-se de privação múltipla, isto é, em diversos domínios das necessidades básicas: alimentação, vestuário, condições habitacionais, transportes, comunicações, condições de trabalho, possibilidade de escolhas, saúde e cuidados de saúde, educação, formação profissional, cultura, participação na vida social e política, etc. (p. 27)

A falta de recursos, conforme entendida pelo mesmo autor “...impedirá, naturalmente, ou limitará fortemente, o acesso ao mercado de bens e serviços” (Costa A. B., 2007, p. 28)

O facto de ser pobre, faz com que as pessoas inseridas dentro deste contexto, suportem variadas desvantagens, como “...desemprego, rendimento baixo, habitação pobre, cuidados de saúde inadequados e barreiras à aprendizagem ao longo da vida, cultura, desporto e lazer...”. (Borba & Lima, 2011, p. 228).

Importa aqui referir que, dentro do conceito pobreza existem ainda duas outras categorizações, para o seu melhor entendimento, que são elas a pobreza absoluta e a pobreza relativa, onde a primeira (pobreza absoluta) é entendida por (Rodrigues et al, 1999, citado por Borba & Lima, 2011) como “...uma grave privação das necessidades humanas básicas, incluindo a alimentação, segurança, água potável, saneamento básico, saúde, moradia, educação e informação...” (p.228), já a pobreza relativa “...é quando os rendimentos e os recursos de uma pessoa ou comunidade são inadequados para ter um padrão de vida considerado aceitável na sociedade em que vivem...”. (p. 228)

Ao inumerar todos estes indicadores, relativamente ao conceito de pobreza, está-se a referir a pessoas ou famílias “...cujo rendimento equivalente se encontra abaixo da

linha de pobreza definida como 60% do rendimento mediano por adulto equivalente”, que se refere a recursos monetários inferiores a 540 euros mensais (INE, 2021, p. s.p.).

Algumas das grandes razões de existirem pessoas em situação de pobreza, fruto da falta de recursos económicos, é o desemprego, emprego com baixa remuneração, baixas qualificações, trabalhos sazonais, o envelhecimento geral da população (baixos valores das reformas e subsídios de velhice), situações estas que atingem uma parcela substancial da população portuguesa.

Aqui, existem duas dimensões, de extrema importância, que se torna necessário realçar, e que são determinantes quanto à perpetuação da pobreza, que são elas o valor do trabalho e a precariedade dos vínculos laborais.

No que concerne ao valor do trabalho, este leva em muitas circunstâncias a situações dramáticas, onde os valores das remunerações não dão para suprir as necessidades básicas mensais (custos com habitação, alimentação, saúde etc.) onde em muitos casos o facto deslocação absorve uma parte substancial do vencimento, conduzindo a que as pessoas não consigam manter o referido posto de trabalho, fazendo com que sejam alvos de estereótipos e ideias pré-concebidas.

A vulnerabilidade relativamente à precariedade dos vínculos laborais, pode levar a uma fragilização do trabalhador, expondo-o, ainda mais, ao fator pobreza. Esta precariedade é uma questão central, que irá levar à agudização, por um lado da pobreza infantil (fruto dos poucos recursos económicos do agregado familiar), como também, pôr em causa o direito à maternidade/paternidade.

Como tal, quando se fala em pobreza, não será coerente remeter o pensamento unicamente para a falta de recursos económicos, mas também para todos os problemas que consigo arrasta.

A privação às quais os indivíduos estão sujeitos consiste na negação do acesso a condições que possibilitariam uma vida mais favorável. A ausência dessas condições resulta em grande vulnerabilidade social para todas as pessoas fragilizadas.

Como já referido, anteriormente, ser pobre leva a grandes vulnerabilidades sociais, vulnerabilidades essas, que em muitos casos, leva a questões de desigualdades sociais, ou seja, a “...sistemas de diferenças que se traduzem em desvantagem duradouras

e penalizadoras de indivíduos e grupos e que são geradas, mantidas e reproduzidas – independentemente de méritos ou deméritos individuais...” (Almeida, 2013, citado por Sales, 2018, p. 16).

Se a condição de pobreza deixou o indivíduo em uma posição de vulnerabilidade e dificulta o acesso às condições básicas necessárias para estar em igualdade com os demais cidadãos, que é amplamente conhecida como desigualdade, fica evidente que essas pessoas estão em risco de exclusão social. Esse conceito é compreendido por (Castel, citado por Costa, 2007) como

a fase extrema do processo de «marginalização», entendido este como um percurso «descendente», ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas na relação do indivíduo com a sociedade. Um ponto relevante desse percurso corresponde à rutura em relação ao mercado de trabalho, a qual se traduz em desemprego (sobretudo desemprego prolongado). (p.10)

Alguns indicadores, que se entendem como pertinentes, para espelhar a intensidade de pobreza no nosso país são, a quantidade de pessoas beneficiárias de prestações sociais, com valor inferior ao salário mínimo nacional, podendo-se verificar que, segundo a PORDATA (2021), existem 257.844 pessoas a beneficiar do rendimento social de inserção, 205.303 do subsídio de desemprego, 36.158 do subsídio social de desemprego, 1.430.254 com pensão de velhice, 154.829 com pensão de invalidez, entre outras. Razões pelas quais, se entende, que é de suma importância a implementação de políticas sociais consistentes, para reverter esta situação, como é o caso da Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030.

A Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, surgiu de um compromisso do XXII Governo Constitucional e assenta no Pilar Europeu dos Direitos Sociais que “...visa melhorar a aplicação dos direitos dos cidadãos, com base em 20 princípios fundamentais [...] que constituem o quadro de orientação para a construção de uma Europa social forte, justa, inclusiva e plena de oportunidades.” (UE, 2021, p. s.p.)

Os, 20 princípios fundamentais do Pilar Europeu dos Direitos Sociais têm como alicerces centrais a Igualdade de oportunidades de acesso ao trabalho, Condições de trabalho justas, Proteção social e Inclusão.

Em Portugal, foi sentida uma redução de desigualdades entre os anos de 2016 e 2019, fruto da criação de emprego, do reforço de apoios sociais e de serviços públicos. Com os progressos sentidos através destes reforços, foram visíveis melhorias, o que levou a saírem entre 2015 e 2020, 700 mil pessoas do risco de pobreza e exclusão social.

Contudo, ainda se tornou necessário inscrever um conjunto de políticas públicas, dado ainda permanecerem nas mesmas condições, 2 milhões de pessoas, nascendo assim a Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, que “...está inserida num contexto alargado da ação governativa, sendo condição habilitante do Portugal 2030 e sendo uma das reformas inscritas no Programa de Recuperação e Resiliência, contribuindo para a coerência e eficácia dos investimentos inscritos nestes dois programas.” (Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, 2021, p. s.p.)

A Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, tem como objetivo central a “...erradicação da pobreza, enquadrado no desafio estratégico de redução das desigualdades...” (p. s.p.), com o objetivo específico de retirar “...360 mil pessoas da situação de risco de pobreza ou exclusão social, incluído 120 mil crianças.” (Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, 2021, p. s.p.).

Apesar de em Portugal se ter implementado instrumentos de redução da intensidade da pobreza, ainda é evidente a necessidade do reforço e articulação das políticas públicas, como forma de diminuir esta situação para, assim, quebrar com os seus ciclos de reprodução, “...não apenas retirando as crianças da condição de pobreza, mas garantindo-lhes as condições para que possam ter um futuro com melhores condições que as gerações que os precederam...” (Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, 2021, p. s.p.)

A Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, resulta da articulação entre os restantes instrumentos de políticas públicas que visam apoiar as pessoas em contexto de vulnerabilidade, e

tem por base uma abordagem global, multidimensional e transversal de articulação das políticas públicas e atores, definindo prioritariamente seis Eixos de intervenção, em estreita articulação com o Pilar Europeu dos Direitos Sociais e o respetivo Plano de Ação

e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 (Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, 2021).

A Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030, tem seis eixos estratégicos centrais de dimensões de trabalho, que são eles:

- a) Reduzir a pobreza nas crianças e jovens e nas suas famílias;
- b) Promover a integração plena dos jovens adultos na sociedade e a redução sistémica do seu risco de pobreza;
- c) Potenciar o emprego e a qualificação como fatores de eliminação da pobreza;
- d) Reforçar as políticas públicas de inclusão social, promover e melhorar a integração social de pessoas e grupos mais desfavorecidos;
- e) Assegurar a coesão territorial e o desenvolvimento local;
- f) Fazer do combate à pobreza um desígnio nacional. (p. s.p.)

Assente nestes eixos de trabalho e nos objetivos estratégicos de cada um, conclui-se que estes irão incidir sobre as pessoas e famílias mais vulneráveis, dando especial atenção à proteção de crianças e jovens.

A estratégia nacional de combate à pobreza é um documento de extrema importância, mas é necessário que as medidas traçadas nos seus eixos sejam convertidas em instrumentos e objetivos que resultem em intervenções singulares e reais. Onde é necessária uma ampla consciência coletiva de cidadania e direitos sociais, através da melhoria quanto à sua eficácia e eficiência das políticas sociais e também na articulação entre si, onde se criem condições estruturais sólidas, multissetoriais e transversais, para proporcionar a (re)integração das pessoas atingidas pela pobreza.

Ao considerar a dimensão das pessoas em situação de sem-abrigo nesta problemática, torna-se evidente o alto risco de vulnerabilidade, discriminação e exclusão a que estão sujeitas. Diante dessa realidade, esta estratégia mostra-se promissora para promover a inclusão dessas pessoas.

1.6 O Serviço Social - Intervenção com pessoas em situação de sem-abrigo

O trabalho desenvolvido na área de atuação do Serviço Social tem por base a intervenção nos problemas sociais e na mudança social, dirigindo-se principalmente às pessoas com maiores vulnerabilidades com o intuito da redução das desigualdades e das injustiças, assentando numa abordagem de cooperação e de partilha.

Conforme descrito no Código Deontológico da Associação dos Profissionais de Serviço Social:

O Serviço Social é uma profissão de intervenção e uma disciplina académica que promove o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o empowerment e a promoção da Pessoa. Os princípios de justiça social, dos direitos humanos, da responsabilidade coletiva e do respeito pela diversidade são centrais ao Serviço Social. Sustentado nas teorias do Serviço Social nas ciências sociais, nas humanidades e nos conhecimentos indígenas, o Serviço Social relaciona as pessoas com as estruturas sociais para responder aos desafios da vida e à melhoria do bem-estar social. (Associação dos Profissionais do Serviço Social, 2018, p. s.p.).

Como tal, para se desenvolver um trabalho social eficaz, a teoria e a prática devem ser utilizadas em simultâneo por forma a se alterarem mutuamente e se ajustarem à realidade.

Aliado ao anteriormente referido a atuação do técnico de Serviço Social deve ser pautada pela promoção da inclusão, através do envolvimento e participação das pessoas, para assim se obter uma ideia real do contexto de intervenção, que levará a uma melhor identificação dos mecanismos necessários ao atendimento das necessidades da população em causa.

Sendo a situação de sem-abrigo, uma condição que relega as pessoas para um escalão carenciado e até marginalizado, torna-se um grupo de especial relevância para

esta competência do técnico de Serviço Social, no que à inclusão social diz respeito, no sentido de os envolver no processo de integração, dando-lhes voz.

É neste sentido que surge a necessidade do apoio social, como um instrumento prioritário na melhoria das condições socio económicas, direcionado para a melhoria da qualidade de vida em comunidade e consequentemente a prevenção de desigualdades e exclusão social.

O apoio social à população mais carenciada é o pilar central do trabalho desenvolvido pelo assistente social. A tarefa que o assistente social desempenha nesta área, desenrola-se à semelhança de todas as outras vertentes de atuação, onde tem por base proporcionar um melhor bem-estar social para os indivíduos, grupos e comunidades, através da promoção e da facilitação do crescimento e da realização pessoal do indivíduo.

Para que se efetive este bem-estar nos indivíduos, o técnico de Serviço Social deve estar em constante processo de interação com os outros profissionais e, também, em constante formação, o que irá influenciar mutuamente um trabalho social reflexivo.

Assente nesta premissa, as pessoas que são acompanhadas pelos assistentes sociais ganham o poder sobre os seus próprios sentimentos e sobre a sua forma de vida. Através deste poder pessoal, os indivíduos, ficam habilitados a superar ou a elevar-se acima do sofrimento e da desvantagem, e também a participarem e colaborarem no processo de reabilitação ao nível da inclusão.

A intervenção feita por estes técnicos, procura incrementar relações mais igualitárias, com o intuito de lutar por uma sociedade mais justa, onde seja possível todos terem um lugar, onde as pessoas em situação de exclusão social devem ser as principais beneficiárias do trabalho social. Como referido pela Federação Internacional dos Assistentes Sociais (IFSW, 2016) “...localiza-se o bem-estar social em contexto mais amplo de um modelo de desenvolvimento social que torna a proteção social transformadora, levando a resultados económicos positivos, a sociedades mais sustentáveis, estabilizadas, resilientes e harmoniosas.” (p. s.p.)

O papel do assistente social, nesta área de intervenção, assenta nos objetivos de atender e acompanhar as pessoas em situação de sem-abrigo, atuando sobre os seus problemas, sempre informando sobre os seus direitos, deveres e benefícios sociais, em

estreita articulação com as estruturas da comunidade, desenvolvendo assim trabalho em rede, com o intuito de apoiar no acesso a ajudas técnicas diversificadas.

A intervenção do assistente social, deve sempre ser pautada por uma avaliação diagnóstica pormenorizada da realidade da pessoa, através de elementos que consigam identificar o seu contexto familiar, o seu meio envolvente, recursos existentes e as repercussões que a situação de sem-abrigo possa trazer para a pessoa, para assim conseguir mobilizar estruturas sociais (parceiros, redes formais e informais, recursos da comunidade a nível intrainstitucional e interinstitucional), como forma de as dotar de ferramentas empoderadoras.

Como é referido pela Associação dos Profissionais do Serviço Social (2020), “...intervenção social, tem como base um conjunto de procedimentos inerentes à sua especificidade: a entrevista de acolhimento, definição do diagnóstico social, a elaboração de um plano individual de acompanhamento psicossocial à família e a garantia da continuidade de cuidados.” (p. 18)

O assistente social na sua intervenção deve sempre ter por base o apoio psicossocial através da capacitação da pessoa, onde ela só acontece através da adoção de estratégias participativas da mesma, através da coresponsabilização na delineação do seu projeto de vida. Onde a integração e a inclusão são os principais objetivos do técnico, para que a vida da pessoa seja o mais normal possível.

Os assistentes sociais trabalham em comunidades com as pessoas encontrando caminhos positivos para avançar nos desafios que enfrentam em suas vidas. Eles ajudam as pessoas a construir o tipo de ambiente em que querem viver, através da codeterminação, coprodução e responsabilidade social. (IFSW, 2016, p. s.p.)

De tal forma e partindo dos princípios basilares de atuação do técnico de Serviço Social, este tem como pilar de intervenção a melhoria de vida da população, garantindo a equidade de acesso a bens e serviços, numa base de justiça, essencialmente perante quem se encontra em vulnerabilidade social.

Todo o trabalho do técnico em plena articulação com todos os outros agentes de intervenção podem servir de elo para a intervenção necessária e orientadora.

A atuação do técnico de Serviço Social passa por fortalecer os vínculos, como forma de aproximação, para assim ser levada em conta as necessidades, potencialidades e aspirações futuras, para em conjunto ser delineado um projeto de vida.

Partindo desta premissa cabe também ao técnico de Serviço Social funcionar como um agente mediador, entre a pessoa e a comunidade, onde através do respeito pela individualidade de cada um, mostrar os caminhos facilitadores para a plena inclusão social, através do encaminhamento para resposta adequada às suas necessidades.

Neste sentido, a mediação e o mediador têm vindo a ganhar bastante relevo no campo da intervenção social, nos mais diversos âmbitos de atuação.

A mediação por norma acontece quando existe uma situação de conflito e como tal, pode ser entendida como um processo opcional de articulação, ou seja, como refere (Almeida, 2001, citado por Olveira & Freire, 2009) "... um meio alternativo de resolução de conflitos, modo de regulação social, método de transformação social e cultural." (p.13) onde tem como princípio criar "... estruturas capazes de reconciliar diferenças entre indivíduos em conflito, funcionando como um meio de ajuda, proporcionando a cada indivíduo a possibilidade de se responsabilizar cada vez mais por si, ajudando também a descobrir as suas capacidades individuais." (p. 20).

Assim, o papel de mediação feito pelo técnico de Serviço Social reveste-se de relevada importância, para auxiliar e impulsionar a interação, com o propósito de restaurar e restabelecer as relações.

O mediador "... é um elemento externo que conduz a negociação de forma imparcial [buscando a equidade] entre dois lados opostos, assegurando, como pilar da mediação, que um ganha e o outro não perde..." (Vieira, Marques, Silva, Vieira, & Margarido, 2020, p. 71)

Um mediador sociocultural

é o profissional que, no domínio das técnicas e procedimentos adequados, organiza, coordena e/o desenvolve a promoção sociocultural de grupos, pessoas e comunidades, atividades essas inseridas nas estruturas e objetivos de administração local e/o serviços públicos ou privados de carácter social e cultural, fomenta o diálogo intercultural e a

inclusão social, bem como estimula o respeito e o conhecimento da diversidade (Oliveira & Freire, 2009, p. 25)

Existe assim, uma necessidade de reconhecer que como mediador, o técnico de Serviço Social tem um papel fundamental na mediação sociocultural, onde os pilares da sua intervenção devem estar centrados na observação, na atenção ao meio envolvente, e com escuta ativa, buscando promover soluções intermédias sempre com base no diálogo.

Para que a mediação feita pelo técnico de Serviço Social aconteça na sua total extensão é, também necessário que este tenha presente as realidades culturais, sociais e pessoais de ambas as partes envolvidas, com o intuito de capacitar e assim chegar a uma mudança e a uma transformação das relações humanas.

Assim, pode-se concluir que o Serviço Social desenvolve-se no âmbito da intervenção social, neste sentido, todo o trabalho é orientado para os indivíduos e grupos com problemas que podem ser tratados a partir de instâncias diversificadas (tendo em conta que por trás de cada decisão existe uma complexa combinação de fatores e elementos que influenciam tais decisões), no sentido de lhes darem o empoderamento necessário, incluindo o fornecimento de informações relevantes, como também, habilidades vitais que visem a integração a nível do bem-estar social, podendo ter a sua intervenção observada sobre vários ângulos da socialização dos sujeitos, buscando assim uma mudança social e não só uma transformação individual, como forma de prevenir a perda de identidade social que muitas vezes acontece às pessoas que estão em situação de sem-abrigo, onde estas são relegadas a um anonimato por exclusão.

É a este campo de ação que se refere a abordagem do assistente social, que está direcionada para o reforço das competências do indivíduo, no sentido de tentar reverter a sua situação de exclusão, encaminhando-o desta forma para uma vida plenamente integrada.

O assistente social, é um profissional fundamental no campo social ideal, onde deve ser o elo da diferença que permaneça na memória de quem passa e ficar como alguém que estimulou, que acreditou, que apresentou caminhos, que reatou esperanças, pela contemplação de uma relação igualitária, reconhecendo o valor do outro na

interlocução didática estabelecida, com o compromisso social de um mundo mais justo e mais humano.

2. Enquadramento Metodológico da Investigação

No enquadramento metodológico do trabalho, torna-se pertinente clarificar que, todo ele será assente em metodologia de investigação científica que, segundo Belchior (2014),

permite uma maior compreensão do mundo real onde vivemos. Esta compreensão é permitida através da investigação e baseada nas teorias sociais existentes. A investigação permite aos profissionais do serviço social a reflexão sobre as práticas profissionais bem como fornecer respostas a novos problemas sociais de modo a permitir uma intervenção mais segura. (p. 2)

Na investigação científica é possível obter respostas segundo Sousa (2017), “...para questões de investigação específicas, permitindo, ainda, confirmar hipóteses sobre as relações presumidas entre fenómenos naturais.” (p. 13)

Através da investigação a ser realizada através do uso de métodos e técnicas apropriados, buscar-se-á explicar e confirmar a problemática relacionada aos jovens em situação de sem-abrigo. Serão explorados caminhos que permitam testar, verificar e confirmar as causas desse fenómeno.

Assente na premissa, e como é referido por Quivy Campenhoudt (1998), “Toda a investigação deve, portanto, responder a alguns princípios estáveis e idênticos, ainda que vários percursos diferentes conduzam ao conhecimento científico.” (p. 25)

Esta forma de atuação faz com que a investigação se direcione de forma fundamentada e sustentada para os objetivos de pesquisa, onde os procedimentos de todas as etapas de investigação têm de ser pensados, delimitados e respeitados.

Ancorado neste princípio, encontrar-se-á neste ponto, descritos os objetivos e a metodologia utilizada para a realização desta investigação, sendo inicialmente explicado o objeto de pesquisa deste trabalho e, perante este, será esclarecido o objetivo geral desta investigação, através da identificação da pergunta de partida. Em seguida, serão descritos

os objetivos específicos, identificados os sujeitos em estudo e explanado um mapa conceitual com a respetiva operacionalização dos conceitos. Posteriormente é descrita a estratégia metodológica adotada, bem como identificado o método e as técnicas de recolha de dados utilizadas.

Como já referido anteriormente podem existir diversos fatores que condicionem todo o trajeto e história de vida dos indivíduos, quer seja pela escassas oportunidades, quer pela falta de recursos, quer pelo contexto familiar onde estão inseridos, quer também pela incapacidade de reconhecer os seus problemas, deduz-se portanto, que em certas circunstâncias quando estes tomam consciência de si mesmos, são vulneráveis sem o saberem, como se pressupõe ser o caso dos jovens, em situação de sem-abrigo, com idades compreendidas entre os 18 e 30 anos, sobre os quais irá recair a investigação.

As razões pelas quais, levam as pessoas à situação de sem-abrigo, tornou-se uma problemática muito abrangente, e essas causas devem ser percecionadas sobre os mais diversos ângulos,

Os sem-abrigo têm sido vistos como um problema predominantemente social, ligado à pobreza. À exclusão social, ao desemprego e às políticas sociais. Tem havido um predomínio da sua existência por estas causas estruturais, dando-se geralmente menos importância aos factores individuais (doenças mentais, alcoolismo e toxicodependência, perturbações de personalidade e défices educacionais). (Bento, 2004, p. 135)

Assim ao abordar esta problemática, existe a necessidade de percecionar estas pessoas, dentro do seu todo, ou seja, perceber toda a sua história e trajetória de vida, para que assim haja um entendimento pleno dos motivos que as levaram a esta situação de sem-abrigo.

2.1 Objeto de Pesquisa

A pesquisa é um processo essencial para a ampliação do conhecimento em diversas áreas. Nesse processo, o objeto de pesquisa desempenha um papel central, e refere-se à temática ou tópico específico escolhido para investigação e estudo, define o foco da pesquisa, determinando o que será explorado, analisado e investigado ao longo do estudo. O objeto de pesquisa varia de acordo com campo de estudo, ou os objetivos da

pesquisa e as questões formuladas. Por meio desse direcionamento, a pesquisa busca obter um conhecimento aprofundado e uma compreensão mais abrangente sobre o tema em questão.

Bourdieu refere que

Por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e ‘construído’ em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada. (Bourdieu, 2007, citado por Louzada, 2020, p.33)

Considerando o exposto anteriormente e o conceito de pessoa em situação de sem-abrigo e a sua abrangência, torna-se relevante estudar essas populações jovens para identificar os fatores que impulsionam a condição de sem-abrigo. Nesse sentido formulou-se a seguinte pergunta como ponto de partida para este trabalho: **Quais os fatores promotores, que levam os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, à situação de sem-abrigo?**

O estudo, irá, assim recair sobre a população jovem, porque de acordo com a premissa obtida pela ENPISSA, tem se vindo a verificar um aumento gradual de pessoas, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, a ficar em situação de sem-abrigo.

Tendo como ponto de partida a revisão bibliográfica exploratória efetuada, incluindo os estudos realizados no âmbito da problemática das pessoas em situação de sem-abrigo, foi perceptível que a faixa etária com maior incidência de análise é maioritariamente a idade adulta.

Face a este pressuposto, espera-se com este trabalho deixar um contributo para futuras investigações sobre este tema que envolve as camadas mais jovens, que vivem cada vez mais este flagelo social, com o intuito de perceber quais são os fatores que as atiram para esta situação, e até que ponto estas causas não se refletem na perpetuação das situações de sem-abrigo nos adultos de amanhã.

2.2 Objetivos de Investigação

A definição dos objetivos de uma investigação desempenha um papel crucial no processo de pesquisa, oferecendo um direcionamento claro e o estabelecimento de metas

específicas que o estudo busca alcançar. Ao definir esses objetivos de forma precisa e concisa, o pesquisador estabelece a base para o desenvolvimento de uma metodologia adequada, a coleta de dados apropriada e a análise dos resultados. Além disso, a definição dos objetivos ajuda a comunicar a intenção da pesquisa, destacando a relevância do estudo e o potencial impacto dos resultados obtidos. Definição cuidadosa e bem elaborada dos objetivos é essencial para orientar e dar propósito à investigação, assegurando a coesão, a utilidade e a contribuição para o avanço do conhecimento científico.

Como refere Quivy e Campenhoudt (1998) “Importa acima de tudo que o investigador seja capaz de conceber e pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho.” (p. 15)

Diversos podem ser os fatores que levam estes jovens à situação de sem-abrigo, fatores esses que este trabalho de investigação tentará dissecar.

A partir deste ponto, definiram-se os objetivos gerais e específicos, deste estudo, sendo eles:

Como objetivo geral:

- Conhecer os fatores promotores da situação de sem-abrigo, na população jovem, entre os 18 e os 30 anos, institucionalizados na IPSS, MAPS.

Como objetivos específicos:

- Perceber qual a importância dos laços familiares para o desenvolvimento socio-emocional dos jovens em situação de sem-abrigo;

- Compreender qual a importância dos laços sociais para a superação e integração social dos jovens em situação de sem-abrigo;

- Analisar a importância atribuída às relações institucionais (escola, trabalho e equipamentos sociais);

- Perceber qual o período em que os jovens se identificam como estando em situação de sem-abrigo;

- Analisar as razões identificadas pelos jovens que os levaram à situação de sem-abrigo, considerando eventos ou experiências que influenciaram a situação atual;

- Perceber de que forma as ambições futuras podem influenciar a motivação e integração social de jovens em situação de sem-abrigo.

2.3 Universo em Estudo

Para que se realize um estudo torna-se pertinente que se escolha não só a temática, como também o campo de investigação e, como referem Quivy e Campenhoudt (1998) “...as informações úteis, muitas vezes, só podem ser obtidas junto dos elementos que constituem o conjunto...”, para tal, é necessário que se defina a população, entendida pelos mesmos autores como podendo ser “...um conjunto de pessoas, como de organizações ou de objetos de qualquer natureza...” ou seja “... o conjunto de elementos constituintes de um todo.” (pp. 159-160)

O objetivo deste projeto de investigação é analisar os jovens em situação de sem-abrigo, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, em Portugal, com um enfoque particular na região algarvia e, mais especificamente, no concelho de Faro. Nesse sentido, ir-se-á selecionar um grupo restrito, porém significativo, de participantes para o estudo. É importante mencionar que a abordagem escolhida não envolve a mobilização de amostras e generalização dos resultados obtidos, conforme afirmado por Robert Yin (2001), que ressalta que “... os casos não são ‘unidades de amostragem’ Não devem ser escolhidos por essa razão...” (pp.53,54). Além disso, o mesmo autor enfatiza que “... é improvável que o estudo de caso alcance uma generalização teórica ou estatística” (p.153)

Ao longo da conceção deste projeto de investigação, constatou-se desde cedo a existência de algumas dificuldades na quantificação dos indivíduos que podem fazer parte dos sujeitos integrantes deste estudo, devido à natureza itinerante da população em situação de sem-abrigo que se pretende analisar.

Apesar de uma análise inicial, ter sido baseada nos dados fornecidos pela ENIPSSA, que mencionam a existência de 113 pessoas em situação de sem-abrigo em Faro, das quais 104 estão em situação de sem-abrigo sem teto (ENIPSSA,2021), pretende-se direcionar o foco de estudo para a população jovem afetada por esta problemática, acompanhada por uma instituição de referência no concelho de Faro, o MAPS (Movimento de Apoio a Problemática da Sida), a fim de obter respostas à questão de partida.

O MAPS, fundado em 1992, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social sediada em Faro, cuja missão é desenvolver, fomentar e assegurar a prestação de serviços à comunidade, abrangendo problemáticas como VIH/SIDA, sexualidade, dependências situação de sem-abrigo, migrantes, minorias étnicas, grupos discriminados e outras situações de emergência social. A instituição promove serviços de prevenção, tratamento e inclusão social, atuando em diversos concelhos da região algarvia. (MAPS,2017, p. s.p.)

No contexto das pessoas em situação de sem-abrigo, o MAPS trabalha diariamente, através de intervenções no terreno, para minimizar riscos e reduzir danos, fornecendo apoio social direto, incluindo assistência alimentar, disponibilização de vestuário, apoio psicossocial e encaminhamento para cuidados de saúde.

Além disso, o MAPS procura oferecer alojamento temporário às pessoas desprovidas de retaguarda, a fim de garantir a satisfação de diversas necessidades básicas. Essa abordagem visa também apoiar a adesão a um plano de saúde e terapêutico, bem como o desenvolvimento e treinamento de competências pessoais, profissionais e sociais.

Para realizar sua intervenção, o MAPS conta com uma equipa multidisciplinar composta por auxiliares de ação direta, monitores, psicólogos, educadores sociais e assistentes sociais.

O trabalho de Serviço Social realizado na instituição, no âmbito da população em situação de sem-abrigo, é caracterizado por diversos momentos essenciais. Estes momentos compreendem:

- Inscrição em resposta social: consiste na recolha inicial de dados pessoais, que inclui informações sobre documentação, habilitações literárias, relacionamentos próximos e caracterização funcional. Posteriormente, são disponibilizadas informações sobre todo o processo de candidatura e admissão.

- Elaboração de uma avaliação inicial de requisitos: nesta fase, é realizado um enquadramento da pessoa e verifica-se se as respostas sociais disponíveis correspondem às especificidades, necessidades e expectativas, e se é necessário encaminhamento para outro equipamento social adequado.

- Realização de uma avaliação diagnóstica: em articulação com um programa de acolhimento, são levantados dados sobre o contexto familiar, a situação socioeconómica,

o contexto habitacional, o histórico de saúde e os comportamentos de risco. Além disso, são identificadas as necessidades, os hábitos, os gostos, os interesses e é predefinido um projeto de vida.

- Avaliação de necessidades e potencialidades: nesta etapa, são avaliadas as dimensões do desenvolvimento pessoal, bem-estar, inclusão social saúde e familiar, com o objetivo de evidenciar o estado das competências interpessoais e sociais relacionadas com família, saúde, autonomia, participação social, empregabilidade e benefícios sociais.

Desta forma, o MAPS busca, por meio da harmonização da equipa técnica, realizar uma intervenção social que capacite as pessoas em situação de sem-abrigo, possibilitando a definição de um projeto de vida e uma autonomização consciente e plenamente integrada.

O MAPS sediado na capital do Algarve, Faro, concelho situado a sul de Portugal, e segundo os dados retirados da base de dados da PORDATA e os últimos resultados dos censos, apresenta como valor provisório 67.650 habitantes, dos quais 32.149 do género masculino, 35.501 do género feminino, tendo como população ativa (com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos) 64.500 habitantes. (PORDATA, 2021)

Ao passo que, do total apurado, apesar de não coincidirem precisamente com as idades deste estudo, entende-se como relevante mencionar que segundo a última atualização do PORDATA, com data de janeiro de 2023, existiam como população residente 3594 habitantes com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos e 3682 com idade compreendida entre os 25 e os 29 anos, perfazendo um total de 7276 jovens a viver em Faro.

O concelho de Faro é também constituído por uma variedade de serviços, dos quais se enumeram: PSP, GNR, IEF, Segurança Social, treze centros de saúde espalhados pelas suas cinco freguesias, dois hospitais (um público e um privado), rede de transportes ferroviária e rodoviária, aeroporto internacional, polos universitários, infraestruturas culturais e desportivas (auditórios, museus, salas de espetáculos, biblioteca, pavilhões desportivos e centros desportivos) (Câmara Municipal de Faro, 2019, p. s.p.)

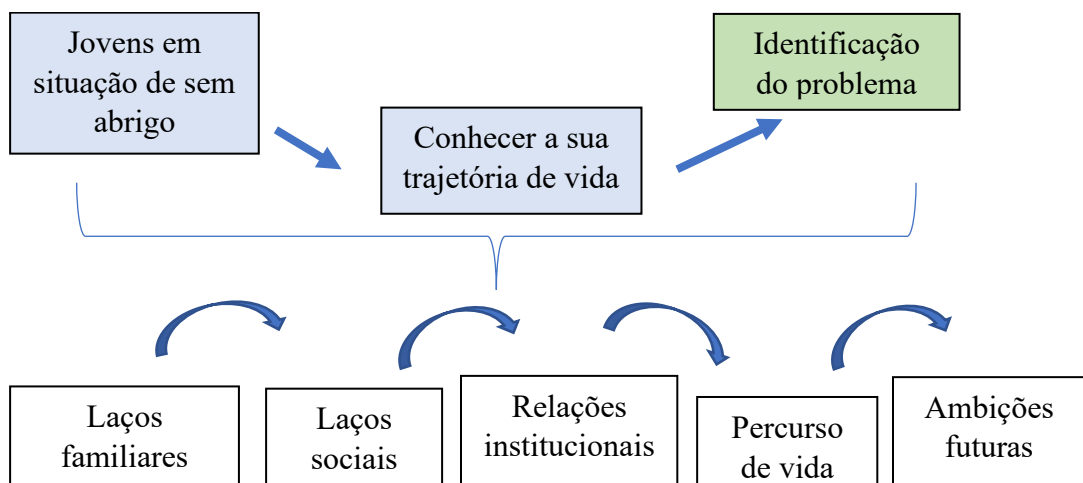
Considerando que este conselho oferece todas as condições necessárias para a plena integração da sua população residente, é pertinente refletir sobre o facto de que esta realidade não é verificada na sua totalidade. Essa constatação fortalece a importância do estudo em questão, que busca identificar as possíveis causas do aumento documentado das populações jovens em situação de sem-abrigo.

2.4 Modelo de Análise

O modelo de análise de uma investigação constitui um “...conjunto estruturado e coerente, composto por conceitos e hipóteses articulados entre si...” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 115), que permite formular uma análise coesa da pesquisa sobre uma problemática, proporcionando uma explicação estruturada da relação existente entre os conceitos, que “...através dos quais dá conta do real.” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 122), e as hipóteses, que são “...respostas provisórias e relativamente sumárias que guiarão o trabalho de recolha e análise de dados e que terão por sua vez, de ser testadas, corrigidas e aprofundadas...” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 111), perante as quais o investigador busca respostas para as perguntas formuladas durante a investigação.

Com base nesta premissa, é apresentado um modelo de análise fundamentado em um mapa conceptual, no qual serão descritas as dimensões que se pretendem abordar como forma de contribuir para uma compreensão mais aprofundada da problemática em estudo.

Quadro I - Mapa Conceptual



Fonte: Elaboração própria

Na dimensão relacionada aos Laços Familiares, tentar-se-á identificar as relações dentro do seu seio (se são próximas, mais distantes, com conflitos ou até inexistentes), com o intuito de compreender a importância dos laços familiares para o desenvolvimento socio-emocional dos jovens em situação de sem-abrigo.

Tentar-se-á também identificar, na dimensão dos Laços Sociais, as relações existentes e analisá-las em dois momentos distintos: antes e após a situação problemática em que se encontram. Procurar-se-á também perceber se houve afastamento ou isolamento perante a comunidade, com a intenção de compreender qual a importância dos laços sociais para a superação e integração social dos jovens em situação de sem-abrigo.

Dentro da dimensão das Relações Institucionais, procurar-se-á analisar a importância atribuída à escola, ao trabalho, e aos equipamentos sociais. No que se refere à escola, pretende-se perceber qual é a relação e a importância, levando em consideração a escolaridade que possuem, como foi o percurso escolar (se foi tranquilo ou conturbado), as memórias positivas e negativas. Pretende-se também averiguar se gostariam de voltar à escola e porquê. Dentro desta dimensão, investigar-se-á também a ligação e a importância com o mercado de trabalho: se estão empregados (em caso afirmativo, em que área, há quanto tempo e se gostam do que fazem) ou se estão desempregados e, (neste caso, quais os motivos apontados). Procurar-se-á também compreender se já beneficiaram de apoios de outros equipamentos sociais anteriormente e, se sim, quais os motivos que os levaram a recorrer novamente a este tipo de apoio e qual a sua importância.

No que diz respeito à dimensão Percurso de Vida, procurar-se-á compreender quais os fatores que os próprios identificam como responsáveis por se encontrarem em situação de sem-abrigo; episódios marcantes; qual a perceção que tem de si próprios e a perceção que acham que os outros têm deles; qual a sua opinião sobre a situação de sem-abrigo.

Por fim no âmbito das Ambições Futuras, procurar-se-á perceber de que forma as ambições futuras podem influenciar a motivação e a integração social dos jovens em situação de sem-abrigo, através das previsões que estes fazem para as suas vidas. Pretende-se também compreender quais são os sonhos que gostariam de ver realizados e quais são as metas que estabelecem para si mesmos, ou seja, qual é o seu projeto de vida.

2.5 Operacionalização dos Conceitos

A operacionalização dos conceitos é um processo no qual se especificam as dimensões identificadas para este estudo, as quais serão reduzidas a indicadores que servirão de balizadores para a medição do conceito em análise.

Como é referido por Quivy e Campenhoudt (1998). “A construção de um conceito consiste, por conseguinte, em definir as dimensões que o constituem e em seguida, precisar os seus indicadores, graças aos quais estas dimensões poderão ser medidas”. (p. 150)

-Deste modo, foi decomposto o objetivo geral deste estudo e categorizado em dimensões, as quais foram minuciosamente analisadas e transformadas em indicadores. Foi realizado um ancoramento para uma recolha de dados confiável e credível, que serão comentados e debatidos posteriormente.

Quadro II - Operacionalização dos Conceitos

Objetivo	Dimensões	Indicadores
Diagnosticar os fatores promotores da situação de sem-abrigo, na população jovem, entre os 18 e os 30.	Laços Familiares	- Percepção familiar; - Relação passada e atual com a família.
	Laços Sociais	- Importância dos laços sociais, antes e depois de ficar em situação de sem-abrigo.
	Relações Institucionais	- Relação escolar; - Relação laboral; - Relação passada e atual com equipamentos sociais; - Importância dada às respetivas instituições.
	Percurso de Vida	- Motivos que identifica/ início da situação de sem-abrigo; - Momentos marcantes; - Percepção de si; - Percepção sobre o outro em si; - Percepção sobre situação de sem-abrigo.
	Ambições Futuras	- Previsões/sonhos/projeto de vida.

Fonte: Elaboração própria

2.6 Métodos e Técnicas de Recolha de Dados

Esta investigação irá adotar uma abordagem qualitativa, enfatizando os relatos e percepções dos sujeitos em estudo. O objetivo é perceber a auto compreensão por meio da interpretação do contexto familiar e social dos participantes, considerando as suas aprendizagens ao longo da vida, experiências vividas e conhecimentos sobre si e os outros. Serão exploradas as interpretações e significados atribuídos à vida individual e coletiva, considerando as suas situações atuais.

Através dessa abordagem qualitativa, almeja-se uma compreensão profunda e significativa do fenómeno em estudo, valorizando a subjetividade dos participantes e reconhecendo a singularidade de cada perspectiva. A influência dos contextos familiares e sociais na formação das percepções e vivências dos jovens será analisada, compreendendo a importância desses aspetos na construção das suas identidades.

Esta pesquisa busca uma compreensão enriquecedora do tema abordado, explorando a complexidade e riqueza dos relatos dos sujeitos. A análise detalhada das narrativas permitirá obter insights relevantes para o conhecimento existente.

A metodologia qualitativa conforme descrita por Creswell (2007) “...incorpora muito mais a forma literária de redação, os programas de análise de texto por computador e a experiência na condução de entrevistas abertas e observações”. (p. 39).

O método qualitativo valoriza a qualidade e o significado dos fatores observados, com o pesquisador ativamente engajado na compreensão e interpretação das informações coletadas.

Neste estudo, serão utilizados instrumentos como pesquisa documental e entrevistas com perguntas abertas, permitindo que os participantes expressem as suas perspectivas de forma ampla e livre, enriquecendo a compreensão do tema investigado.

Dessa forma, a abordagem qualitativa oferece uma visão rica e aprofundada, valorizando as narrativas individuais e os significados atribuídos pelos participantes. Esta metodologia permite ao pesquisador mergulhar nas experiências e interpretações dos envolvidos enriquecendo a compreensão dos fenómenos sociais e humanos em análise.

Através da pesquisa documental o investigador procura, aceder a informações e conhecimentos já existentes como forma de compreender e validar em profundidade a sua investigação, dado que os documentos são importantes para “...corroborar e valorizar as evidências oriundas de outras fontes.” (Yin, 2001, p. 109)

Nas entrevistas o pesquisador não só obtém as respostas, mas, também, interpreta o ambiente à sua volta, através da técnica de observação dos entrevistados, onde foca a sua atenção nas atitudes, na postura, nas expressões, etc. Deste modo, a técnica de observação irá ser usada, igualmente, para validar/ reforçar as respostas. Como tal, “... a investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos; o objetivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações...” (Bento, 2012, p. s.p.)

Assim, este estudo irá caracterizar-se pelo uso do método qualitativo assente em uma tipologia de estudo de caso, uma vez que o foco de investigação irá recair na análise de seis indivíduos e nos seus relatos pessoais, enquanto pessoas que se encontram em situação de sem-abrigo.

O estudo de caso é entendido por Yin (2001), como “...estudo completo, no qual se procuram provas convergentes com respeito aos fatos e às conclusões para o caso; acredita-se, assim, que as conclusões de cada caso sejam as informações que necessitam de replicação para outros casos individuais...” (p. 72)

Assim, o estudo de caso, e reforçado pelo mesmo autor “...contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenómenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.” (Yin, 2001, p. 21)

Para a recolha de informação, para além da pesquisa documental, ir-se-á realizar entrevistas por ser um método evidenciado por Quivy e Campenhoudt (1998) que se distingue “... pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” (pp. 191,192)

Através das entrevistas os mesmos autores reforçam que existe “...uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do entrevistador exprime as suas perceções de um

acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências...”. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192)

Para esta investigação ir-se-á recorrer a um modelo de entrevista semiestruturada, onde esta é caracterizada por não ser

inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma serie de perguntas-guias, relativamente abertas [...] tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp. 192,193)

Por meio da realização de entrevistas semiestruturadas, busca-se analisar, por meio dos participantes em estudo, as múltiplas dimensões anteriormente mencionadas, descritas no Quadro II, que contribuam de forma significativa para a compreensão de suas experiências, percepções e perspectivas futuras. O objetivo é obter informações esclarecedoras que levem à melhor compreensão das suas realidades, de modo a responder à pergunta inicial desta pesquisa.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

A apresentação e discussão de resultados são etapas essenciais de uma pesquisa, como referem Quivy e Campenhoudt (1998) “...são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir conhecimento.” (p. 226), em que os dados coletados são analisados, interpretados e explicados de forma sistêmica e rigorosa. Os mesmos autores reforçam que a análise dos conteúdos “...oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade...”, (p. 227) e a metodologia utilizada neste processo “...permite ao investigador elaborar uma interpretação que que não tome como referência os seus próprios valores e representações.” (p. 226).

Durante este processo os resultados são examinados e debatidos em relação às perguntas de pesquisa, hipóteses ou objetivos estabelecidos. São identificados os padrões, tendências e relações presentes nos dados coletados, onde são exploradas as implicações dos resultados e busca-se compreender seus significados. Também são analisadas as

limitações do estudo, considerando fatores que possam ter influenciado os resultados ou restringir a generalização das conclusões.

A apresentação e discussão de resultados são essenciais para proporcionar uma interpretação significativa dos achados e contribuir para a compreensão do fenómeno estudado.

Assim, com esta apresentação visa-se discutir e analisar os resultados obtidos a partir de um estudo de caso, que investigou os motivos pelos quais se assiste a um aumento de jovens a ficarem em situação de sem-abrigo.

Através do uso de uma abordagem de metodologia qualitativa e com a utilização de entrevistas semiestruturadas, foram coletados dados de uma amostra restrita mas representativa, de seis jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, (2 do género feminino, 4 do género masculino) que vivem em situação de sem-abrigo, sem casa, e a três técnicos da área social (2 técnicos de serviço social e 1 psicólogo), com o intuito de obter uma compreensão significativa sobre os fatores promotores que relegam estes jovens a esta condição.

Ao longo desta exposição, ir-se-á apresentar e discutir os principais resultados encontrados, que foram coletados na sede da instituição MAPS, em Faro, nas datas compreendidas entre os dias 10 e 14 de abril de 2023, de onde se conseguiram destacar as principais causas e motivos identificados. Além disso serão exploradas as implicações individuais, sociais e estruturais que podem estar a contribuir para esta problemática.

Os resultados obtidos neste estudo oferecem uma perspetiva mais aprofundada sobre as experiências e percurso de vida dos jovens em situação de sem-abrigo, integrados na instituição MAPS, que visam fornecer informações relevantes para compreensão deste fenómeno.

Apresentação e discussão dos resultados obtidos estará disposta pela mesma sequência utilizada nas dimensões do modelo de análise, para que se consiga uma melhor e mais clara compreensão, que serão balizadas pela revisão do estado da arte exposto no enquadramento teórico.

Tabela 1 – Caracterização Pessoal dos Jovens em Estudo

	Idade	Nacionalidade	Naturalidade	Estado Civil	Saúde	Identidade de Género	Histórico de Consumos Sustâncias	Nº de Filhos
DF	26	Portuguesa	Olhão	Solteira	Sem problemas	Feminina	Sem Consumos	0
FR	20	Portuguesa	Loulé	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Sem Consumos	0
FS	29	Brasileira	Minas Gerais	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Com consumos	2
JS	25	Portuguesa	Faro	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Com consumos	0
MD	21	Portuguesa	Faro	Solteira	Obesidade	Feminina	Com Consumos	0
RR	25	Portuguesa	Lisboa	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Com consumos	0

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Laços Familiares

Na dimensão referente aos Laços Familiares, procurou-se analisar as dinâmicas atuais dentro da família dos jovens, abrangendo uma ampla gama de possibilidades, como intensidade afetiva e emocional, conflitos interpessoais e até mesmo as relações familiares existentes. O objetivo foi explorar a importância dos laços familiares no desenvolvimento social e emocional desses jovens, levando em consideração a sua influência e o impacto na vida destes indivíduos, dado que, como referem Bertoinie e Padilha (2017), a família é uma instituição a quem cabe,

um papel essencial na vida do homem, representando o modo pelo qual este se relaciona com o meio em que vive, priorizando a plena realização pessoal de cada membro familiar, com base no afeto, na busca pela felicidade, no respeito à dignidade da pessoa humana e seus direitos fundamentais. (p. 310)

Ao analisar as respostas dos participantes, à pergunta expressa na tabela 2, 3, 4 e 5 obtiveram-se os seguintes resultados.

Tabela 2 - Quando residia com a sua família como era a vossa relação? Memórias positivas e negativas?

Não se aplica *	2
Não foi perfeita	1
Péssima	1
Era mais ou menos	1
Ótima	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 3 - Quando residia com a sua família como era a vossa relação? Memórias positivas e negativas?

Positivas		Negativas	
Não se aplica *	2	Não se aplica*	2
Poucas	1	Violência	1
Ver telenovelas com a mãe	1	Consequências familiares	1
Visita do pai em saída precária	1	Morte do pai	1
Tem muitas	1	Não tem	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Na análise feita identificaram-se diferentes perspetivas relativamente às relações familiares, perante as memórias mencionadas.

DF descreveu a sua relação familiar como “Péssima eu nunca tive uma boa relação com a minha família.” E reforça que “...não tenho uma estrutura familiar saudável, mesmo por parte de pai, de mãe, de avó e tia também...”. Além disso, relatou ter escassas memórias positivas “Poucas, não tenho muitas, a não ser quando ia ao parque brincar.”, e diversas memórias negativas relacionadas com violência exercida por parte da sua avó materna, “Tenho várias..., mas a que mais me doi foi ter levado muita porrada.”. Tendo relatado que “Eu fui deixada pela minha mãe aos 6 meses com a minha avó [...] ela consumia bastante álcool e basicamente descarregava tudo em mim...”. Essas experiências negativas indicam um ambiente familiar hostil e potencialmente traumático o que pode ter impactado significativamente a relação de DF com a sua família.

No que se refere a RR relatou que a sua relação familiar “No início era boa, só depois começou a ficar meio estranha ...”. Embora não tenha fornecido detalhes específicos sobre as memórias positivas e negativas a percepção de uma mudança na dinâmica familiar indica que algo afetou a relação ao longo do tempo.

Já FR e JS afirmaram não ter memórias relevantes em relação à sua família, dado terem sido institucionalizados com poucos meses/anos de vida, como referiu FR “Não, não tenho, era pequenino.” Isso indica que ele ainda estava em fase inicial de desenvolvimento e não teve tempo suficiente para formar laços com a família. O mesmo afirma JS “...ainda não tinha um ano quando fui tirado á minha mãe [...] minha mãe não tinha uma vida fácil e consumia cenas, drogas, e coisas assim.”. Essa separação precoce da mãe e o contexto de consumo de substâncias podem ter impactado negativamente o desenvolvimento de JS, privando-o de um ambiente familiar estável e seguro. Esta falta de memórias pode indicar uma ausência de experiências marcantes na relação familiar dos jovens.

Ao passo que FS expressou que a sua família “Não é perfeita, acho que nenhuma é perfeita ...”, tendo mencionado como memórias positivas “...ser noveleiro com a minha mãe”. No entanto, também destacou memórias negativas de “...ter carregado um fardo que não era meu [...] para mim é uma memória muito ruim [...] ter sido julgado por ser filho do meu pai, que não valia muito [...] fraquejei um dia, cedendo a isso.” Essas memórias contraditórias podem indicar uma relação familiar complexa e ambivalente.

Relativamente a MD, descreveu a sua relação familiar como “Era mais ou menos [...] quando o meu pai morreu, quando eu tinha 5 anos, a minha mãe teve depressão e depois eu fui para a casa da minha irmã para aí com os meus 8, 7 anos para aí, e quem fazia tudo era eu [...] as coisas da casa.” e mencionou ter apenas memórias positivas em relação ao seu pai “Só o meu pai, a única coisa [...] quando o meu pai foi preso, eu ia sempre ir vê-lo à cadeia”. No entanto, ressaltou que a morte do pai “...foi quando o meu pai morreu e a minha mãe só disse-me quando eu tinha 10 anos.”, foi uma memória negativa significativa. Essa perda pode ter influenciado a forma como MD percebe a sua relação familiar.

Perante as respostas apresentadas a esta pergunta está patente uma diversidade de experiências e perspetivas relativamente às relações familiares dos jovens. Enquanto

alguns jovens descrevem relações familiares negativas e carregadas de memórias dolorosas, outros mencionam aspectos positivos ou falta/ausência de memórias significativas, o que pode vir a comprometer “...gravemente a criança e/ou jovem quanto à sua segurança, saúde, formação, educação e/ou desenvolvimento.” (CNPCJR, s.d., citado por Machadeiro, 2018, p. 16).

Essa diversidade de experiências destaca a importância de reconhecer e abordar as necessidades específicas de cada jovem em suas relações familiares, a fim de promover o seu bem-estar e garantir um ambiente seguro e favorável ao seu desenvolvimento.

Com a pergunta que se segue, e ainda dentro da análise dos Laços Familiares, procurou-se compreender a natureza das relações familiares presentes na vida dos jovens.

Tabela 4 – Atualmente mantem relações familiares? Com quem?

Sim	3
Não	3

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 5 – Atualmente mantem relações familiares? Com quem?

Avó	1
Mãe	1
Irmã	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Ao serem analisadas as respostas dadas foram identificadas diferentes perspectivas no que concerne às relações familiares atuais.

DF afirmou que mantem relações familiares atualmente, especificamente com a sua avó, “Sim..., com a minha avó, apesar de tudo. Essa resposta sugere que, apesar das situações vividas, DF retomou e mantem um vínculo com a avó.

A resposta de RR indica que, no momento, não mantém relações familiares, referindo que “Não, agora não.”. Essa falta de conexão pode ser resultado de vários fatores, como distanciamento emocional ou conflitos familiares.

Por outro lado, FR demonstra uma mudança positiva nas relações familiares, ao mencionar que “Agora tenho... porque agora já tou a ir mais à casa da minha mãe, agora já nos damos.”, o que sugere que apesar de ter estado institucionalizado desde os seus primeiros anos de vida até aos seus dezoito anos, a relação com a mãe foi retomada e está a ficar mais fortalecida, o que pode ter um impacto positivo no desenvolvimento socio emocional de FR.

A resposta de FS destaca uma relação estreita com a irmã mais velha “...sou muito chegado, próximo mesmo, com a minha irmã mais velha...”. Essa proximidade pode ser benéfica para o desenvolvimento emocional de FS, proporcionando um senso de apoio, confiança e companheirismo.

Por outro lado, JS revela uma experiência negativa, tendo mencionado nunca ter recebido atenção por parte da família “Não, também nunca quiseram saber de mim ...”. Isso pode ter a si agregado consequências negativas no desenvolvimento socio emocional, como sentimento de abandono e baixa autoestima.

Quanto à resposta de MD, indica que tem pouca conexão familiar, “Não, muito pouco, mas não.”. Essa falta de envolvimento pode estar a afetar negativamente MD ao nível do suporte emocional e à falta de modelos saudáveis de relacionamentos familiares.

Perante as respostas dadas, é importante considerar que as relações familiares são complexas e podem ser influenciadas por diversos fatores, como histórias familiares, mudanças nas circunstâncias, onde se pode concluir, e segundo a perspectiva de Campos e Resende (2016), que estas relações familiares “...possuem maior probabilidade de ter adolescentes que se envolvam precocemente em ações ilícitas, em virtude das situações vivenciadas que, por sua vez, podem interferir em sua formação de personalidade e de conduta moral.” (p. 368)

Sendo essa conclusão reforçada pela perspectiva da técnica de serviço social, CN, que faz referência que os jovens “... são de famílias um pouco desestruturadas [...] com dependências ou vícios associados [...] que não têm hábitos laborais ...” e a maioria

“Têm mesmo relação cortada...”. Essa afirmação ressalta a existência de casos em que os jovens provêm de estruturas familiares com dinâmicas disfuncionais e que enfrentam um distanciamento significativo de seus familiares, evidenciando a ausência de um envolvimento contínuo e efetivo, que pode levar a consequências negativas para o desenvolvimento e bem-estar dos jovens, como dificuldades emocionais e envolvimento em comportamentos de risco.

O que é corroborado pela técnica de serviço social PL, que afirma que alguns jovens experienciam uma presença mínima ou inexistente da família em suas vidas “...família muito pouco ou nada presente [...] já foram postos de parte há muito tempo...”. A perspectiva desta técnica ilustra a situação em que os jovens se sentem excluídos ou abandonados pelos membros da família.

A psicóloga RM, reforça que alguns jovens não possuem vínculos familiares significativos “... sem vínculos...”. Essa constatação fortalece a ideia de que a ausência de laços afetivos profundos ou duradouros com os familiares, pode afetar o senso emocional e de pertencimento.

É fundamental considerar essas diferentes visões dos técnicos especializados pois elas fornecem e reforçam visões importantes sobre as dinâmicas familiares. Essas perspectivas indicam a existência de uma variedade de situações familiares, desde relações mantidas apesar das dificuldades até a ausência de envolvimento ou interesse por parte dos familiares. A compreensão dessas nuances é essencial para lidar com as complexidades das relações familiares e para oferecer o apoio adequado aos jovens que enfrentam desafios nesse contexto.

Laços Sociais

Na dimensão referente aos Laços Sociais procurou-se identificar e analisar as relações em dois momentos distintos: antes e após a situação problemática em que os jovens se encontram. Além disso, buscou-se compreender se existiu afastamento ou isolamento em relação à comunidade, com o intuito de compreender a relevância dos laços sociais para a superação e integração dos jovens. Nesta dimensão pretendeu-se mergulhar na vivência emocional dos jovens, explorar a complexidade das relações sociais, bem como o impacto e a importância das mesmas.

Ao analisar as respostas dos participantes, à pergunta expressa na tabela 17 conseguiu-se alcançar os resultados descritos.

Tabela 17 – Como é atualmente a relação com a comunidade, sente alguma diferença pelo facto de estar institucionalizado?

Não	4
Sim	1
Às vezes	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Ao serem analisadas as respostas dos jovens, foram identificadas distintas perspetivas, revelando que a maioria afirma não sentir nenhuma diferença no tratamento recebido pela comunidade. No entanto, foi importante ler atentamente seus testemunhos e fazer uma análise minuciosa, pois em alguns casos a resposta veio a surpreender e não corresponder às suposições iniciais.

DF afirmou que não sente diferença na sua relação com a comunidade devido à sua situação de institucionalização, tendo mencionado que “Não, não. Por acaso de ninguém.” A resposta dada, por DF sugere que não percebe nenhuma alteração significativa nos laços sociais devido à sua condição.

Ao passo que RR expressou que sente por parte da comunidade uma preocupação adicional pelo facto de estar institucionalizado, tendo afirmado “Acho que sinto mais preocupação porque as pessoas me sabem que eu já passei por muito...” A resposta dada sugere que a institucionalização pode ter impactos emocionais ou preocupações específicas na sua interação com a comunidade.

Já FR, mencionou que não percebe diferença na sua relação com a comunidade, pois sente que as pessoas nunca tiveram um interesse significativo em si, verbalizando que “Não, é igual, é a mesma coisa, as pessoas nunca me ligaram muito.” O que leva a crer que FR já sentia um distanciamento ou falta de conexão com a comunidade.

Por sua vez FS destacou que sente uma diferença na sua relação com a comunidade após a institucionalização. FR mencionou que existe um julgamento tendo afirmado que “Ah, isso sim, infelizmente [...] Existe um julgamento, muito de padrão de

imagem para tudo [...] acham que tu não és muito...”, o que indica que o facto de estar institucionalizado pode resultar em estigmas sociais e preconceitos que afetam a interação do jovem com a comunidade.

O que é reforçado por JS quando este relata que se sente tratado com pena e discriminação pela comunidade devido à sua condição, tendo verbalizado que “As pessoas olham para mim como se eu fosse um coitadinho, como se eu não valesse nada. [...] as pessoas acham que só acontece aos outros ...” o que evidencia a estigmatização e discriminação social que JS enfrenta devido à sua situação, o que pode prejudicar a sua autoestima e a sua capacidade de se integrar socialmente.

MD relatou “É a mesma coisa. As pessoas só me olham e depois viram a cara.” Essa resposta destaca o sentimento de rejeição e ignorância enfrentado por MD pela comunidade. O comportamento de virar a cara após um olhar pode ser interpretado como uma forma de exclusão social afetando sua autoestima e a sua percepção de pertencimento.

Os resultados refletem a complexidade da relação dos jovens em situação de sem-abrigo com a comunidade, o que é reforçado pela técnica de serviço social CN, “...nem sempre são bem vistos [...] há sempre uma exclusão...”, o que indica que a sociedade muitas vezes não reconhece a presença desses jovens e acaba excluindo-os. Essa falta de reconhecimento é reforçada pela visão de PL, também técnica de serviço social, que afirma que “...a sociedade os negligencia, os marginaliza...”. Essa negligência e marginalização contribuem para a perpetuação do estigma em relação aos jovens em situação de sem-abrigo.

Além disso, é importante destacar a falta de valorização desses jovens pela sociedade, como mencionado pela psicóloga RM ao dizer que a comunidade encara estes jovens como “...os perdidos, nem a família os quis...”. Essa falta de valorização pode afetar negativamente a autoestima dos jovens, como o seu bem-estar emocional. Os jovens enfrentam julgamento e rejeição, o que pode dificultar ainda mais seus esforços para se reintegrarem na sociedade.

A análise realizada ressalta a importância dos laços sociais na superação e integração social destes jovens. Como salientado pelos técnicos, laços sociais positivos podem fornecer apoio emocional, oportunidades de conexão e acesso a recursos que ajudam na superação de desafios e na construção de uma identidade social positiva.

Como tal, é possível concluir que a falta de laços sociais e o estigma podem perpetuar a exclusão social e dificultar a reintegração dos jovens, o que é corroborado por (Castel, citado por Costa, 2007), quando afirma que esta exclusão é “...a fase extrema do processo de «marginalização», entendido este como um percurso «descendente», ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas na relação do indivíduo com a sociedade” (p.10).

Assim, pode-se concluir que a ausência de laços sociais e o estigma social têm o potencial de se transformar em barreiras impenetráveis, e bloquear o caminho da inclusão e da reintegração dos jovens. Como tal entende-se como necessário que a própria sociedade reconheça a importância dos laços sociais e combata o estigma, oferecendo oportunidades reais de crescimento, educação e empoderamento a estes jovens.

Relações Institucionais

Na dimensão relações institucionais, procurou-se analisar a importância atribuída às relações institucionais nas categorias escola, trabalho e equipamentos sociais. O objetivo pretendido foi compreender a percepção dos participantes sobre essas relações e como elas influenciaram suas trajetórias educacionais e sociais. Pretendeu-se assim explorar as experiências e emoções envolvidas nestes contextos.

Categoria: Escola

A primeira categoria que será abordada é a escola. Para compreender a importância atribuída às relações institucionais neste contexto, foram exploradas duas perguntas, expostas nas tabelas 18 e 23, das quais se fez a análise das respostas dadas.

Tabela 18 – Que escolaridade tem?

9º Ano	3
10º Ano	1
12º Ano	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 23 – Os responsáveis pela sua educação valorizavam a sua ida à escola?

Não	2
Sim	2
Mais ou menos	2

Fonte: Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

A análise das respostas revelou uma variedade de níveis de escolaridade entre os participantes. DF afirmou “Tenho o 12º, RR, por outro lado, mencionou “Eu, neste caso, se for pensar bem, tenho o 11º, mas oficialmente o 9º.”, FR, por sua vez referiu “Fiz o... 9º.”, já FS indicou “Eu tenho o 12º ...”, ao passo que JS verbalizou “9º ano.”, e MD expôs que “tenho o 10º só”. As diferenças educacionais podem refletir as diferentes trajetórias e oportunidades enfrentadas pelos jovens.

Quanto à valorização da ida à escola pelos responsáveis, as respostas também foram diversas. DF revelou que a sua avó não manifestava interesse “Não muito, não valorizava...ela não queria nada saber disso...”. Essa falta de valorização por parte do seu responsável pode ter tido um impacto negativo na motivação e dedicação de DF em relação à sua educação.

Por outro lado, RR mencionou “Valorizavam, bastava um pequeno erro que ficava de castigo...”. Essa valorização pode ter gerado um senso de responsabilidade e pressão adicional sobre RR, o que pode ter reforçado ou afetado a sua experiência na escola.

As respostas dos demais participantes também revelaram diferentes níveis de valorização da educação. FR afirmou, que na instituição onde estava integrado “Não...”, indicando uma falta de valorização percebida, enquanto FS enfatizou que sua mãe valorizava a sua ida à escola “Claro, por nossa senhora...era muito de disciplina e ela cobrava muito isso.” Essas percepções contrastantes destacam as influências variadas das relações institucionais na experiência educacional dos jovens.

JS, por sua vez, relatou, que os responsáveis da instituição onde se encontrava “Valorizar até às vezes valorizavam, mas eu não gostava daquilo e não ia, faltei muitas vezes...” Essa falta de interesse, por vezes institucional e maioritariamente pessoal na escola pode ter contribuído para o afastamento das relações institucionais, afetando o envolvimento e o desempenho escolar.

Por fim, MD revelou “Eu quando comecei a faltar, elas começavam-me a bater.” Essa experiência de violência física pode ter influenciado negativamente a percepção de MD em relação à escola e as relações institucionais.

É fundamental ressaltar que as relações institucionais na escola desempenham um papel essencial no desenvolvimento educacional e pessoal dos jovens. como referem Dessen e Polonia (2007), a escola “...tem como objetivo promover uma aprendizagem de forma contínua proporcionando, ao aluno, formas diversificadas de aprender...” ao “...considerar os padrões relacionais, aspetos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos”. (pp. 26-27). Contudo, é destacado pelos técnicos entrevistados, que os jovens quando integram a resposta social da instituição geralmente não apresentam um percurso escolar bem-sucedido. Conforme afirmado por CN, “... e escolaridade, pouca ou quase nenhuma...”, PL menciona que “... não possuem muita escolaridade...” e RM observa que têm “... pouca instrução (...) sem hábitos de estudo...”.

A valorização e o apoio dos responsáveis pela educação podem ser fatores motivadores para a frequência escolar e o envolvimento académico dos jovens, por outro lado, a falta de interesse pressão ou violência podem contribuir para o afastamento dos jovens, resultando em um impacto negativo no seu desempenho escolar. Como tal, e perante os resultados obtidos, entende-se que é imprescindível que sejam criadas estratégias que estimulem o envolvimento, tanto institucional como familiar, na promoção de um ambiente educacional saudável, a fim de que estes jovens tenham a oportunidade de superar esses obstáculos e alcançar um percurso escolar mais promissor.

Categoria: Trabalho

Dentro da categoria trabalho, investigou-se a importância das relações institucionais no contexto profissional dos jovens. Duas questões foram formuladas dentro desta categoria e ao analisar as respostas dos participantes, à pergunta expressa nas tabelas 31,32,33 e 34 obtiveram-se os seguintes resultados.

Tabela 31 – Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?

Sim	4
Não	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 32 – Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?

IEFP	2
ASMAL	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 33 – Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?

Auxiliar de Ação Educativa	1
Ação de Formação de Mesa e Bar	1
Ação de Formação de Cozinha	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 34 – Atualmente está empregado ou desempregado?

Empegado	3
Desempregado	3

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Os dados coletados revelam uma variedade de situações e experiências relacionadas ao emprego. Alguns dos jovens estavam atualmente empregados, enquanto outros estavam desempregados e à procura de trabalho.

DF indicou estar atualmente empregado “Sim, estou a trabalhar na Primor”. Essa informação sugere uma relação e vínculo laboral importante para a sua integração em sociedade.

RR por sua vez não está empregado, encontra-se atualmente em estágio “Neste momento estou a estudar, estou em estágio, de bar e mesa ...” A resposta dada destaca a relevância das relações institucionais, onde o estágio se configura como uma experiência prática para adquirir habilidades específicas que poderão ser uma mais-valia para a sua inserção e percurso profissional.

FR, encontra-se em situação de desemprego tendo mencionado que “...tou à procura de trabalho...”. Neste caso, a falta de emprego pode indicar uma necessidade de estabelecer novas relações, como forma de obter uma oportunidade de emprego adequada às suas competências.

Quanto a FS e JS estão atualmente empregados no setor da construção como referem os próprios, FS “Atualmente estou empregado [...] em pintura de construção civil.”, e JS “Sim, nas obras.”. As respostas evidenciam a importância das relações institucionais no contexto de emprego que se consideram essenciais à obtenção de uma autonomia financeira como fator primordial para as suas autonomizações.

MD informou nunca ter exercido nenhuma atividade profissional “Não, nunca trabalhei.” Essa resposta sugere uma falta de experiência prévia em relações institucionais de trabalho e a necessidade de estabelecer tais relações para obter oportunidades, competências e autonomia no futuro.

Além das respostas relacionadas ao emprego, também foi investigado se os jovens possuem alguma formação profissional específica.

DF e RR mencionaram que sim. DF refere que “...fiz formação de auxiliar de infância no IEFP e agora de estética.”, e RR “Sim de bar e mesa, que andei ali no Areal Gordo, no IEFP” estas formações específicas evidenciam a relevância das instituições de ensino profissionalizantes na capacitação de indivíduos para áreas específicas do mercado de trabalho.

Mencionaram também formação profissional FR e MD, ambos na área de cozinha na instituição ASMAL, como referido por FR “Eu tava a tirar um curso de cozinha na ASMAL e num acabei ...” e MD “É de cozinha. [...] ASMAL.”. Essa experiência revela o interesse de ambos em adquirir habilidades profissionais, mesmo em circunstâncias desafiadoras, como a saúde mental. Essa busca por formação demonstra a valorização do

aprendizado e do desenvolvimento profissional importante em cada indivíduo independentemente das suas próprias especificidades.

Com base na análise das respostas dos jovens, fica evidente que as relações institucionais desempenham um papel crucial no ambiente do trabalho. As respostas obtidas revelam a importância das instituições de ensino e formação profissional na capacitação e preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho.

Conforme destacado pelos técnicos entrevistados os jovens enfrentam desafios no estabelecimento de trajetórias estáveis no mercado de trabalho. Como a técnica CN mencionou, os jovens têm uma “...relação difícil com o trabalho...” e alguns “...acham que não têm necessidade de trabalhar...”, o que é reforçado pela técnica PL que afirma que quando os jovens integram a instituição vêm “...sem hábitos de trabalho...”, o que é corroborado pela técnica PL que os jovens “...não trazem hábitos de nada...”.

Além disso, as respostas enfatizam a necessidade de estabelecer e manter relações institucionais com empresas e organizações para garantir oportunidades de emprego. Foi destacada também a relevância de instituições sociais, como associações, na oferta de formação profissional para grupos específicos de pessoas.

No entanto, a combinação da precariedade dos empregos com a falta de instrução representa um desafio significativo na transição dos jovens para o mercado de trabalho, deixando-os presos em caminhos complexos.

Como referido por Pais (2011) “... a vida de muitos deles é como jogar e ser um brinquedo, é um embrulho, é um labirinto que enreda a vida. Os seus percursos entrecruzam topias e utopias sucessivas.” (p. 68)

Como tal, entende-se como crucial estabelecer parcerias sólidas entre instituições educacionais e o setor empresarial, a fim de superar esses desafios e proporcionar aos jovens caminhos mais claros e viáveis para as suas inserções em mercado de trabalho. Além disso, e perante os resultados obtidos, entende-se como essencial fortalecer a oferta de formação profissional, como forma de capacitar grupos específicos de pessoas em busca de oportunidades de emprego. Assim, poder-se-á romper com o labirinto que aprisiona a vida destes jovens, permitindo que trilhem percursos de realização e progresso.

Categoria: Equipamentos Sociais

Os equipamentos sociais desempenham um papel fundamental na vida das pessoas que enfrentam dificuldades sociais. Dentro desta categoria e por meio das partilhas dos jovens em estudo, foi alcançada uma compreensão mais profunda sobre as suas experiências e os motivos que os levaram a recorrer a instituições sociais. Para tal entendimento foram colocadas duas perguntas que se encontram expressas nas tabelas 42 e 48 das quais foi feita a análise das respostas dadas.

Tabela 42 – Teve experiências anteriores com outros equipamentos sociais?

Sim	4
Não	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 48 – Quais os motivos que o levaram a recorrer a este equipamento social?

Encaminhado pela Segurança Social	1
Escolhas erradas	1
Situação de sem-abrigo	1
Expulso de casa	1
Desemprego	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Entre os participantes, identificaram-se uma diversidade de experiências prévias com equipamentos sociais. Alguns dos depoimentos destacam as circunstâncias traumáticas que levaram à busca por uma nova vida. Por exemplo DF relata ter saído da casa da avó devido aos maus-tratos e violência, e aos 15 anos decidiu fugir e buscar ajuda “Sim, foi quando eu saí da casa da minha avó, por ter maus-tratos, por levar porrada por tudo e por nada, e eu disse aos 15 que já chegava que queria ter uma vida nova, regras novas e queria me aplicar na minha vida e aí eu decidi fugir de casa e fazer queixa dela e ir para melhor.” Mencionou ter estado integrada na Casa Santa Isabel em Faro onde permaneceu por 6 anos.

RR, por sua vez, mencionou que “Integrei na Casa dos Rapazes com 7 anos e saí de lá com os meus 20 quase 21.” Relata ter sofrido tentativas de homicídio por parte do seu ex padrasto, inclusive um incidente em que foi incendiado, deixando uma cicatriz visível como prova “Meu ex. padrasto tentou matar-me várias vezes, [...] onde uma delas pôs-me gasolina em cima e depois pôs-me a arder. E eu tenho a cicatriz a provar...”. Esses depoimentos revelam a importância dos equipamentos sociais como lugares de acolhimento e proteção para aqueles que enfrentam situações de risco e violência.

FR também mencionou ter passado por equipamento social, mas não conseguiu identificar o motivo da sua institucionalização. FR relata ter sido integrado na instituição “Luzinhas, isso fica em olhão.”, aos “2 ou 3 anos” e permanecido lá por “14 ou 15 anos”.

JS conta que foi tirado da sua mãe quando ainda era um bebé e colocado na Casa dos Rapazes em Faro, “Eu tinha meia dúzia de meses, ainda não tinha um ano quando fui tirado á minha mãe [...] Porque a minha mãe não tinha uma vida fácil e consumia cenas, drogas, e coisas assim.” Permaneceu institucionalizado até atingir a maioridade, aos 18 anos.

Por outro lado, FS e MD mencionam não terem tido experiências prévias com equipamentos sociais e que esta é a primeira vez em que precisam recorrer a apoio institucional.

Quanto aos motivos que levaram os participantes a buscar um equipamento social, as respostas variam de acordo com suas circunstâncias pessoais. Alguns mencionam situações de perda e falta de recursos. DF relata “...fiquei desempregada e sem capacidade para pagar um quarto [...] fiquei sem nada, sem ter para onde ir.”

RR menciona ter perdido sua casa, “...eu ter perdido a casa ...” o que o levou a buscar abrigo e apoio em um equipamento social.

FR “Ah..., não sei.”, não consegue identificar o motivo específico que o levou à institucionalização.

FS relata ter tomado uma decisão errada “...a dada altura fiz a escolha errada em mudar de trabalho e acabei perdendo, acabei deixando o que eu tinha certo por aquilo que não deu certo, e assim, acabei perdendo tudo, perdi a casa, perdi tudo, e fui parar à rua.”

JS menciona que devido ao consumo de estupefacientes chegou a um ponto em que não suportava mais a situação em que se encontrava “...um dia já não aguentava mais, a parte psicológica, o corpo, era tudo..., tinha fome a sério e já não aguentava mais e vim cá.”, sendo o motivo que o levou a buscar ajuda a equipamentos sociais.

Por fim, MD menciona “Porque eu não tinha sítio para dormir (...) Puseram-me fora de casa.”, afirmando ser o motivo pelo qual recorreu a esta instituição.

Ao analisarmos as respostas dos jovens, fica claro o quão importante são as relações institucionais nos equipamentos sociais. Esses locais desempenham um papel fundamental ao oferecer suporte e assistência para aqueles que enfrentam circunstâncias difíceis em suas vidas. É doloroso perceber que a maioria desses jovens já teve de enfrentar essas circunstâncias em uma idade muito jovem, como foi destacado pelos próprios e reforçado pelas técnicas: CN “...grande parte já estiveram institucionalizados ...”, PL “... estiveram desde novinhos em outras instituições ...”, RM “... muitos deles já passaram por instituições ...”.

Os depoimentos revelam uma diversidade de percursos de vida entre estes jovens, cada um com as suas particularidades. No entanto, há um denominador comum que permeia todas essas experiências: a pobreza e a falta de recursos. Seja qual for a história individual, estes jovens enfrentam dificuldades devido às suas condições socioeconómicas precárias. Essa falta de recursos tornou-os vulneráveis e expostos a uma série de desafios e adversidades.

Embora as circunstâncias possam variar, desde desemprego e maus-tratos até a falta de apoio familiar e a violência doméstica, todos esses fatores estão enraizados na pobreza. A escassez de recursos básicos, incluindo moradia adequada, acesso a oportunidades educacionais e serviços de saúde, tendem a criar uma série de obstáculos e desigualdades para esses jovens.

Conforme afirmado por (Almeida 2013, citado por Sales, 2018) essas diferenças traduzem-se em “...sistemas de diferenças que se traduzem em desvantagens duradouras e penalizadoras de indivíduos e grupos e que são geradas, mantidas e reproduzidas - independentemente de méritos ou desméritos individuais...” (p.16)

Portanto, embora cada trajetória de vida seja única, entende-se como essencial reconhecer que a pobreza e a falta de recursos são os fatores subjacentes que conectam todas estas histórias. É a luta contra essas privações que impulsiona a busca contínua por apoio e acolhimento desses jovens. Isso pode mostrar porque as relações institucionais se mantêm ao longo do tempo, como uma necessidade contínua para estes jovens em busca de suporte emocional e prático.

Percorso de vida

Na dimensão relacionada ao percurso de vida, procurou-se identificar e analisar a trajetória individual dos jovens ao longo do tempo, com o intuito de compreender e estudar a vida de cada um, além de capturar a complexidade e a diversidade dessas trajetórias, contribuindo assim para o conhecimento das mesmas e para a compreensão das influências sociais que moldaram a suas vidas.

Ao analisar as respostas dos participantes, às perguntas expressas nas tabelas 51, 52, 55 e 56 obtiveram-se os seguintes resultados.

Tabela 51 – Quais os fatores que identifica como responsáveis para a situação em que se encontra?

Problemas do foro psicológico	2
Não sabe	1
Escolhas erradas	1
Dependências químicas	1
Rutura familiar	1
Desemprego	1
Covid	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

DF mencionou o desleixo pessoal, associado a problemas de saúde mental, como a depressão, tendo afirmado “Acho que foi um bocado de desleixo da minha parte, porque eu acabei por ficar mais deprimida, com uma depressão, e comecei a não cuidar de mim...” esta resposta evidencia a relação entre o estado emocional e a sua capacidade de cuidar de si mesmo, o que pode levar ao desencadeamento de situações de sem-abrigo.

FR relatou que não sabe o motivo e refere que “...foi a segurança social que me disse para vir...” Esta afirmação destaca que FR não tem consciência do porquê da sua situação, e destaca também a importância do papel do assistente social no apoio determinante que pode ter na ajuda e encaminhamento de jovens em risco.

Já RR menciona a pandemia COVID 19 como fator determinante para a sua situação, onde afirmou que “Foi literalmente o restaurante ter fechado, o covid, eu ter perdido a casa...” A resposta dada ressalta a relação direta entre o impacto económico da pandemia e a perda de moradia, demonstrando como eventos externos podem levar a situações de rotura.

A resposta de FS destaca que “...escolhas erradas...” foram responsáveis por ter ficado em situação de sem-abrigo, o que enfatiza a importância das decisões individuais e da capacidade de perceção da responsabilidade pessoal na trajetória de vida.

JS identifica o uso de substâncias psicoativas, “Tudo e mais alguma coisa, mas sem dúvida as drogas.”, como fator crucial para a sua situação. A resposta dada destaca a ligação a problemas de dependências, evidenciando a consciência que o jovem tem de si e do abuso de substâncias como um fator de risco.

A resposta de MD aponta para problemas familiares, como mencionado, “A minha irmã. Porque puseram-me fora de casa...”. A resposta dada revela um contexto familiar problemático, no qual a falta de apoio e afeto contribuiu para a sua atual condição.

Ao analisar as respostas dos jovens, é possível observar que a maioria atribui a responsabilidade pela sua situação de sem-abrigo aos fatores internos, como depressão, desleixo pessoal e escolhas erradas, o que vai ao encontro da perspetiva e experiência dos técnicos quando afirmam, CN “... os consumos [...] saúde mental ...”, PL “...depois os consumos...”, RM “...os consumos de substâncias psicoativas, falta de respostas sociais adequadas ...”

Essas respostas revelam uma tendência de culpa, na qual os jovens se responsabilizam por não terem conseguido evitar a situação em que se encontram. Essa consciência pode servir como um alerta para situações futuras e a necessidade de buscar apoio atempadamente, prevenindo assim possíveis dificuldades pessoais.

No entanto, é importante destacar que a falta de apoio familiar não é mencionada pelos jovens como um fator significativo para a sua situação. Ao passo que os técnicos atribuem grande importância à falta de apoio familiar como um fator primordial para a situação de sem-abrigo dos jovens, como mencionado por CN “...ruptura familiar...”, PL “...primeiro é a família...” e RM “...falta de retaguarda familiar...”. Essa omissão pode ser reflexo de diversos motivos, com uma relutância em reconhecer a falta de apoio familiar ou o medo de serem julgados por dependerem dessa rede de suporte.

Neste sentido, depreende-se que é essencial compreender a complexidade dessas experiências e respeitar as diferentes perspectivas, tornando-se fundamental compreender a complexidade das causas que levam os jovens à situação de sem-abrigo indo além das explicações simplistas baseadas em culpas individuais. Entende-se perante os resultados obtidos que existe a necessidade de adotar uma abordagem mais compreensiva e sensível, que considere não apenas os fatores internos, mas também os contextos sociais e familiares em que estes jovens estão inseridos.

Ainda dentro da dimensão percurso de vida, procurou-se perceber, através da pergunta expressa na tabela 52, circunstâncias relevantes das suas trajetórias individuais, da qual se fez a análise das respostas dadas.

Tabela 52 – Quais os momentos mais marcantes da sua vida?

Não sabe	1
Infância	1
Ter crescido sem família	1
Falecimento mãe	1
Falecimento pai	1
Ter voltado para a família	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Ao serem analisadas as respostas dos jovens sobre os momentos mais marcantes de suas vidas, fica claro que a presença da família desempenha um papel relevante em suas experiências.

DF, afirma que “Acho que a minha infância, sim sem qualquer dúvida”. A resposta dada indica que a infância de DF foi um momento marcante em sua vida. A análise feita

revela que uma infância conturbada, com problemas familiares e falta de suporte emocional, pode ter contribuído para a sua situação.

O relato feito por RR “Ter descoberto que estou com cancro, foi um dos piores momentos da minha vida...”. Revela que o diagnóstico de um problema oncológico foi um dos momentos mais difíceis que enfrentou. Essa situação de saúde pode ter levado um impacto emocional significativo e desencadeado uma série de eventos que culminaram em uma situação de rutura.

A resposta de FR “Não sei” sugere que o jovem pode ter enfrentado dificuldades em refletir sobre os momentos marcantes da sua vida. Isso pode ser resultado de traumas, falta de apoio ou uma combinação de fatores que dificultam a identificação dessas experiências.

FS- “O mais marcante foi a perda da minha mãe, era a minha base, meu centro, era... era tudo.” A perda da mãe é destacada como um momento extremamente significativo para este jovem. Essa resposta enfatiza a importância do vínculo familiar e o impacto devastador que a perda de um ente querido pode ter na vida de uma pessoa.

JS- “Eh pá..., ter crescido sem família, acima de tudo sem uma mãe, sem um pai, é isso, isso marca a gente, marca ser sozinho.” A resposta dada por JS destaca a ausência de uma família como um fator marcante na vida deste jovem. A falta de apoio familiar desde a infância pode ter levado a um sentimento de solidão e desamparo, contribuindo para a sua situação.

A morte do pai é apontada como um momento marcante para MD, “Meu pai voltar ao mundo. E vai ser sempre.” A resposta dada por MD destaca que a morte do pai pode ter sido uma experiência que desencadeou uma série de desafios emocionais e práticos, que contribuíram para a sua situação atual.

Ao analisar as respostas dos jovens sobre os momentos mais marcantes das suas vidas, torna-se evidente a relevância do fator familiar enquanto elemento crucial nas suas trajetórias. Os relatos de infâncias conturbadas, perdas familiares e a ausência de apoio emocional revelam um impacto significativo que tais experiências exercem na vida desses jovens. Conforme mencionado pela (Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens em Risco (s.d.), citado por Machadeiro, 2018), tais

experiências “...compromete gravemente a criança e/ou jovem quanto à sua segurança, saúde, formação, educação e/ou desenvolvimento.” (p. 16). Como tal, pode-se concluir que esses eventos e circunstâncias adversas podem desencadear uma série de acontecimentos que, por sua vez, podem ter contribuído para a situação de sem abrigo em que estes jovens se encontram.

Dentro da dimensão percurso de vida, procurou-se perceber, também, através da pergunta expressa na tabela 55 e 56, a percepção que os jovens têm de si como estando em situação de sem-abrigo, da qual se fez a análise das respostas obtidas.

Tabela 55 – Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem abrigo? O que sentiu?

Nunca esteve em situação de sem-abrigo	2
Sim	4

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 56 – Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem abrigo? O que sentiu?

Na altura sentiu medo	1
Foi difícil	1
Teve vergonha	1
Sentiu desespero	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

As respostas obtidas apresentam diferentes reações emocionais, contudo, demonstram que os jovens não reconhecem plenamente a sua condição de sem-abrigo.

DF relatou que, ao perceber a sua situação de sem-abrigo, sentiu medo e incerteza “Sim, nessa altura na verdade sentia muito medo [...] É pensar, meu deus, e agora?” A resposta dada indica uma tomada de consciência abrupta, marcada por uma sensação de vulnerabilidade e preocupação em relação ao futuro.

Por outro lado, RR expressou uma sensação de desespero ao perceber a sua situação de sem-abrigo “Lembro [...] literalmente senti-me em desespero...” essa reação emocional intensa reflete a experiência de uma crise emocional diante da falta de um lugar seguro para residir.

FR negou a própria condição de sem-abrigo, afirmando “Não nunca tive na rua, nunca fui isso” essa resposta sugere uma possível falta de consciência da sua realidade, o que pode ser resultado de uma negação ou mecanismo de defesa.

Já FS demonstrou ter uma percepção consciente de ter estado em situação de sem-abrigo e relatou sentimentos de dor e sofrimento ao ser observado e julgado pelas outras pessoas, “Claro lembro [...] Foi dolorido [...] O facto de você saber que está assim e as pessoas te olhando, a maneira como olham, machuca, dói.” Essa resposta evidencia o impacto emocional das atitudes e olhares discriminatórios da sociedade.

Por sua vez, JS descreveu um momento de conscientização em que se sentiu encurralado, com fome e vergonha, mas também com uma aceitação resignada da sua situação “Sim lembro [...] olhei à volta e tinha pessoas a passar e olhar para mim, e eu não tinha como disfarçar, não tinha para onde ir, tinha fome, tinha vergonha, mas... é o que é, mas já passou.” A resposta dada ilustra a resiliência diante das adversidades e uma atitude de aceitação perante a situação vivenciada.

Por fim, MD afirmou não ter tido consciência da sua situação de sem-abrigo “Não. Eu nunca tive assim nessa situação.” essa resposta sugere uma possível falta de percepção da realidade, o que pode ser resultado de diferentes fatores, como negação ou falta de compreensão da sua condição.

A análise das respostas dos jovens revela uma gama de experiências e perspetivas, que são carregadas de emoções intensas como medo, desespero e dor. No entanto, fica claro que os jovens não possuem uma compreensão completa ou negam a sua própria condição, tratando-a como algo pertencente ao passado. Essa visão é compartilhada pelos técnicos durante a entrevista realizada, quando expressam as suas opiniões: CN diz “Não de maneira nenhuma...”, PL afirma “Não, é algo que nem sequer lhes passa pela cabeça.” e RM comenta “Não, eu acho que não...”. Essa falta de consciência pode ser atribuída a vários fatores, como as experiências únicas de cada jovem, suas histórias de vida, as estratégias de adoção que desenvolveram e as influências do ambiente social circundante.

No entanto, pode-se concluir, conforme mencionado por Mendes (2018), que a falta de plena consciência da sua situação os coloca em uma posição ainda mais vulnerável na esfera social. Mendes define essa situação como “...o nível de resiliência ou resistência dos indivíduos e comunidades quando expostos a processos ou eventos prejudiciais, e resulta da combinação de criticidade e capacidade de suporte...” (p.479).

Como tal, pode concluir-se, que a falta de consciência da sua própria realidade pode contribuir para aumentar a vulnerabilidade social destes jovens. Essa falta de percepção pode impedir que desenvolvam estratégias eficazes de enfrentamento e busca de suporte, o que pode agravar ainda mais a precariedade da sua situação.

Ambições Futuras

Na dimensão referente às ambições futuras, buscou-se analisar as aspirações dos jovens e como essas ambições podem influenciar sua motivação e integração social. Nesta dimensão, foram investigadas as perspectivas e os objetivos que os jovens têm em relação ao futuro e como essas metas podem impactar o seu engajamento na sociedade.

A compreensão das ambições futuras foi considerada fundamental para entender o que influencia as expectativas dos jovens, o que os motiva e para identificar as áreas em que se desejam destacar.

Ao analisar as respostas dos participantes, à pergunta expressa da tabela 59 obtiveram-se os seguintes resultados.

Tabela 59 – Qual o seu projeto de vida?

Estabilidade laboral	2
Não sabe	1
Recuperar saúde	1
Estabilidade	1
Terminar curso	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

A partir da análise das respostas dos jovens sobre seus projetos de vida, podem-se identificar alguns pontos comuns que podem influenciar a sua motivação e integração social.

DF expressou seu desejo de ter um espaço físico para trabalhar em unhas, afirmando “É um projeto e um sonho [...] ter um espaço físico para trabalhar em unhas.” revela sua ambição em estabelecer seu próprio negócio e desenvolver suas habilidades profissionais. Essa ambição pode ser um forte impulso motivacional para DF, pois lhe proporcionaria independência financeira e a realização de um sonho pessoal. Além disso, ao alcançar essa meta, DF poderia integrar-se socialmente e ser bem-sucedida.

RR destacou o objetivo de concluir os estudos, mencionando “... acabar a escola...”. Essa resposta revela a importância da educação na vida de RR e a sua motivação para adquirir conhecimento e habilidades. A conclusão dos estudos pode abrir portas para RR em termos de empregabilidade e oportunidades futuras. Além disso, ao obter uma formação educacional completa, RR estará mais preparado para se integrar socialmente, tanto no âmbito profissional quanto pessoal.

FR demonstrou o desejo de ser chefe de restaurante. Essa ambição é evidenciada pela sua afirmação “Ser chefe de restaurante”. Essa ambição pode servir como uma grande fonte de motivação para FR, impulsionando-o a buscar formação e experiência necessárias para integração em mercado de trabalho.

FS compartilhou o desejo de atingir o seu máximo, crescer e evoluir. Embora a resposta não seja específica em relação a uma profissão ou área de interesse, a resposta dada “atingir o meu máximo, crescer e evoluir.” Sugere um desejo de superação pessoal e desenvolvimento contínuo. Essa ambição pode ser uma fonte de motivação constante para FS, impulsionando a buscar oportunidades de aprendizagem e crescimento em diversas áreas. Ao se esforçar para atingir o seu máximo potencial, FS poderá integrar-se socialmente em diferentes contextos, aproveitando as experiências adquiridas para contribuir para a sua estabilidade e crescimento pessoal.

JS expressou o desejo de ter um quarto só para si e construir uma vida através de um trabalho. A sua resposta “Arranjar um quarto só para mim [...] ter um trabalho e fazer minha vida.”, ressalta a importância da estabilidade e independência para JS. Ter um espaço próprio e um emprego pode proporcionar a sensação de segurança e autonomia

tão desejada. Essa ambição pode motivar JS a buscar oportunidades de emprego e estabilidade financeira, permitindo-lhe integrar-se socialmente de forma mais plena, ao estabelecer uma base sólida para a construção da sua vida.

MD manifestou sua vontade de lutar sozinho e ter sua própria loja de maquiagem “Lutar, só! [...] Quero mesmo ter a uma loja própria para maquiagem pessoas.” revela a ambição de MD em empreender e estabelecer um negócio próprio. Essa ambição pode ser um poderoso motivador para MD, impulsionando a adquirir habilidades e a conquistar a sua independência.

Ao serem analisadas as respostas dos jovens em relação aos seus projetos de vida, foi possível observar elementos compartilhados que têm o potencial de impactar a sua motivação e capacidade de integração social. Em primeiro lugar, a presença de uma ambição clara e bem definida, como ter um negócio próprio, concluir os estudos, ou alcançar um cargo específico, pode servir como uma fonte significativa de motivação para os jovens. Essas ambições podem funcionar como metas a serem alcançadas, impulsionando-os a buscar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

No entanto, é importante ressaltar que há divergências de opiniões entre os técnicos e os jovens entrevistados. Os técnicos afirmam que os jovens têm poucas ambições para o futuro e manifestam incerteza ou acreditam que, sim, os jovens possuem ambições. Por exemplo, CN destaca que “As ambições futuras são muito poucas...”, PL reflete “Nem sei... Acho que sim, quero acreditar que sim.”, e RM observa que “A maioria não tem ambições.”

Além disso, as ambições futuras podem desempenhar um papel importante na integração social dos jovens em situação de sem-abrigo. Ao estabelecerem objetivos concretos e buscarem a realização pessoal, os jovens podem sentir-se mais motivados para o envolvimento em atividades que promovam o contato com a sua comunidade e, conseqüentemente, criarem conexões sociais. A conquista dessas ambições pode proporcionar-lhes um maior sentimento de pertença e oferecer uma oportunidade de contribuir de forma positiva para a sociedade.

4.Cronograma

Para se desenvolver um trabalho de investigação é necessário fazer o planeamento das atividades envolvidas, para que o tempo seja organizado de forma eficaz.

Assim, apresenta-se o cronograma de atividades da investigação realizada.

Quadro III – Cronograma de Atividades

Atividades	Set. 2022	Out. 2022	Nov. 2022	Dez. 2022	Jan. 2023	Fev. 2023	Mar. 2023	Abr. 2023	Mai. 2023	Jun. 2023	Jul. 2023
Revisão bibliográfica					x	x	x				
Construção de guião de entrevista semiestruturada							x				
Aplicação de entrevistas semiestruturadas								x			
Transcrição de entrevistas								x	x		
Análise e tratamento de dados									x	x	
Execução de Relatório Final										x	x

Fonte: Elaboração Própria

5. Considerações Finais

O trabalho desenvolvido pelo Serviço Social tem como objetivo intervir nos problemas sociais e promover a mudança social, com especial foco nas pessoas que

enfrentam maiores riscos e vulnerabilidades. O seu propósito principal é reduzir as desigualdades e injustiças através de uma abordagem colaborativa e solidária.

Neste contexto, o papel do técnico de serviço social é entendido como fundamental na promoção da inclusão social, envolvendo as pessoas e incentivando a sua participação ativa para uma compreensão abrangente do contexto de intervenção. Essa abordagem permite uma melhor identificação dos mecanismos necessários para satisfazer as necessidades da população em questão.

Com base nessa premissa, esta investigação teve como objetivo principal analisar as problemáticas relacionadas com os grupos de pessoas em situação de sem-abrigo, com enfoque particular na faixa etária jovem. A investigadora, que atua como técnica na área social, selecionou esse grupo como forma de compreender porque cada vez mais jovens estão a enfrentar esta situação.

Nesta conclusão, serão apresentados os principais resultados e conclusões obtidas, bem como recomendações para futuras ações e a importância de se continuar a investigar na área do Serviço Social como uma ferramenta na redução dos riscos, na promoção da inclusão social e na redução das desigualdades.

Nesse sentido, e como forma de incentivar os jovens a desempenhar um papel ativo e significativo na sua própria integração social e evitar que se tornem os adultos em situação de sem-abrigo do amanhã, foi necessário dar-lhes voz e ouvi-los diretamente, com o propósito de compreender os motivos que os levaram a essa situação.

No âmbito desse propósito formulou-se como questão de partida desta investigação, perceber: **Quais os fatores promotores, que levam os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, à situação de sem-abrigo?**

Como todo o trabalho científico, delineou-se como objetivo geral “ Conhecer os fatores promotores da situação de sem-abrigo, na população jovem, entre os 18 e os 30 anos, institucionalizados na IPSS, MAPS.”, tendo resultado desse enfoque a evidência de diversas dimensões que se julgam estar na origem deste flagelo, onde foi possível concluir que os jovens acolhidos pela instituição MAPS, tendem a ter um senso de pertencimento familiar frágil, uma visão negativa da família e uma perspetiva desfavorável das relações

comunitárias. Estes jovens enfrentam angústias relacionadas com o abandono e têm dificuldades em estabelecer laços sólidos em todas as áreas das suas vidas.

Todas estas evidências resultaram de uma análise abrangente de diversas dimensões ligadas ao processo de desenvolvimento dos indivíduos, como laços familiares, laços sociais, relações institucionais, trajetórias de vida e aspirações futuras. Essa análise foi conduzida com o intuito de investigar e compreender melhor tais aspetos, conseguidos através da realização de entrevistas semiestruturadas, tendo sido estabelecidos objetivos específicos que nortearam toda a abordagem utilizada.

No âmbito da análise das dinâmicas atuais dos laços familiares dos jovens, apurou-se um amplo leque de possibilidades para esta dimensão ter contribuído para a problemática em estudo. A intensidade afetiva emocional, os conflitos interpessoais e as complexas relações familiares foram alguns dos elementos evidenciados na análise dos resultados. O objetivo específico consistiu em “Perceber qual a importância dos laços familiares para o desenvolvimento socio-emocional dos jovens em situação de sem-abrigo”, como forma de desvendar a importância intrínseca desses laços na promoção das questões sociais e emocionais dos jovens, cientes do seu profundo impacto nas vidas desses indivíduos.

No que a esta dimensão diz respeito, os resultados obtidos suscitaram sérias preocupações, pois apontaram para experiências negativas que evidenciaram a presença de ambientes familiares hostis, potencialmente traumáticos. Essa constatação, por si só, sugere que as relações com a família podem ter sido profundamente afetadas.

Quanto à ausência de detalhes específicos apurados, relativamente a memórias positivas e memórias negativas, mantém-se, mesmo assim, o peso da preocupação na mudança da dinâmica familiar ao longo do tempo. Com isso, é válido questionar: o que terá provocado essa alteração? Que eventos ou circunstâncias contribuíram para essa transformação?

A carência de memórias marcantes sugerem inexistência de experiências significativas e fundamentais no contexto das relações familiares dos jovens, fruto das institucionalizações a que a maioria foi submetida durante a mais crucial fase de desenvolvimento, isto é, a infância e a adolescência, privando-os assim de um processo de socialização, onde se aprende os valores, normas e tradições que moldam os

indivíduos, onde se adquirem as noções de pertencimento e solidariedade, aprendendo a cuidar uns dos outros e a enfrentar os desafios da vida em conjunto.

A mera menção de memórias contraditórias traz à tona um cenário de relações familiares complexas e ambivalentes. Como é possível que uma mesma relação gere lembranças tão discrepantes? O sentimento de uma perda significativa no seio familiar, pode exercer profunda influência ao ser caracterizada como experiência dolorosa. É inegável que essas respostas revelam uma diversidade de vivências e perspectivas em relação às relações familiares dos jovens. Alguns destacam aspectos positivos, enquanto outros relembram memórias dolorosas, e ainda aqueles que relatam uma falta ou ausência de memórias marcantes.

Um ponto intrigante é a menção de jovens que mantêm um vínculo familiar apesar de terem sido vítimas de violência, perpetradas, segundo os mesmos durante vários anos. Essa constatação leva a uma reflexão sobre a resiliência humana e a capacidade de buscar a conexão familiar, mesmo diante das dificuldades vivenciadas. Por outro lado, a falta de conexão mencionada por outros jovens remetem para uma triste realidade de distanciamento emocional ou conflitos familiares. Ainda assim, é encorajador saber que, apesar do período de institucionalização durante a infância e a adolescência, existem jovens que mencionam o resgate e o fortalecimento da relação com a mãe, o que pode exercer um impacto positivo no desenvolvimento socio-emocional dos mesmos.

A proximidade familiar entende-se como um bálsamo para o desenvolvimento emocional, fornecendo um senso de apoio, confiança e companheirismo. Em contrapartida, a falta de envolvimento familiar pode acarretar consequências profundamente negativas, como sentimentos de abandono e baixa de autoestima. Ausência do suporte emocional e a falta de modelos saudáveis de relacionamentos familiares podem gerar impactos prejudiciais no indivíduo.

Diante desse panorama complexo, é imprescindível considerar que as relações familiares são influenciadas por uma miríade de fatores, como histórias familiares, mudanças nas circunstâncias pessoais e escolhas individuais. Nesse sentido, entende-se como fundamental valorizar o conhecimento dos técnicos de intervenção social, porque uma vez no campo, conseguem complementar as perspectivas dos jovens e fornecer visões importantes sobre as dinâmicas familiares. São essas perspectivas que alertam e reforçam

a existência de uma ampla variedade de situações familiares, que vão desde relações mantidas apesar das adversidades até à triste ausência de envolvimento e interesse por parte dos familiares. A compreensão dessas nuances é essencial para lidar de forma adequada com a complexidade destas relações e para oferecer o suporte necessário aos jovens que enfrentam desafios neste contexto.

Em suma, as análises das dinâmicas familiares dos jovens conduzem a uma reflexão profunda sobre o impacto dessas relações e seu desenvolvimento socio emocional. A diversidade de experiências e perspectivas revela a complexidade inerente a esses laços familiares. Nesse contexto, entende-se como imperativo buscar formas de fortalecer os laços familiares, promover ambientes seguros e acolhedores e fornecer o suporte emocional necessário para que esses jovens possam florescer plenamente. A compreensão dos desafios e das nuances das relações familiares entende-se como crucial para criar estratégias eficazes de apoio e intervenção visando o bem-estar e o desenvolvimento saudável dos jovens em risco.

No entanto os laços familiares não existem isoladamente. Eles se entrelaçam com os laços sociais mais amplos, que englobam todos os membros da sociedade em geral. Essas relações sociais estendem-se além do âmbito familiar e expandem o senso de pertencimento e interdependência. Os laços sociais são essenciais para a construção de redes de apoio para a partilha de experiências e para a criação de um sentido de comunidade.

Ao mergulhar na profundidade dos laços sociais, existe um confronto com a contundente realidade dos jovens em situação de sem-abrigo e a importância intrínseca dos laços sociais em sua superação e reintegração social. A análise realizada, assente no objetivo específico de “Compreender qual a importância dos laços sociais para a superação e integração social dos jovens em situação de sem-abrigo”, revelou uma teia complexa de perspectivas divergentes, expondo tanto a inalteração dos laços sociais decorrentes de sua condição, como também os impactos emocionais e as preocupações específicas que permeiam as suas interações com a comunidade.

A constatação de que a institucionalização pode engendrar estigmas sociais e preconceitos implica em profundas repercussões na vivência social dos jovens, minando a sua autoestima e capacidade de inserção na sociedade. A dura realidade de serem

rejeitados e ignorados pela comunidade é um flagrante exemplo da exclusão social que acomete esses jovens, corroendo sua autoestima e senso de pertencimento. É uma triste constatação da ausência de reconhecimento e valorização desses indivíduos por parte da sociedade, uma lacuna que repercute negativamente em seu bem-estar emocional e perpetua as dificuldades de reintegração social.

Na reflexão feita perante os resultados obtidos, ressalta-se com um vigor a imprescindibilidade dos laços sociais para a superação e integração dos jovens em situação de sem-abrigo. São laços sociais positivos que fornecem alicerces de apoio emocional, oportunidades de conexão e acesso a recursos essenciais para enfrentarem os desafios que lhe são impostos e edificarem uma identidade social positiva. Entretanto, a ausência desses laços e o peso do estigma social constituem obstáculos concretos à inclusão, perpetuando a marginalização e dificultando a reintegração plena desses jovens na sociedade.

Diante desse cenário, entende-se como imprescindível uma ação concreta e efetiva para valorizar e reconhecer os jovens em situação de sem-abrigo. A promoção de laços sociais sólidos e afetuosos é crucial para romper a estigmatização e a discriminação, criando oportunidades efetivas de integração e participação social. Que medidas poderiam ser adotadas para construir um ambiente acolhedor e inclusivo para esses jovens? Como se pode dismantelar os estereótipos arraigados e os preconceitos enraizados que obstaculizam sua reintegração social? Essas são questões prementes que demandam uma reflexão coletiva e a implementação de políticas públicas abrangentes.

É inegável que os laços sociais desempenham um papel primordial na jornada dos jovens em situação de sem-abrigo rumo à superação e à integração social plena. Entende-se como premente reconhecer, abraçar e valorizar esses jovens, proporcionando-lhes um ambiente que os acolha com empatia e solidariedade. Somente através de um comprometimento coletivo e uma visão transformadora poder-se-á abrir caminhos para a transformação das suas vidas e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A par dos laços familiares e dos laços sociais estão também as relações institucionais, que desempenham um papel fundamental na construção e desenvolvimento de jovens bem ajustados e integrados na sociedade. A interação entre os jovens e as instituições promovem os seus crescimentos pessoais e as suas qualidades de vida. Na

dimensão referente às relações institucionais teve-se como objetivo específico “Analisar a importância atribuída às relações institucionais (escola, trabalho e equipamentos sociais)”, entendida como essencial para formação educacional, o crescimento pessoal e a qualidade de vida dos jovens e para a promoção e transmissão de conhecimentos, habilidades e valores, além de fomentarem a colaboração, o compartilhamento de experiências e o encontro de indivíduos em busca de objetivos comuns. Nesta dimensão tentou-se explorar a importância dessas relações institucionais e a sua contribuição para o bem-estar dos jovens.

Ao refletir sobre as relações institucionais no contexto escolar e o apoio oferecido pelos responsáveis no percurso educativo dos jovens, tornou-se evidente a importância desses elementos. Durante a investigação, constatou-se que a maioria dos jovens enfrentou dificuldades, como desinteresse e falta de reconhecimento, tanto por parte dos familiares quanto das instituições onde estiveram integrados. Essas experiências negativas podem ter afetado a motivação, o engajamento, e o desempenho escolar dos jovens.

Além disso, muitos destes jovens optaram por retornar à escola por meio do ensino profissional, buscando complementar os seus estudos anteriores. Essa escolha pode ter sido motivada pela necessidade de adquirir habilidades específicas para o mercado de trabalho, mas também pode ser resultado das dificuldades enfrentadas anteriormente na educação formal.

Por outro lado, entende-se como importante mencionar que alguns jovens receberam apoio significativo dos seus responsáveis, o que influenciou positivamente as suas experiências escolares. No entanto, também foram relatados casos de violência física por parte de familiares, devido ao desinteresse escolar, o que pode ter impactado de forma prejudicial a percepção dos jovens em relação à escola e às relações institucionais.

Estas trajetórias diversas destacam a importância de considerar a individualidade de cada jovem e as diferentes formas de apoio necessárias ao longo do percurso educativo. O ensino profissional pode ser uma alternativa valiosa para aqueles que enfrentam dificuldades na educação formal, oferecendo oportunidades de completar os estudos e adquirir habilidades práticas. No entanto, entende-se como fundamental que as escolas e instituições educativas estejam atentas às necessidades e dificuldades dos jovens,

fornecendo um ambiente acolhedor, apoio emocional e incentivo ao seu desenvolvimento educacional e pessoal.

Perante as respostas obtidas, ficou claro que as relações escolares desempenham um papel crucial no desenvolvimento educativo e pessoal dos jovens. O apoio e a valorização oferecidos pelos responsáveis são fatores motivacionais essenciais para uma frequência escolar regular e um envolvimento ativo. No entanto, entende-se como necessário reconhecer os efeitos negativos da indiferença, da pressão excessiva e da violência, que podem levar ao afastamento dos jovens e prejudicar o desempenho escolar.

Diante deste cenário, entende-se como crucial implementar estratégias eficazes que promovam a participação institucional e o apoio familiar, como fomentar o estabelecimento de parcerias sólidas entre a escola e as famílias, além da criação de programas abrangentes que enfatizem a importância da educação. Considerando a importância das relações institucionais no contexto escolar e o apoio oferecido pelos responsáveis no percurso educativo dos jovens, surge a seguinte indagação: como será possível estimular ativamente o envolvimento dos responsáveis e construir um ambiente educativo que ofereça aos jovens oportunidade de superar obstáculos e trilhar um caminho escolar promissor? Para responder a essa pergunta, é fundamental reconhecer que as relações institucionais na escola e o apoio dos responsáveis desempenham um papel significativo no desenvolvimento educativo e pessoal dos jovens.

Nesse sentido, entende-se como fundamental adotar uma abordagem sensível e empática, compreendendo as necessidades emocionais e educacionais desses jovens, por forma a construir um ambiente educativo saudável que forneça as ferramentas necessárias para que os jovens superem as adversidades e alcancem um percurso escolar promissor, repleto de esperança e possibilidades.

Dentro desta dimensão, das relações institucionais investigou-se também a ligação e a importância com o mercado de trabalho entre os jovens entrevistados. Os resultados obtidos revelaram uma ampla gama de situações e experiências relacionadas ao emprego destes jovens.

Foi interessante perceber que alguns jovens estão atualmente empregados e tiveram a oportunidade de compartilhar informações sobre sua área de atuação, tempo de emprego e satisfação com o trabalho. Por outro lado, há jovens desempregados que estão

em busca de uma colocação profissional e puderam explicar os motivos que os levaram a essa situação.

Essas informações ressaltam a importância de estabelecer vínculos e conexões no ambiente de trabalho para a plena integração dos jovens na sociedade. Durante as entrevistas, surgiu a percepção de que os estágios podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades específicas, que são valiosas para a trajetória profissional futura destes jovens.

No entanto, vale a pena refletir sobre a falta de emprego enfrentada por alguns jovens. Será que existe uma necessidade de estabelecer novas conexões e ampliar a rede de contactos para acessar a oportunidades de trabalho compatíveis com as suas habilidades? Como será possível apoiar esses jovens na construção dessas relações institucionais?

Além disso, as respostas obtidas destacaram a importância das relações institucionais em relação ao emprego, ressaltando que tais vínculos são essenciais para alcançar autonomia financeira e pessoal. Isso leva a que se reflita sobre como fortalecer e expandir essas relações institucionais.

As respostas também apontaram para a necessidade de adquirir formação profissional específica. Tornou-se evidente que as instituições de ensino profissionalizantes desempenham um papel crucial na capacitação desses jovens para atender às demandas do mercado de trabalho. Considerando isso, como será possível fortalecer e expandir a oferta de formação profissional significativa e de qualidade, de modo a capacitá-los ainda mais?

É importante destacar os desafios que os jovens enfrentam na busca de trajetórias profissionais estáveis. A combinação de empregos precários e falta de qualificação adequada representa um obstáculo significativo para a sua transição para o mercado de trabalho. Diante disso, como será possível superar esses desafios e fornecer caminhos mais claros e acessíveis para o progresso desses jovens em suas carreiras?

Com base nos resultados obtidos, sugere-se a criação de parcerias sólidas entre instituições educacionais e o setor empresarial, no sentido de promover a troca de conhecimentos, ampliar as oportunidades de emprego e fortalecer a preparação dos jovens

para o mercado de trabalho. Além disso, entende-se como fundamental investir na oferta de formação profissional e no apoio a grupos de pessoas com necessidades específicas na busca de emprego.

Ao romper com as dificuldades enfrentadas pelos jovens, poder-se-á abrir caminhos que levem ao sucesso e ao progresso em seus percursos profissionais. Como tal, entende-se como essencial incentivar o desenvolvimento de programas e políticas que promovam a integração dos jovens no mercado de trabalho, valorizando a sua formação profissional e apoiando-os na construção de relações institucionais sólidas, como um dos pilares centrais para que os jovens não entrem em caminhos desviantes e de risco.

No contexto das relações institucionais, procurou-se também compreender se os jovens já haviam recebido auxílio de outros equipamentos sociais anteriormente. Foi interessante verificar que na maioria dos casos tal se confirmou, tendo-se procurado compreender as razões que os levaram a recorrer novamente a esse tipo de apoio e qual a sua importância. Essa repetição de busca por apoio levantou questionamentos sobre a eficácia das intervenções anteriores e a capacidade das instituições de suprir as necessidades desses jovens de forma sustentável.

Os depoimentos revelaram que muitos jovens enfrentaram situações traumáticas, como maus-tratos, violência doméstica e separações familiares, que podem ter levado a comportamentos desviantes como ao consumo de substâncias psicoativas, entre outros. Essas experiências dolorosas destacam a importância das instituições sociais como refúgios e locais de proteção para aqueles que enfrentam riscos e adversidades. No entanto entende-se como essencial refletir sobre como essas instituições estão a abordar as necessidades físicas, emocionais e psicológicas desses jovens, a fim de promover a superação desses momentos traumáticos e o desenvolvimento saudável.

Além disso, foi observado que a pobreza e a falta de recursos são fatores subjacentes presentes em todas as histórias compartilhadas. Os participantes mencionaram enfrentar desafios relacionados à escassez de moradia, falta de acesso a oportunidades de emprego estáveis, obstáculos esses que evidenciam a importância de políticas públicas e intervenções que visem combater a pobreza e reduzir as desigualdades socioeconômicas proporcionando condições mais favoráveis para o desenvolvimento dos jovens em questão.

Diante destes resultados, entende-se como crucial refletir sobre como aprimorar as relações familiares, institucionais e a efetividade dos equipamentos sociais. Perguntas que se entendem como relevantes são: como podem ser reestabelecidos e fortalecidos o suporte emocional e psicossocial fornecido pela ausência de retaguarda familiar? Como será possível romper o ciclo de dependência destes jovens em relação aos equipamentos sociais?

Com base na reflexão feita, perante os resultados obtidos, sugere-se que sejam realizadas mudanças nas políticas e práticas existentes, a fim de abordar as necessidades específicas destes jovens de maneira mais abrangente e sustentável, o que pode envolver investimentos adicionais na capacitação dos profissionais, aprimoramento das condições físicas das instituições e desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes.

Em suma, os resultados obtidos dentro da dimensão referente aos relacionamentos institucionais, mostram a complexidade das experiências vividas pelos jovens em questão, assim como as barreiras sociais quer ao nível escolar, quer ao nível laboral, institucional e económico que enfrentam. Como tal, entende-se como fundamental buscar soluções que promovam a inclusão, o apoio efetivo e a melhoria das condições de vida destes jovens, visando garantir-lhes um futuro mais digno e promissor.

A compreensão dos fatores que levam os jovens à condição de sem-abrigo tem se mostrado essencial para enfrentar esse desafio social. Nesse contexto a dimensão do percurso de vida revelou-se fundamental, tendo permitido uma análise mais profunda dos eventos marcantes e das perceções destes jovens sobre si mesmos e sobre como são percebidos pelos outros. A dimensão percursos de vida teve como objetivos específicos “Perceber qual o período em que os jovens se identificam como estando em situação de sem-abrigo” e “Analisar as razões identificadas pelos jovens que os levaram à situação de sem-abrigo, considerando eventos ou experiências que influenciaram a situação atual”, tendo-se através destes objetivos procurado compreender os eventos e experiências significativas que influenciaram as suas situações atuais, como forma de contribuir para uma abordagem mais abrangente e informada sobre esta problemática.

Durante as entrevistas, emergiram diferentes razões apontadas pelos jovens para a explicação da sua situação. Problemas de saúde mental, como depressão, foram mencionados como fatores que afetaram a sua capacidade de autocuidado e que

contribuíram para o desenlace da situação de sem-abrigo. No entanto, alguns jovens não conseguiram identificar um motivo específico, ressaltando a importância do auxílio dos assistentes sociais na orientação e apoio aos jovens em situação de risco.

A pandemia de COVID-19 também foi apontada como um fator determinante para o aumento da situação de sem-abrigo, uma vez que a perda de emprego resultou na impossibilidade de arcar com os custos de moradia. Essa constatação evidencia a estreita relação entre o impacto econômico da pandemia e a perda de abrigo, destacando como eventos externos podem desencadear crises nesse sentido.

Foi interessante observar que alguns jovens atribuíram as suas circunstâncias a escolhas erradas, enfatizando a importância das decisões individuais e da percepção da responsabilidade pessoal ao longo das suas trajetórias de vida. A conscientização sobre o abuso de substâncias psicoativas também foi mencionada, revelando como esses jovens reconhecem o uso de drogas como um fator de risco nas suas vidas.

Outros jovens apontaram para problemas familiares como um fator significativo para a sua situação. Essa perspectiva evidenciou a existência de contextos familiares problemáticos, nos quais a falta de apoio e afeto contribuíram para a situação em que se encontram atualmente.

Ao analisar as respostas dos jovens, foi perceptível que a maioria deles atribuiu a responsabilidade da situação de sem-abrigo a fatores internos, como depressão, falta de autocuidado e escolhas erradas. Visão essa alinhada com as perspectivas e experiências dos técnicos envolvidos no estudo. No entanto, entende-se como importante notar que a falta de apoio familiar não foi mencionada pelos jovens como um fator significativo, embora os profissionais considerem esse aspecto como primordial.

Ao refletir sobre os resultados obtidos é-se levado a considerar a complexidade dessas experiências e a importância de respeitar as diferentes perspectivas. Como tal, entende-se como fundamental adotar uma abordagem abrangente e sensível, que leva em conta não apenas os fatores internos, mas também os contextos sociais e familiares nos quais esses jovens estão inseridos. Entende-se que somente assim poder-se-á obter uma compreensão mais completa das causas que levam os jovens à situação de sem-abrigo, indo além de explicações simplistas baseadas em culpa individual.

Nesse sentido, entende-se como pertinente questionar: como se poderá apoiar esses jovens de maneira mais eficaz, considerando suas trajetórias individuais e as diversas influências sociais que moldaram as suas vidas? Será que uma abordagem que envolva tanto o apoio individual como também o apoio familiar e social pode contribuir para prevenir e solucionar a situação de sem-abrigo nos jovens? Que medidas poderão ser implementadas para lidar com os impactos da pandemia e evitar o aumento do número de jovens em situação de sem-abrigo?

Sugere-se que sejam realizadas intervenções que envolvam a promoção da saúde mental, oferecendo serviços de apoio psicológico e psiquiátrico acessíveis e de qualidade. Além disso, entende-se como fundamental fortalecer os programas de prevenção e tratamento de dependências, fornecendo recursos e suporte adequados para aqueles que lutam com o abuso de substâncias. Entende-se como, igualmente necessário, investir em programas de educação e conscientização para combater o estigma associado à situação de sem-abrigo.

Ao refletir sobre as respostas, dos jovens quanto aos motivos que os levaram à situação de sem-abrigo, poder-se-á perceber a importância de adotar uma abordagem abrangente e sensível, que considere tanto os fatores internos quanto os contextos sociais e familiares envolvidos. Entende-se como fundamental compreender as complexidades dessas experiências e buscar soluções que promovam o apoio individualizado, o fortalecimento da rede de apoio e a implementação de políticas inclusivas. Como tal, entende-se que somente assim poder-se-á avançar na prevenção e na tentativa de resolução da situação de sem-abrigo entre os jovens.

Ao serem analisados os percursos de vida dos jovens em questão, ainda dentro da dimensão trajetórias de vida, pretendeu-se aprofundar conhecimentos relativamente aos momentos que os marcaram de forma mais significativa, tendo-se obtido como resultados a carência de apoio familiar em suas vivências.

Foi possível constatar que a infância exerceu um impacto considerável nas suas existências. A análise revelou infâncias conturbadas, premiadas por problemas familiares, carência e ausência de suporte emocional, onde a privação de apoio familiar desde a infância pode ter gerado um sentimento de solidão e desamparo, o que pode ter desempenhado um papel preponderante na configuração da atual situação vivenciada.

Salienta-se, ainda, o momento do diagnóstico de um problema oncológico como um dos períodos mais desafiadores enfrentados pelos próprios, e que tal situação acarretou um impacto emocional significativo que pode ter desencadeado uma série de eventos que culminaram na atual rutura vivida.

Por outro lado, existem respostas que afirmam desconhecer os momentos mais marcantes das suas vidas o que pode sugerir que esses jovens enfrentam dificuldades em refletir sobre tais experiências, e que esse quadro pode ser resultado de traumas, carência de apoio ou uma combinação de fatores que obstaculizam a identificação dessas vivências, das quais se conseguiram evidenciar problemas do foro mental.

Destaca-se, ainda, a perda de entes queridos como momentos de extrema relevância para esses jovens enfatizando, assim, a importância dos laços familiares e o impacto devastador que a morte pode ter na vida de uma pessoa.

Ao se proceder a análise das respostas dos jovens acerca dos momentos mais marcantes das suas vidas, torna-se patente a relevância do fator familiar como elemento crucial nas suas trajetórias. Os relatos de infâncias tumultuadas, perdas familiares e carência de apoio emocional revelam o impacto significativo dessas experiências vividas.

Face à reflexão feita, surge o questionamento sobre: quais as estratégias que podem ser adotadas para promover o apoio emocional e familiar necessário a jovens em situação de adversidade, no sentido de tentar evitar trajetórias de vida marcadas por ruturas e riscos?

Desse modo, é possível concluir que tais eventos e circunstâncias adversas podem desencadear uma série de acontecimentos que, podem ter contribuído para a situação de sem-abrigo em que estes jovens se encontram, onde se considera importante oferecer-lhes um suporte abrangente e integrado por forma a conseguirem superar as suas experiências adversas e alcançarem uma vida digna e estável.

Ainda dentro da dimensão percurso de vida, procurou ter-se a perceção dos jovens em relação à sua condição de sem-abrigo, tendo-se chegado a uma preocupante conclusão, da falta de consciência sobre as suas realidades atuais. Os resultados revelaram respostas emocionais diversas, indicando que estes jovens não possuem plena consciência

da gravidade da sua situação, essa falta de percepção pode levá-los a fecharem-se para as dificuldades presentes e não buscarem o suporte necessário.

A análise das respostas evidenciou uma gama de experiências e perspectivas carregadas de emoções intensas, tais como medo, desespero e dor, tendo surgido uma preocupação ao constatar que muitos jovens não possuem uma compreensão completa da sua situação, tendo chegado a negá-la como algo pertencente apenas ao passado. Essa falta de consciência entende-se como alarmante, pois impede o desenvolvimento de estratégias eficazes para enfrentar a situação e buscar apoio, agravando ainda mais a precariedade da sua condição.

Os técnicos profissionais que participaram nesta investigação, compartilharam dessa mesma preocupação e destacaram a influência de diversos fatores, como as experiências individuais, as histórias de vida e o ambiente social, na falta de consciência dos jovens. No entanto, ressalta-se a importância fundamental de que estes jovens compreendam a gravidade da sua situação atual, porque somente ao adquirir plena consciência da sua realidade poderão ser mais proativos na procura de medidas efetivas para melhorar as suas condições de vida e buscar apoio adequado.

Diante do exposto, cabe refletir: qual o papel das instituições sociais e educacionais na promoção de conscientização e compreensão dos jovens sobre a sua própria condição de sem-abrigo? Quais as estratégias que podem ser adotadas para superar a falta de percepção e desenvolver uma consciência mais ampla informada?

Estas questões, entendidas como fundamentais demandam ações concretas para enfrentar a falta de consciência e conseguir proporcionar-lhes o apoio necessário para romper o ciclo de precariedade e construir um futuro mais promissor.

Por fim, dentro da dimensão das Ambições Futuras, procurou-se através do objetivo específico “Perceber de que forma as ambições futuras podem influenciar a motivação e a integração social dos jovens em situação de sem-abrigo”, através das previsões que estes fazem para as suas vidas, onde se tentou identificar quais os sonhos que estes jovens desejam realizar e quais as metas que estabeleceram para si próprios, ou seja, qual o seu projeto de vida.

Através da análise das respostas dos jovens sobre os seus projetos de vida foram identificados alguns pontos comuns que podem influenciar a sua motivação e integração social. Em primeiro lugar, verificou-se que ter uma ambição clara e bem definida, como abrir o seu próprio negócio, concluir os estudos ou alcançar um cargo específico, pode ser uma fonte significativa de motivação para os mesmos. Entende-se que estas ambições podem funcionar como metas a serem alcançadas, impulsionando-os a procurar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

No entanto, importa salientar que existem divergências de opiniões entre os técnicos e os jovens entrevistados. Os técnicos afirmam que os jovens têm poucas ambições futuras e expressam incerteza, enquanto os próprios jovens acreditam que possuem ambições.

Para além disso, as ambições futuras podem desempenhar um papel importante na integração social dos jovens em situação de sem-abrigo. Ao estabelecerem objetivos concretos e procurarem a realização pessoal, os jovens podem sentir-se mais motivados a participar em atividades que promovam o contato com a sua comunidade e a criação de ligações sociais. A concretização destas ambições pode proporcionar-lhes uma maior sensação de pertença e oferecer uma oportunidade para contribuírem de forma positiva para a sociedade.

Considerando as respostas obtidas, sobre os seus projetos de vida, foi possível questionar: como as ambições futuras podem ser impulsionadas e apoiadas para promover uma maior motivação e integração social dos jovens em situação de sem-abrigo? Como tal, entende-se como necessário a implementação de políticas e programas que apoiem o estabelecimento de metas e a realização das ambições futuras de jovens em situação de sem-abrigo, tendo em conta que essas iniciativas podem incluir o fornecimento de apoio vocacional, capacitação profissional, e assistência na criação de próprios negócios, onde se entende, que através das quais pode ser possível promover uma maior motivação e integração social, proporcionando a estes jovens uma oportunidade real de transformar as suas vidas de forma positiva.

Após a reflexão anteriormente apresentada, sobre todas as dimensões desta investigação e respondido a todos os objetivos delineados para este projeto, existe neste momento a possibilidade e a confiança para responder à pergunta central de todo este

trabalho, sobre: **Quais os fatores promotores, que levam os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, à situação de sem-abrigo?**

Contudo, antes de se proceder à exposição da resposta central desta investigação, entende-se como pertinente destacar a limitação existente neste estudo. Durante a fase de recolha de dados, constatou-se a inexistência de mais jovens dentro das faixas etárias abrangidas pelo estudo nas instalações da sede da instituição MAPS. Tal implicou que apenas fosse possível contar com a participação de seis jovens na pesquisa.

No entanto, importa destacar que a investigadora sentiu uma honra e um privilégio em ter sido fiel depositária de testemunhos tão impactantes através da voz dos próprios, o que contribuiu de forma inequívoca para a aquisição de novas aprendizagens e perspetivas enriquecedoras na abordagem ao próximo.

Ao refletir sobre esta complexa temática que tem como eixo central a vida dos jovens em situação de sem-abrigo, entende-se como imperativo adotar uma abordagem abrangente para enfrentar esta realidade alarmante. Os resultados desta investigação revelam de forma clara e contundente que a família desempenha um papel central e incontornável nas trajetórias destes jovens.

A ausência ou a falta de apoio familiar desencadeia uma série de desestruturações que se fazem refletir em várias esferas da vida, como a educação, roturas nas relações sociais, dificuldades e impossibilidade de seguir trajetórias de vida consideradas normais e saudáveis.

Importa salientar que a carência de apoio familiar acarreta a possibilidade do aparecimento adicional de uma variedade de problemas, como o impacto negativo na saúde mental, uma maior propensão para as adições e a escassez de recursos socioeconómicos, todos eles com potencial para a promoção do aumento generalizado do número de jovens a ficarem em situação de sem-abrigo.

Neste estudo, deparou-se com uma realidade desoladora: muitos jovens são abandonados pelas suas próprias famílias e relegados para instituições, enfrentando assim o estigma de ser igualmente marginalizados pela sociedade. Essa cruel realidade impõe a esses jovens desafios diários e adversidades que ameaçam profundamente o seu bem-estar físico e emocional. Além de perderem o aconchego de um lar, estes jovens carecem

de estruturas de apoio sólidas e adequadas que lhes proporcionem segurança, proteção e oportunidades para reconstruírem as suas vidas.

Apesar das dificuldades avassaladoras, ainda há lampejos de esperança alimentados por organizações e profissionais dedicadas, onde o trabalho incansável visa mudar esta realidade cruelmente injusta. Entende-se como imperativo que a sociedade, como um todo, reconheça a importância de enfrentar estas questões de forma holística, implementando medidas preventivas efetivas e sistemas de apoio mais eficazes.

Entende-se como premente a valorização do fator familiar como elemento central para a compreensão e o combate da situação de sem-abrigo vivenciada pelos jovens. Somente compreendendo a importância da família na vida desses jovens em risco poder-se-á trilhar o caminho de oportunidades para todos os seus membros, independentemente das circunstâncias que enfrentam.

Além disso, entende-se como essencial o desenvolvimento de programas e políticas públicas que ofereçam soluções concretas, que não esbarrem em becos sem saída, para reintegrar esses jovens na sociedade, onde estes devem abranger ações que vão além de suprir as suas necessidades básicas, visando também o desenvolvimento de habilidades, acesso à educação, formação profissional significativa e reveladora, e acompanhamento psicossocial. A criação de parcerias eficientes e eficazes entre instituições governamentais, ações não governamentais e a comunidade em geral é fundamental para alcançar resultados significativos.

A conclusão que podemos tirar é que é urgente e imperativo quebrar o ciclo de abandono e desesperança em que muitos jovens em situação de sem-abrigo se encontram. Somente através de uma abordagem inclusiva, que reconheça a dignidade e o valor de cada indivíduo, poder-se-á oferecer a esses jovens a oportunidade de reconstruir suas vidas e trilhar um caminho para um futuro mais promissor.

Entende-se como necessário a união de esforços, promoção de empatia e um trabalho multidisciplinar incansável para transformar a realidade desses jovens em situação de sem-abrigo. Afinal, cada uma dessas vidas importa e tem potencial para brilhar quando lhes é oferecida a chance de recomeçar. Juntos, podemos criar uma sociedade mais justa e solidária, onde nenhum jovem seja deixado para trás.

Bibliografia

- Abreu, A. C. (2011). Sentimentos de Paranóia e de Vergonha nos Sem-Abrigo. *Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga. Obtido de https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/640/1/tese_ultima_vers%C3%A3o_Carina_a_imprimir.PDF
- APSS. (Outubro de 2020). Serviço social e desenvolvimento humano. *5º Congresso Nacional de Serviço Social*.
- Associação dos Profissionais de Serviço Social. (2018). *Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal*.
- Belchior, A. F. (2014). NÚCLEO DE APOIO LOCAL: UMA RESPOSTA INOVADORA PARA A PESSOA EM SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO. *Tese de Mestrado*. (F. d. Humanas, Ed.) Universidade Católica Portuguesa.
- Bento, A. (Janeiro de 2004). Os sem-abrigo (sem amor) e a psiquiatria. pp. 131-139.
- Bento, A. (Abril de 2012). Investigação quantitativa e qualitativa: dicotomia ou complementariedade? 40-43. Madeira. Obtido de <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Investigacaoqualequan.pdf>
- Bento, A., & Barreto, E. (Setembro de 2002). Sem-Amor Sem-Abrigo. *1ª Edição*, 1-246. Lisboa: Climepsi Editores. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/344783613_Sem-Amor_Sem-Abrigo
- Bertoncini, C., & Padilha, E. (Janeiro, Junho de 2017). Revista Direitos Humanos e Democraci. *Família, Dignidade da Pessoa e Relativismo Cultural*, pp. 306-330. Obtido de <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia/articloe/view/6547>
- Borba, A., & Lima, H. (2011). *Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e a União Europeia*. Portugal: Universidade Técnica de Lisboa.
- Brocardo, J. (2009). Desenvolvimento da Educação Inclusiva : Da retórica à pratica Resultados do Plano de Acção 2005-2009. (D.-G. d. Curricular, & D. d. Sócio-Educativo, Edits.) Estoril. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/publ_educ_inclusiva_resultados_2009_2010.pdf

- Câmara Municipal de Faro. (2019). *Estatísticas concelhias*. Faro: Município de Faro. Obtido de https://www.cm-faro.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/EstatisticasIndicadores/10Indicadores2021.pdf
- Campos, V. M., & Resende, G. S. (Junho de 2016). Revista Eletrônica do Curso de Direito. *A desestruturação familiar e o adolescente em conflito com a lei: Pontos e contrapontos*, pp. 365-390. doi:10.5902/1981369421935
- Costa, A. B. (2007). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gravida.
- Costa, G. B. (Setembro de 2018). A Garantia de Direitos Fundamentais á População Sem-Abrigo. Porto: Faculdade de direito da Universidade do Porto. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117418/2/302683.pdf>
- Creswell, J. (2007). *Projeto de pesquisa - Métodos qualitativos, quantitativos e mistos* (2ª edição ed.). (L. d. Rocha, Trad.) Porto Alegre: Artemed Editora S.A.
- Decreto-Lei 26:644. (28 de Maio de 1936). *Diário do Governo(124), 1ª Série*, 123-625. Portugal. Obtido de <https://files.dre.pt/1s/1936/05/12400/05810625.pdf>
- Decreto-Lei 35:042. (20 de Outubro de 1945). *Diário do Governo(233-850), 1 Série*, 839. Portugal. Obtido de <https://files.dre.pt/1s/1945/10/23300/08390850.pdf>
- Decreto-Lei 36:448. (1 de Agosto de 1947). *Diário do Governo(176), 1 Série*, 741-743. Portugal: Diário da Republica. Obtido de <https://files.dre.pt/1s/1947/08/17600/07410743.pdf>
- Decreto-Lei 365/76. (15 de Maio de 1976). *Diário da Republica(114), 1 Série*, 1092-1094. Portugal. Obtido de <https://files.dre.pt/1s/1976/05/11400/10921094.pdf>
- Decreto-Lei 43:280. (29 de Outubro de 1960). *Diário do Governo(252), 1 Série*, 2352-2353. Portugal. Obtido de <https://files.dre.pt/1s/1960/10/25200/23522353.pdf>
- Dessen, M., & Polonia, A. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Brasil, Brasília: Universidade de Brasília. Obtido de <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCsTNbWg8JNGRcV9pN/?format=pdf>
- Editora, P. (2003-2023). Infopédia Dicionarios Porto Editora. Porto, Porto, Portugal. Obtido de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>
- ENIPSSA. (2021). *Inquérito Caracterização das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo - 31 de dezembro 2020*. Grupo de Trabalho para a Monitorização e Avaliação da ENIPSSA. Obtido de <http://www.enipssa.pt/documents/10180/11876/Inqu%C3%A9rito+de+caracteri>

za%C3%A7%C3%A3o+das+peçoas+em+sítua%C3%A7%C3%A3o+de+sem-abrigo+%E2%80%93+31+de+dezembro+2020+%E2%80%93+Dados/f24216a3-476c-4e18-95f4-a8584b741f27

- Estratégia Nacional de Combate à Pobreza 2021-2030*. (Dezembro de 2021). Obtido de Presidência do Conselho de Ministros: <https://www.portugal.gov.pt>
- Fernandes, E. (2004). *Sucessos dos Insucessos Escolares e Educativos*. Porto: Edipanta.
- Freire, P. (1997). *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. (J. C. Ribeiro, Ed.) São Paulo: Olho d'Água. Obtido de <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>
- Gaspar, J. M., Alcoforado, J. M., Santos, E. R., & Pereira, D. T. (2021). O papel dos cuidadores de crianças e jovens em risco, em contexto escolar. *Revista Conhecimento Online, 1*, 113-126. Universidade FEEVALE. doi:DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.2389>
- Guerreiro, M. d., & Abrantes, P. (2007). *Transcrições Insertas: Os jovens perante o trabalho e a família* (2.^a edição ed.). Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. Obtido de https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3137/1/transicoes_incertas.pdf
- IFSW. (3 de Outubro de 2016). Federação Internacional de Assistentes Sociais. *O papel do Serviço Social nos Sistemas de Proteção Social: O Direito Universal à Proteção Social*. Obtido de <https://www.ifsw.org/the-role-of-social-work-in-social-protection-systems-the-universal-right-to-social-protection/>
- INE. (2021). *Instituto Nacional de Estatística*. Obtido de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt
- Louzada, C. (2020). Fatores chave na reconstrução de laços sociais em indivíduos em situação de sem abrigo . *Tese de Mestrado*. Lisboa: ISCTE-IUL. Obtido de https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/21475/1/master_cristiana_santos_louzada.pdf
- Machadeiro, I. C. (2018). Prevenir e Intervir nas Escolas. *Dissertação de Mestrado*. Odivelas: Instituto Superior de Ciências Educativas-Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/30774/1/Isabel%20Machadeiro.pdf>

- MAPS. (2017). Movimento de Apoio à Problemática da SIDA. *Instituição Particular de Solidariedade Social*. Faro. Obtido de <https://www.mapsalgarve.org/site/instituicao/>
- Matos, M. G., Gonçalves, A., & Gaspar, T. (2004). Adolescentes Estrangeiros em Portugal: Uma Questão de Saúde. *Psicologia, Saude & Doenças*, pp. 75-85.
- Mazzotta, J., & D'Antino, M. (2010). Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. São Paulo, Brasil. Obtido de https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902011000200010&script=sci_arttext&tlng=pt
- Mendes, J. M. (Junho de 2018). Risco, Vulnerabilidade Social e Resiliência: Conceitos e Desafios. pp. 463-492. Obtido de <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/80690/1/Risco%20vulnerabilidade%20social%20e%20resiliencia.pdf>
- O Leme - Turismo e Cultura. (Março de 2022). *História e Literatura de Portugal*, s.p. Obtido de <https://www.leme.pt/magazine/efemerides/0306/centenas-de-mendigos-albergados-na-mitra.html>
- Olveira, A., & Freire, I. (Junho de 2009). Sobre... A mediação Sócio-Cultural. *03 Cadernos de apoio à formação*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acidi).
- ONU. (1996-2023). Comitê de Direitos Humanos das Nações Unidas. s.p. Obtido de <https://www.ohchr.org/en/special-procedures/sr-housing/homelessness-and-human-rights#homelessness>
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates*. Porto: AMBAR.
- Pena, M. B. (2012). Da construção do conhecimento ao processo metodológico em serviço social. *nº 40*, pp. 77,94. Obtido de http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/1066/1/IS_n40_4.pdf
- PORDATA. (2021). Base de Dados Portugal Contemporâneo. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Obtido de <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Faro-255840>
- Quinta, P. R. (2014). Ansiedade na Performance - Educar para Prevenir. *Dissertação de Mestrado*. Vila Nova de Gaia: Conservatório Superior de Musica de Gaia. Obtido de https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13172/1/tese_patricia_quinta_compilada.pdf

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª edição ed.). (J. M. Marques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trans.) Lisboa: Gradiva.
- Sales, C. (Outubro de 2018). Trabalho e desigualdades sociais. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior.
- Semedo, N. (2012). Prespectiva do sem-abrigo para o futuro. *Tese de Mestrado*. (I. S. Políticas, Ed.) Lisboa: Universidade Tecnica de Lisboa.
- Sousa, À. (2017). Amostragem no ambito da investigação ciêntifica - Porquê e para quê? *Correio dos Açores*.
- Tavares, L. (2003). *Ciência e tecnologia: problemas e estratégias*. Lisboa: Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.
- UE. (Maio de 2021). *Pilar Europeu dos Direitos Sociais*. Obtido de União Europeia: https://ec.europa.eu/.../european-pillar-social-rights-20-principles_pt
- Vieira, R., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A. M., & Margarido, C. (2020). *Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações. Mediação Intercultural e Intervenção Social* (2044 ed.). Edições Afrontamento, Lda.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e Métodos* (2ª edição ed.). (D. Grassi, Trad.) Porto Alegre: Bookman.

Apêndices

Apêndice I - Pedido de Autorização para a Realização da Investigação

Exma. Sr.^a Vice-Presidente do Movimento de Apoio à Problemática da Sida

Assunto | Pedido de autorização para a realização de recolha de dados para uma investigação.

Exma. Dr.^a Elsa Morais Cardoso,

Eu, Lúgia Maria Oliveira da Costa, venho por este meio solicitar a colaboração do MAPS (Movimento de Apoio à Problemática da Sida), para a realização de recolha de dados com fins de investigação. A presente investigação encontra-se inserida na Dissertação do Mestrado em Serviço Social-Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, do Instituto Politécnico de Beja, sob a orientação da Professora Antónia Luísa Ferro da Silva. Gostaria de ressaltar que todos os procedimentos estarão em consonância com os padrões éticos e académicos aplicáveis.

O objetivo desta pesquisa é compreender a trajetória de vida de 6 jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, que se encontram em situação de sem-abrigo, bem como identificar os fatores que os conduziram a esta condição. O estudo, intitulado "Vidas em risco, entre o abandono e a esperança: a trajetória dos jovens em situação de sem-abrigo - A realidade de uma região – Faro", visa analisar as relações familiares e sociais dos participantes, bem como, as relações institucionais no contexto escolar, laboral e institucional, a fim de obter uma compreensão completa dos percursos de vida desses indivíduos e dos fatores que contribuíram para a sua situação atual.

Para atingir os objetivos propostos, serão realizadas entrevistas semiestruturadas, que serão gravadas por meio de um gravador de áudio. É importante salientar que o conteúdo das gravações será estritamente utilizado apenas para efeitos de transcrição das entrevistas, garantindo assim a total confidencialidade dos participantes. As informações obtidas durante o processo de investigação nunca serão partilhadas com terceiros ou utilizadas para qualquer outra finalidade que não esteja diretamente relacionada com o desenvolvimento deste estudo académico.

Agradeço desde já a vossa disponibilidade em contribuir para a realização desta investigação, que tem como principal objetivo promover o conhecimento e a sensibilização relativamente à problemática dos jovens em situação de sem-abrigo.

Com os melhores cumprimentos,

Ligia Maria Oliveira da Costa

Faro, 20 de março 2023

Apêndice II - Declaração de Consentimento Informado

Declaração de consentimento Informado

Assunto: Projeto de Investigação de Mestrado

Eu, Lúgia Maria Oliveira da Costa, aluna do Mestrado em Serviço Social-Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, a decorrer no Instituto Politécnico de Beja, encontro-me a realizar um projeto de investigação, sob orientação da Professora Antónia Luísa Ferro da Silva tendo como título: “Vidas em risco, entre o abandono e a esperança: a trajetória dos jovens em situação de sem-abrigo - A realidade de uma região - Faro”

O presente projeto tem como principal objetivo compreender/diagnosticar os fatores promotores, que levam os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, à situação de sem-abrigo.

Para a análise em questão, será aplicada uma entrevista semiestruturada, com recurso a gravador de áudio, que será posteriormente transcrita e analisada.

Muito agradecemos a sua disponibilidade para colaborar. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do projeto de investigação em causa. Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins da investigação em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;
- 2) No fim da investigação (julho 2023), o registo áudio da entrevista será destruído;
- 3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é Lúgia Costa, contactável através de: 22344@stu.ipbeja.pt;
- 4) O responsável pela área da proteção de dados no IPBEJA pode ser contactado através do email: epd@ipbeja.pt podendo expor reclamação, se aplicável.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo e os meus direitos no âmbito do RGPD, declaro que:

Aceito participar ___

Não Aceito participar ___

Data __/__/__

Apêndice III - Guião de Entrevista – Jovens em Estudo

Guião de Entrevista

Caracterização pessoal

1. Nome: (iniciais do primeiro e do último nome)?
2. Idade?
3. Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
4. Estado Civil?
5. Sofre de algum problema de saúde debilitante? Qual (ais)?
6. Identidade de género?
7. Consome ou consumiu substâncias psicoativas? Drogas, álcool, medicamentos, etc.?
8. Tem filhos?

1) Laços Familiares

- Quando residia com a sua família como era a vossa relação? Memórias positivas e negativas.
- Atualmente mantem relações familiares? Com quem?
- Qual a composição do seu agregado familiar e qual a ocupação de cada um dos elementos? Trabalhadores, estudantes, reformados, etc?

(se referido que o pai e a mãe faziam parte do agregado familiar, perguntar:
Quando vivia com o seu agregado familiar como era a relação entre a sua mãe e o seu pai?

(se referido que o pai e/ou a mãe não faziam parte do agregado familiar perguntar: Porquê?)

- O local e casa onde residia com a sua família como era? Memórias positivas e negativas?
- Sentia-se seguro(a) na casa onde residia com os seus familiares? Porquê?

2) Laços Sociais

- Como é atualmente a relação com os seus amigos? É diferente por estar institucionalizado?
- Como é atualmente a relação com a comunidade sente alguma diferença pelo facto de estar institucionalizado?

3) Relações Institucionais

Percurso Escolar

- Que escolaridade tem?
- Quando frequentava a escola o que mais e o que menos gostava?
- Como se sentia no ambiente escolar, relativamente aos professores e aos funcionários da escola?
- Qual a escolaridade dos seus pais?
(se respondido, acima, que vivia com outro familiar que não o pai ou a mãe, colocar a mesma questão)
- Quando tinha de estudar e fazer os trabalhos de casa quem o ajudava?
- Os responsáveis pela sua educação valorizavam a sua ida à escola?
- Gostaria de voltar a estudar? Porquê?

Percurso Laboral

- Com que idade começou a trabalhar e em que área?
- Teve outros empregos? Em que área?
- Qual o emprego em que esteve mais tempo?
- Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?
- Atualmente está empregado ou desempregado?
(se responder empregado perguntar: Está empregado em que área? Há quanto tempo? Gosta do que faz ou trocaria de área?)
(se responder desempregado perguntar: Quais os motivos que aponta para estar desempregado? Quais as iniciativas que tem tomado para reverter essa condição?)

Equipamentos Sociais

- Há quanto tempo está neste equipamento social e quando vai/tem de sair?
- Nos últimos dois anos que antecederam a sua entrada neste equipamento social, onde vivia?
- Teve experiências anteriores com outros equipamentos sociais?
(se responder sim perguntar: Onde? Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)
- Quais os motivos que o levaram a recorrer a este equipamento social?
- Qual a importância que atribui a este equipamento social para a população que se encontra em situação de sem-abrigo?

- Qual é a importância deste equipamento social para si e para a sua preparação em relação à autonomização?

4) Percurso de Vida

- Quais os fatores que identifica como responsáveis para a situação em que se encontra?
- Quais os momentos mais marcantes da sua vida?
- Como se vê?
- Como os outros o vêem?
- Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo? O que sentiu?

5) Ambições futuras

- Como se vê no futuro?
- Qual o seu sonho?
- Qual o seu projeto de vida?

Apêndice IV - Declaração de Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

Assunto: Projeto de Investigação de Mestrado

Eu, Lígia Maria Oliveira da Costa, aluna do Mestrado em Serviço Social-Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, a decorrer no Instituto Politécnico de Beja, encontro-me a realizar um projeto de investigação, sob orientação da Professora Antónia Luísa Ferro da Silva tendo como título: “Vidas em risco, entre o abandono e a esperança: a trajetória dos jovens em situação de sem-abrigo – A realidade de uma região - Faro”

O presente projeto tem como principal objetivo compreender/diagnosticar os fatores promotores, que levam os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, à situação de sem-abrigo.

Para a análise em questão, será aplicada uma entrevista semiestruturada, com recurso a gravador de áudio, que será posteriormente transcrita e analisada.

Muito agradecemos a sua disponibilidade para colaborar. Os dados recolhidos serão apenas utilizados no âmbito do projeto de investigação em causa. Garante-se total confidencialidade.

Informa-se adicionalmente que a participação nesta investigação tem um carácter voluntário, pelo que pode negá-la ou decidir interromper a realização da entrevista, a qualquer momento, se assim o entender.

Nos termos constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se que:

- 5) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins da investigação em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;
- 6) No fim da investigação (julho 2023), o registo áudio da entrevista será destruído;
- 7) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é Lígia Costa, contactável através de: 22344@stu.ipbeja.pt;
- 8) O responsável pela área da proteção de dados no IPBEJA pode ser contactado através do email: epd@ipbeja.pt podendo expor reclamação, se aplicável.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo e os meus direitos no âmbito do RGPD, declaro que:

Aceito participar ___

Não Aceito participar ___

Data __/__/__

Apêndice V - Guião de Entrevista – Técnicos

Guião de Entrevista

1) Laços Familiares

- Qual a perceção identificada, sobre os laços familiares dos jovens em situação de sem-abrigo?
- Quais as características identificadas da família nuclear dos jovens?

2) Laços Sociais

- Qual a interpretação que faz sobre a relação dos jovens em situação de sem-abrigo com a comunidade que os rodeia?
- Qual a perspetiva que possui relativamente à interação da comunidade com os jovens em situação de sem-abrigo?

3) Relações Institucionais

- Quais as características dos jovens em situação de sem-abrigo inseridos neste equipamento relativamente à escolaridade, hábitos laborais e percursos institucionais?
- Quais os maiores desafios sentidos no trabalho desenvolvido junto dos jovens em situação de sem-abrigo?
- Quais os fatores identificados junto da comunidade em geral, que dificultam as autonomizações consistentes e sustentáveis, dos jovens em situação de sem-abrigo?

4) Percorso de Vida

- Quais as características dos jovens aquando da sua integração no equipamento social?
- Identifica que os jovens têm consciência que se encontram em situação de sem-abrigo?

- Quais os fatores identificados como principais promotores da situação de sem-abrigo em jovens?

5) Ambições Futuras

- Quais as percepções identificadas sobre as ambições dos jovens em situação de sem-abrigo quanto ao seu futuro?

Apêndice VI - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - D.F.

I - Boa tarde.

DF - Boa tarde.

I - Obrigada por participar nesta investigação. Gostaria de começar esta nossa conversa por lhe perguntar a primeira letra do seu primeiro e do último nome.

DF -DF

I - Que idade tem?

DF - 26.

I – É natural de onde?

DF – De faro.

I – Qual o seu estado civil?

DF – Solteira.

I – Sofre ou sofreu de algum problema de saúde debilitante.

DF - De momento, não.

I - Qual a sua identidade de género?

DF – Feminina.

I - Consome ou consumiu alguma vez substâncias psicoativas como drogas, álcool, medicamentos, tabaco, etc.

DF – Não, nunca.

I - Tem filhos?

DF - Não.

I – Agora, gostaria que voltasse um pouco atrás, quando vivia com a sua família, como era a vossa relação?

DF - Péssima eu nunca tive uma boa relação com a minha família.

I – Quer explicar porquê?

DF - Então, é uma história assim, um bocado complicada. Eu fui deixada pela minha mãe aos 6 meses com a minha avó, e até aos meus 15 anos sempre fui criada com ela, e sofria de maus-tratos, exatamente com ela, até um dia que eu disse, chega e pronto, continuei a minha vida.

I - Mantem atualmente alguma relação familiar?

DF – Sim.

I – Com quem?

DF - Com ela mesma, com a minha avó, apesar de tudo.

I – Então, quer dizer que a relação com a sua avó nunca foi muito boa?

DF - Não, nunca foi. Olhe, ela consumia bastante álcool e basicamente descarregava tudo em mim e não tenho uma estrutura de família muito saudável, mesmo por parte de pai, de mãe, de avó e tia também, que estava presente de vez em quando. Sempre que eu fazia qualquer coisa era motivo para, pronto, ser logo maltratada, então acabei por sair.

I – A sua mãe está onde?

DF – Minha mãe vive aqui em Faro, passa por mim muitas vezes, mas nem ai nem ui.

I - E o seu Pai?

DF - O meu pai está em Londres, mas não é meu pai biológico, porque a minha mãe na altura andava com várias pessoas e este senhor foi o que quis me assumir como filha para ela não levar porrada da minha avó, então ele não é meu pai biológico e eu não sei quem é meu pai biológico.

I - O local onde foi criada, a sua casa, como era?

DF - Não era uma coisa rica, nem nada dessas coisas, era pronto, humilde, não é? E não era assim, 1000 estrelas, como se costuma dizer.

I - Memórias boas?

DF - Poucas, não tenho muitas, a não ser quando ia ao parque brincar.

I – Memórias menos boas?

DF - Tenho várias..., mas a que mais me doi foi ter levado muita porrada.

I - Considera que a casa onde vivia era bonita, feia, acolhedora, desagradável?

DF – Ok. Hoje, tendo consciência de energia, confesso que a energia de lá era horrível. Constantemente gritos, era feia, porque a cor era escura, nada lá era claro, tudo muito escuro.

I – Sentia-se segura na casa onde vivia?

DF – Não. Além de ser, e não tenho nada contra estas pessoas, porque são pessoas iguais a nós, mas era rodeada de pessoas que consumiam droga e ciganos, e eu não me sentia totalmente confortável, porque a minha avó só trancava o meu quarto, não trancava o resto das portas.

I - Então o seu agregado familiar durante estes anos todos era só composto por si e por sua avó?

DF – Sim, pela minha avó e a minha tia que de vez em quando ia lá a casa. Filha da minha avó.

I – Qual era a ocupação da sua avó e da sua tia? Trabalhavam em quê?

DF- Nas limpezas.

I – Entretanto você foi crescendo e começou a ir á escola, certo? Como era?

DF - A escola nos primeiros tempos, do primeiro ao quarto ano, a escola foi assim um bocadinho difícil, porque como eu sofria bastante em casa, eu na escola também era um bocadinho igual. Eu ficava muito, pronto, na minha, não brincava muito. Pensava porquê eu? Porque é que eu não tenho pais e porque é que eu tenho uma vida assim? Não pensava em estudar, era muito rebelde. Mas consegui concluir com dificuldade, mas concluiu, o quarto ano.

I - O que gostava mais e o que gostava menos na escola?

DF - Gostava de fazer atividades como a ginástica e tudo mais, para gastar a energia, e o que eu gostava menos era estar em sala de aula.

I – Como era a sua relação com os professores e funcionários da escola?

DF - Até era saudável, os professores sempre me ajudaram, mesmo. Eu tive apoio porque como viam que eu tinha algumas dificuldades na leitura e tudo mais, eles sempre tiveram

comigo ali muito, e hoje em dia, ainda, a minha professora de apoio me conhece. É muito interessante da parte dela, quando me vê, ela vem cumprimentar-me e diz que mudei.

I - Qual é a escolaridade da sua mãe?

DF - Acho que a minha mãe tem o 3º ano.

I - E da sua avó?

DF – A minha avó não sabe ler nem escrever.

I - Então quando era pequenina e estava na escola, quando trazia trabalhos de casa quem é que a ajudava?

DF – Ninguém, era eu. Muitas vezes nem os fazia para ser sincera. Eu fazia às vezes no apoio, porque era antes das aulas e depois levava para aula já feito, com ajuda da minha professora de apoio.

I - A sua avó valorizava que você fosse à escola?

DF - Não muito. Não valorizava, e às vezes eu até mentia sobre quando levava algum recado, sobre quando eu fazia alguma asneira, eu dizia, “avó tive muito bom num teste”, porque ela não queria nada saber disso, e então, se eu dissesse alguma coisa negativa, já era motivo para me bater. Então estava despreocupada mesmo.

I - Que escolaridade tem?

DF - Tenho 12º.

I - Gostaria de voltar a estudar?

DF - Eu já estive recentemente no curso de estética, eu adoro estudar todos os dias. Gosto de estudar qualquer coisa, é interessante, e sim, talvez um dia volte a estudar mais qualquer coisa.

I – Como é a relação com os seus amigos?

DF - Não tenho muitos, mas os que tenho são bons e é saudável.

I - Você sente alguma diferença relativamente à forma como os seus amigos a tratam pelo facto de estar em uma instituição?

DF – Não, antes pelo contrário, lá porque estou numa instituição, não quer dizer nada. Primeiramente significa que não estou numa boa fase da vida e que essas pessoas têm mesmo que estar na minha vida, por eu não estar tão bem, e sou eu que escolho a quem partilho as minhas informações, então não tenho que ser criticada por estar numa instituição.

I - Mas você sente que algum dos seus amigos a critica?

DF - Não, não, não.

I - Relativamente à comunidade em geral, às pessoas em geral, você sente alguma diferença no trato quando diz que está institucionalizada?

DF - Não, não. Por acaso não, de ninguém.

I - Já falamos sobre a sua família, já falamos sobre a escola, sobre os seus amigos e agora permita-me perguntar, está a trabalhar?

DF - Sim, estou a trabalhar na Primor. Abriu recentemente a loja aqui no Fórum Algarve, e pronto fui à entrevista, correu bem e agora estou lá há um mês a trabalhar. Tenho vários horários, é um trabalho que eu gosto porque tem a ver com a minha área, um bocadinho, que é estética. Porque além disso eu faço unhas nos meus tempos livres a pessoas que querem.

I - Com que idade começou a trabalhar?

DF – 21, acho eu. Sim 21.

I – Em quê?

DF – Infância. Eu tirei o curso de auxiliar de infância e comecei logo a trabalhar na instituição em que eu estava, ou seja, o meu primeiro trabalho foi na instituição onde eu estava também como residente.

I – Já esteve integrada em outra instituição?

DF – Sim, foi quando eu saí da casa da minha avó, por ter maus-tratos, por levar porrada por tudo e por nada, e eu disse aos 15 que já chegava que queria ter uma vida nova, regras novas e queria me aplicar na minha vida e aí eu decidi fugir de casa e fazer queixa dela e ir para melhor. Fui à polícia, e a segurança social e..., puseram-me no colégio.

I – Qual foi o colégio onde esteve integrada?

DF - Casa Santa Isabel, aqui em Faro.

I – Como foi para si ir para uma instituição nessa altura?

DF – Foi um alívio, deixei de levar porrada. Lá no colégio nos primeiros dias foi estranho, porque não conhecia ninguém e tinha regras, mas depois comecei a fazer amigas, comecei a ir à escola todos os dias, começou a ser mais fácil. Hoje vejo que foi o melhor. Tratavam-me bem.

I - Saiu da instituição onde estava porquê?

DF - Porque completei a idade que tinha que estar lá.

I - Que era?

DF - 21. Eu entrei aos 15, saí aos 21 e depois comecei-me a preparar para o mundo normal, cá fora, sem ser no Colégio.

I – No colégio, apoiaram-na de alguma forma antes de ter de sair?

DF – Sim, elas tiveram um projeto comigo em que me fizeram a primeira conta comigo, eu já trabalhava, então comecei a juntar dinheiro para vir cá para fora. Faziam muitas sessões, de PowerPoint para eu ver como é que era os custos e o que é que eu podia fazer com meu dinheiro. Sim, foi um projeto que foi rolando. Mas quando completei a idade, elas só procuraram o primeiro quarto comigo e depois, segui a minha vida.

I - Ou seja, você já trabalhava. Voltando a esse assunto, quais foram os trabalhos que já teve?

DF – Já. Já trabalhei com infância, trabalhei já com atendimento ao público e..., é isso.

I - Qual foi o emprego em que esteve mais tempo?

DF – Em atendimento ao público, a vender roupa, sapatos, essas coisas.

I – Você frequentou alguma formação profissional?

DF – Sim, fiz formação de auxiliar de infância no IIEFP e agora de estética.

I – Agora, mudando um pouco de assunto. Há quanto tempo está aqui na Instituição?

DF - 4 meses.

I – Nos últimos 2 anos, antes de integrar nesta instituição, onde vivia?

DF - Eu estava a viver sozinha, num quarto alugado.

I - No que diz respeito a esta instituição, quais são os motivos que aponta para cá estar?

DF – Porque fiquei desempregada e sem capacidade para pagar um quarto, e vim aqui pedir ajuda. No momento, eu acho que a maior ajuda que me podem estar a dar é abrigo, é mesmo a maior ajuda, porque fiquei sem nada, sem ter para onde ir.

I - Você acha que esta instituição é importante para as pessoas que estão em situação de sem-abrigo?

DF - Sim é mesmo muito importante, até porque ajuda bastante a pessoas que estejam sem-abrigo, ajuda quem tenha, pronto, a dependência de alguma coisa, então acho muito importante.

I - No que diz respeito à sua situação, acha que esta instituição a tem ajudado a se orientar, organizar para você se autonomizar?

DF - Mais ou menos, mas é assim, eu também sou uma pessoa de carácter muito forte, não falo muito, mas sim, têm me ajudado no que eles podem, porque eu sei que muitas coisas poderiam ser diferentes, mas também eu aceito desta forma que eles estão a ajudar-me.

I - Quais são os fatores que identifica como responsáveis para estar nesta situação?

DF - Acho que foi um bocado desleixo da minha parte, porque eu acabei por ficar mais deprimida, com uma depressão, e comecei a não cuidar de mim ao ponto de ter que ir ao médico, e comecei a dar cada vez mais motivos para ficar desempregada. Desempregada significa não ter dinheiro, não ter dinheiro significa pedir ajuda.

I - Se você tivesse de enumerar um momento marcante da sua vida, qual seria?

DF – Acho que a minha infância, sim, sem qualquer dúvida.

I – Como você se vê?

DF - Hoje vejo-me bem-sucedida a nível do psicológico e de quem sou mesmo, e espero evoluir cada vez mais.

I – Como acha que os outros a vêem?

DF – Vêm-me normal, sou uma pessoa sociável, não faço nada de errado, que tento dar o meu melhor nas minhas coisas, que sou exigente um bocadinho, às vezes até demais e..., é isso.

I - Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo?

DF – Sim. Nessa altura, na verdade sentia muito medo, porque primeiramente pensar que vou morar na rua é horrível. Não. É pensar, meu Deus, e agora?

I - Você esteve a viver na rua?

DF – Não, felizmente não passei por esse ponto, mas foi por pouco, porque felizmente o MAPS consegui me ajudar logo na altura em que eu precisei, e não tive que passar na rua. Mas tive muito medo.

I – Quando você acha que vai, ou tem, de sair aqui da instituição?

DF – É assim, o meu projeto é conseguir juntar o máximo de dinheiro e conseguir sair daqui entre 2 a 3 meses, se puder, porque acho que é uma instituição boa para ajudar, mas também não é para viver a vida toda.

I – Como vê o seu futuro?

DF - Sendo uma pessoa bem-sucedida, com emprego, talvez com filhos, família, isso, uma pessoa simples, não muito exigente, a nível de ter coisas físicas. Vou dar o meu melhor.

I - Qual é o seu sonho?

DF - Não tenho grandes sonhos, só levar uma vida calma e ser feliz, mas gostava de ter um espaço físico para poder trabalhar em unhas.

I – Qual é o seu projeto de vida?

DF - É um projeto e um sonho, acho que é os 2, que é manter o meu trabalho para conseguir arranjar uma casa e depois conseguir juntar dinheiro para arrendar um espaço para fazer unhas.

I - Muito obrigada pela sua participação nesta investigação.

DF – Por nada.

Apêndice VII - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - F.R.

I - Boa tarde. Obrigada por participar nesta investigação.

FR – Boa tarde, de nada.

I - Gostaria de começar esta nossa conversa por lhe perguntar as iniciais do seu primeiro e do último nome.

FR – F...R... (disse o seu nome)

I – Fale-me um pouco de si. Que idade tem e onde nasceu?

FR – Tenho 20 anos, nasci em Portugal e sou de Loulé.

I - Qual o seu estado civil?

FR – (silêncio)

I – É casado, solteiro, divorciado?

FR – Não.

I – Tem filhos?

FR – Não. (sorriu)

I - Sofre de algum problema de saúde?

FR - Não, não tenho nenhum problema.

I – Qual o seu género?

FR – Como assim? O que é isso?

I – Se é do género masculino, feminino?

FR – Eu sou um homem, masculino.

I – Consume ou consumiu substâncias psicoativas, ou seja, drogas, álcool, medicamentos?

FR – Não, nunca.

I - Há quanto tempo está aqui na instituição?

FR - 2 anos.

I - Antes de vir para esta instituição, quando vivia com a sua família como era a vossa relação?

FR – Não sei, estava numa instituição.

I – Qual era a instituição?

FR - Luzinhas, Luzinhas, isso fica em olhão.

I – Quanto tempo lá esteve?

FR – 14, 15 anos.

I – Que idade tinha quando foi para a instituição?

FR – 2, 3 anos.

I - Onde viveu até aos 2, 3 anos?

FR - Na casa da minha mãe.

I - Você sabe qual foi o motivo de ter sido colocado na instituição?

FR - Não.

I – Tem irmãos?

FR – Tenho, um menino pequeno, que é mais novo.

I – Você mantém alguma relação com a sua família?

FR - Agora tenho.

I - Diz agora porquê?

FR – Porque agora já tou a ir mais à casa da minha mãe, agora já nos damos. Foi á pouco tempo, 1 mês ou 2.

I – E o seu pai?

FR - Não conheci ainda.

I - Antes de você ir para a instituição, o seu agregado familiar era constituído por quem? Quantas pessoas?

FR – A minha mãe.

I – Lembra-se do tempo em que viveu com a sua mãe? Tem alguma memória dessa altura?

FR – Não, não tenho, era pequenino.

I - Memórias da instituição?

FR - Tenho algumas.

I - Gostava de estar na instituição?

FR – Gostava, porque as pessoas são simpáticas.

I - Entretanto, cresceu, foi para a escola, certo? Como foi ir para a escola?

FR – Sim, fui para a escola fora da instituição, para a Paula Nogueira.

I – Essa escola fica onde?

FR – Em olhão.

I - Gostava de ir à escola?

FR – Não e não era bom aluno, às vezes faltava à escola porquê não sei explicar. Ia ter com os meus amigos na rua.

I – Os seus amigos eram mais novos ou mais velhos?

FR – Quase da mesma idade que eu.

I - Na instituição, não diziam nada quando você faltava à escola, não o chamavam à atenção?

FR – Não. Porque eu ia para a escola, só que ficava na rua.

I - Ficava a fazer o quê quando faltava à escola?

FR - Passeava por olhão.

I - Mas você não ia à escola porquê? Não gostava?

FR - Eu gostava ... mas aborrecia ir, era mais divertido ficar na rua.

I – Gostava dos professores e dos funcionários?

FR – Eram simpáticos.

I – Qual a disciplina que gostava mais?

FR – Educação física... já foi há bastante tempo.

I - Na hora de fazer os trabalhos de casa, quem é que o ajudava na instituição?

FR – Tinha uma explicação, a seguir á escola, todos os dias.

I – Ia à explicação?

FR – (sorrisos)

I – Andou na escola até que ano?

FR – Fiz o... 9º.

I – Sabe qual a escolaridade da sua mãe?

FR – Não sei.

I - Você gostaria de voltar a estudar?

FR – Não (sorrisos) não, não quero.

I - No que diz respeito aos seus amigos, como você esteve 17, 18 anos na instituição, como era a vossa relação?

FR – Era boa, muito boa.

I - Tem memórias boas dessa altura? O que vocês faziam?

FR – (sorrisos) Quando não íamos à escola íamos fumar, jogar futebol, andar de bicicleta. Andávamos de bicicleta em Olhão, no Bairro dos Índios e íamos jogar futebol para um campo que há lá perto. Depois... íamos a pé para a instituição.

I – Esses seus amigos também estavam na instituição?

FR – Alguns estavam, desde pequenos lá também. Alguns já saíram, outros tão lá ainda.

I – Mantem contacto com eles?

FR – Sim, falo com eles quase todos os dias.

I - Sente que o vosso relacionamento mudou pelo fato de estar institucionalizado?

FR – Não mudou, acho que é diferente, não estamos muito juntos. Falo com o telemóvel e saio com eles à rua também, mas a maior parte é com telemóvel.

I – Você sente alguma diferença, na forma como é tratado pelas outras pessoas quando diz que está em uma instituição?

FR – Não, é igual, é a mesma coisa, as pessoas nunca me ligaram muito.

I – Você já esteve empregado?

FR – Sim, nas obras, foi só esse o trabalho que tive e estive lá 2 meses. Foi isso, que antes tive sempre na escola.

I – E agora o que faz?

FR - Eu tava a tirar um curso de cozinha, em Loulé, na ASMAL e num acabei..., tou á procura de trabalho. Primeiro eu tava em Vila Real de Santo António, antes de vir para aqui, aí trabalhei 2 meses, nas obras, depois saí de lá e vim para aqui para Faro e fui para a escola.

I - Você antes de vir para esta instituição, estava onde?

FR - Vila Real de Santo António, numa pensão.

I - Você saiu da instituição onde estava, porquê?

FR - Porque fiz 18 anos, e não podia lá ficar mais, era a segurança social que pagava o quarto. Fui sozinho para lá. Depois conheci um amigo, que me arranjou trabalho e fui para a obra. Depois vim para aqui de comboio que foi a segurança social que me disse para vir, porque as doutoras telefonavam.

I – Se pudesse escolher um trabalho para o seu futuro, o que escolheria?

FR – Não sei. Trabalhar numa cozinha, porque gosto de cozinhar.

I – Que importância tem para si esta instituição?

FR – Não sei responder.

I – Quando tiver de sair desta instituição está a pensar ir para onde?

FR – Se calhar, se tiver trabalho, arranjo uma casa por aí.

I - Acha que este tipo de instituição é importante?

FR – Sim, para ajudar, que é o que fazem comigo.

I – Na sua opinião, qual a importância que esta instituição tem para as pessoas em situação de sem-abrigo?

FR – Muita, para ajudar as pessoas, porque dão comida, roupa e ajudam nas coisas, as doutoras.

I - Se você tivesse de escolher um momento importante da sua vida, qual seria?

FR – Não sei responder....

I – Quais são as razões, os motivos de você estar nesta instituição?

FR – Ah..., não sei.

I – Como você se vê, o que acha de si?

FR – Vejo-me a mim próprio. Sou simpático às vezes (sorriso)...., não me lembro de mais nada.

I – O que acha que os outros pensam de si?

FR – (silêncio, ficou a pensar) Não sei.

I – Quais os momentos mais marcantes da sua vida?

FR – Não sei.

I – De que forma esta instituição o tem ajudado?

FR – Em muitas coisas, a arranjar trabalho.

I – Você está á procura de trabalho?

FR – Sim, nos restaurantes, nas lojas, em muitas coisas.

I - Você lembra-se de quando é que teve consciência que estava em situação sem-abrigo.

FR - Não, nunca tive na rua, nunca fui isso.

I – Agora, para nós terminarmos a nossa conversa. Como é que você vê o seu futuro?

FR – Não sei.

I - O que você quer para o futuro? Qual o seu sonho?

FR – Ser chefe de restaurante.

I – Qual o seu projeto de vida?

FR- Não sei.

I – Muito obrigada pela participação.

FR – De nada.

Apêndice VIII – Transcrição de Entrevista de Jovem em Estudo – FS

I - Boa tarde, muito obrigada por participar nesta investigação. Gostaria de começar esta nossa conversa por perceber um pouco sobre o seu percurso de vida e gostaria de começar por lhe perguntar as iniciais do seu primeiro e último nome.

FS – FS.

I - Que idade tem?

FS – Tenho 29.

I - É natural de onde?

FS - Só país ou a cidade também?

I – O que quiser partilhar.

FS - É Espera Feliz, Minas Gerais, Brasil.

I – Estado civil?

FS – Solteiro, graças a Deus. (sorriso).

I - Tem algum problema de saúde debilitante?

FS – Não, sempre fui atleta.

I - Qual a sua identidade de género?

FS - Como assim?

I - É do género feminino, masculino...

FS - Ah, sim compreendi, sou do género masculino.

I - Consome ou consumiu substâncias psicoativas?

FS - É pá, nunca gostei de nada não, mas sendo limpo, franco e transparente só Cannabis, só.

I - Tem filhos?

FS - Tenho um casalinho, especial, perfeito (sorriso). Eu acho, que estou indo para o terceiro. (coloca as mãos na cabeça). Não. Tenho 2 filhos, tem meu filho, está a fazer 9 hoje, está a ser complicado, e minha filha tem 7, faz agora 7 dia um de julho, é isso.

I – Estão com quem?

FS – Com o avô materno, ou seja, com o pai da mãe dos meus filhos (faz gesto com as mãos para avançar nas perguntas, demonstrando não querer falar sobre este assunto).

I - Pegando na sua história de vida e indo um pouco atrás, quando você era bem mais novo, como era a relação com a sua família?

FS - Eh pá. Não é perfeita, acho que nenhuma é perfeita, mas com o que importa mesmo nessa vida, para mim foi perfeito. Foi a melhor do mundo, amor de sobra, minha mãe, foi um grande exemplo, foi mãe e pai e muita índole, muito caráter, muitos princípios, muito mesmo, honestidade.

I - Memórias boas dessa altura?

FS – É... ser noveleiro com a minha mãe, ver novela. Uma coisa que não é da malta jovem, às vezes nem de homem, porque é só na bola e tudo isso, mas eu sempre ali de noite, depois da janta. Era ela a matriarca na casa, e eu não ia falar para vermos outra coisa, não. Então acabei aprendendo a gostar, via mesmo as novelas tudo, ficava maluco nos finais e chorava também (sorriso).

I – Memórias menos boas?

FS - Menos boas é... ter carregado um fardo que não era meu, e aceitado ele, o facto de ser uma cidade pequena e ninguém vê o que a gente é mesmo no real, pelo o que a gente faz. Não. Filho de fulano, é isso então, e essa para mim é uma memória muito ruim, eu ter sido julgado por ser filho do meu pai, que não valia muito e então filho de peixe, peixinho é, ser filho de fulano é também igual. Custei para combater isso, fraquejei um dia, cedendo a isso.

I - Atualmente mantém relações com a sua família?

FS - A minha mãe já faleceu. Meu pai...eu depois que fui pai, descobri como é isso, sentimento e tudo, então me distanciei mais ainda do meu pai, porque vi que ele não era a mesma coisa comigo, o que ele sentia por mim, então me distanciei e ele também não quis ser muito próximo. Assim, sou muito chegado, próximo mesmo, com a minha irmã

mais velha. Era só eu, minha mãe, 2 irmãs, eu caçula, então minha irmã mais velha, meio que agora, ela é a cabeça, assumiu meio que a responsabilidade, como se é no lugar da mãe, então é a ela que eu mais falo, é a ela que eu tenho para me direcionar. Ela também me liga muito, me ouve muito e diz que eu tenho amadurecido, crescido muito. (sorriso).

I - Mas você quando era mais novo, nessa fase da sua vida, vivia com quem?

FS - Só com a minha mãe e minhas 2 irmãs, eu sou o caçula. O único homem e o caçula.

I - Não vivia com seu pai. Posso lhe perguntar porquê?

FS - Não, mas a situação da minha mãe foi essa, eu sou filho do meu pai e minhas 2 irmãs são da antiga relação dela de outro pai. Foram 2 relações que os pais não estiveram nem aí, tanto o das minhas irmãs quanto o meu. Por isso é que eu digo que minha mãe foi um grande exemplo, ela foi sozinha uma guerreira e criou nós 3, sozinha sem ajuda de nenhum dos pais, nem das minhas irmãs, nem do meu. Nem moravam lá também, foi sempre só.

I - O local onde vivia, como era?

FS – Era nessa cidadezinha que eu já falei, Espera Feliz, o nome. Uma cidadezinha do interior de Minas, pequena, com para aí 20 e tal mil habitantes. Tem as vantagens e desvantagens de ser um lugar pequeno. A vantagem, era sim uma coisa boa, conhecer todo mundo, tem muito amigo, todo mundo me conhecia, me adorava, então eu estava sempre ali com companhia, sempre feliz, sempre me divertindo. Era com a bola, com o futebol, com a escola, e tudo, então, foi muito bom nisso.

I – E as desvantagens, que você referiu, quais eram?

FS - Também no mesmo ponto. Ao mesmo tempo que tinha as vantagens de ser um meio pequeno, também tinha desvantagens, porque todo mundo, conhece todo mundo e as vezes havia confusão e a gente nem fez nada, mas como tava lá...

I - O local, a casa onde vivia como eram? Eram bonitos, feios?

FS – A minha região é muito bonita, muito bonita mesmo. À volta ali tem, acho, que o maior pico do Brasil, um dos terceiros ou quinto maior do mundo, que é o pico da madeira, eu já subi também, a gente fica por cima das nuvens mesmo.

I – Você sentia-se seguro nessa casa, nesse local?

FS - Sempre me senti muito seguro pela minha mãe, não sei explicar, mas como o caçulinha acho que também sempre tive debaixo da asa dela, então por isso que eu estava seguro.

I - Entretanto, você começa a crescer e vai para a escola. Como era ir à escola?

FS - Foi sempre bom, eu acredito que eu não levei muito a sério. Podia ter me dedicado mais, mas porque eu achava também tudo muito fácil, então eu conseguia ter boas notas, nunca, nunca tive nenhum atraso, assim com nada. Mas acho que se eu tivesse focado, dedicado mais, poderia ter sido melhor em muita coisa.

I - O que gostava mais e menos da altura em que andava na escola?

FS - Para mim eu adorava. Nem vou falar, o que é o normal, que todo mundo adora, educação física, porque não era o meu maior gosto. O que eu adorava, sempre adorei, foi português e matemática, era a única coisa importante para mim. Desde pequeno, eu já achava que isso era importante, para a vida, e menos, não tem menos não, gostava de tudo.

I – Como era a sua relação com os seus professores e os funcionários da escola?

FS - Boas e ruins, porque eu era muito brincalhão e como eu pegava fácil as coisas, mas descontraía muito fácil e brincava muito ali na sala de aula, até atrapalhava às vezes quem me acompanhava, meus amigos, porque não pegavam as matérias igual eu, e brincava muito com os professores também, porque eu pegava muito rápido e gostava de questionar, gostava de disputar com o professor também, pra mim poder me evoluir mais. Então, na minha cabeça, eu só estava satisfeito quando eu conseguia questionar, mesmo de igual, fazer uma pergunta que ele não soubesse a resposta.

I - Que escolaridade tem a sua mãe?

FS - A minha mãe terminou, agente fala lá o segundo grau, aqui é o 12º. Ela também fez universidade, o curso de contabilista e fez também advocacia e não acabou, diz que faltou mesmo 1 ou 2 períodos para acabar na altura, depois vim eu também, aí ela não conseguiu mais. Contabilidade, ciências contábeis que a gente fala lá, que ela tinha. Era profissional.

I – A sua mãe valorizava a sua ida à escola?

FS – Claro, por nossa Senhora, o chicote estalava. Ela não me batia, não, ela conversava muito, mas ela era muito brava, era muito de disciplina e ela cobrava muito isso. Apesar

que teve um professor meu e até ela mesmo, faziam o teste de pôr uma coisa dentro da minha mochila, para ver mesmo se eu usava as coisas, porque eu nunca usava os cadernos, mochila, nada, chegava à escola e jogava tudo lá no canto, e o que eu ia aprender e fazer era ali na hora.

I - Os trabalhos de casa?

FS - Nunca me dei bem com isso. Nunca, nunca, nunca tinha muita nota, o professor cansava de me dar na cabeça com isso. Aprendi essa lição muito novinho, que não vale nada ter potencial sem compromisso, sem disciplina. Porque eu questionava, falava. Havia professores que davam as notas, em que no geral o valor máximo era 100, 50 na prova, 50 na participação e acontecia eu tirar maior nota na participação 45/48 e na prova tirava 10 e acabava o bimestre abaixo da média, ou seja, com 10, enquanto outros alunos era ao contrário, na participação tinham baixa nota e na prova tinham nota maior que eu, e no final tinham melhor nota. Eu guerreava e falava, porque não achava justo, mas...

I - Mas você não trazia trabalhos de casa para fazer?

FS - Trazia, mas não fazia.

I – A sua mãe não o questionava sobre os trabalhos de casa?

FS – É pá, mais ou menos. Ela também era muito ocupada, sempre trabalhando. Quando ela chegava, sempre gostou muito de segurar a bronca sozinha, acho que, porque ela aprendeu assim. Então chegava de noite, tinha responsabilidade dela com a comidinha, com a janta, com as coisas, então ela nem conseguia ver muito. Ela sabia, e porque me conhecia bem, que eu estava orientado. Eu fazia muito assim na escola, enquanto o professor estava passando uma coisa para casa, ou mesmo do livro, ou pergunta no quadro, eu não copiava pergunta nem do quadro nem do livro, ali dentro da sala já fazia as respostas para eu não ter nada para fazer em casa.

Um professor meu já pôs um apagador na minha mochila e ficou lá, pôs na segunda-feira e foi lá tirar na sexta, e me perguntando como eu fazia, claro que respondia que fazia tudo quando chegava a casa. Ele sabia que era mentira, mas os trabalhos estavam ali feitos do mesmo jeito. Fiquei pasmado com o controle.

I - Você gostaria de voltar à escola?

FS - Já pensei isso, já pensei muito em voltar. Eu tenho o 12º e acredito que, se eu também forçar um pouquinho, eu acho, que tenho capacidade para poder tirar um curso e uma coisa assim. Eu tenho muita vontade disso.

Eu adoro muito matemática, como eu falei. Adoro muito, é minha ídola como falei minha mãe, então é juntar o útil ao agradável, acho que era o que eu amaria. Acho que era a melhor forma de a honrar e homenagear, era fazer isso. Já tenho isso no meu coração, na minha cabeça, só esperando mesmo, agora eu, tomar um rumo e fazer isso.

I – Passando agora da família para os amigos. Quem são os seus amigos e como é a sua relação com eles neste momento?

FS - Neste momento, eu me isolei muito. Porque eu sou brasileiro, sou imigrante aqui, minha vida mudou. Estou cá há 6 anos mais ou menos, e já fiz amigos, conhecidos, colegas aqui, mas nesta atual fase da minha vida, com tudo que eu passei, com tudo que eu vivi, eu tenho escolhido mais estar na minha mesmo, para eu me conseguir me focar e conseguir.

I - Acha que o relacionamento com os seus amigos mudou desde que está institucionalizado?

FS - Não sei, nem sei como não tenho resposta para isso. Porque eu não vivi isso. Depois que eu passei isso tudo e estou aqui, eu não me envolvi com mais ninguém. Não fui atrás, nem respondi, nem dei atenção. Às vezes acontece de eu cruzar com alguém assim do nada, a pessoa fica logo preocupada, quer saber, quer conversar, mas é como eu falei, eu tenho evitado.

I - Em relação à comunidade, às pessoas em geral, você nota alguma diferença no trato que elas têm consigo, quando você diz que está em uma instituição?

FS – Ah, isso sim, infelizmente, é do ser humano mesmo. Existe um julgamento, muito de padrão de imagem para tudo, para qualquer coisa, e não é só o motivo de estar numa instituição, logo ali já te tiram a ideia, logo acham que tu não és muito, ou não vales muito, ou não és nada. Mas a gente encara isso. A gente encara isso até pelo fato só de ser brasileiro.

I - Então você sente que existe aqui uma diferença de trato, não só pelas suas origens, como também por estar em uma instituição?

FS - Não aqui, no mundo todo. Não, não digo que é aqui, é em todo lugar, aqui ainda é mais brando. Já percebi que aqui algumas coisas, é mais fácil, mas também depende, existem locais que são mais rígidos. Há muito...sei lá..., mas isso é do ser humano, é do mundo.

I – Agora, mudando um pouco de assunto, com que idade é que começou a trabalhar?

FS – Muito novinho, minha mãe foi-me dando muita responsabilidade.

I – Novinho, com que idade?

FS – Para ser exato, exato, com 12 anos, mas era assim, ela me levando para o escritório com ela, e me estimulando ali, fazia mais isso para eu seguir a carreira, porque ela via que eu gostava. E era isso. Ela ia me ensinando as bases e coisas assim do início do trabalho, de por exemplo fazer cálculo de pagamento de coisas do trabalho dela, de algumas leis, algumas regras dessa área, também do departamento pessoal, coisas assim. Quando completei os 14 anos, na minha cidade lá tem uma coisa que se chama Guarda Mirim, que é trabalho como menor, que forma um aprendiz, quando é criança, mas é tudo certinho, é um par time, com contrato e essas coisas, para estimular a gente, e isso lá chama-se Guarda Mirim, porque o colégio lá é meio turno, não é como aqui.

I - Fazia o quê?

FS – Aí, nessa altura eu parei de fazer matemática, e o que eu consegui, porque a gente se inscreve nisso, e eles é que escolhem o trabalho que aparece para encaixar a gente, e foram me encaixar, justo numa coisa, que lá chama de PSF, posto de saúde, é como centro de saúde aqui. Eu lá era o que fazia os mandatos, do tipo levar medicação, buscar medicação, aprender a olhar a pressão das pessoas quando precisava, até a vacinação eu tive que aprender. Também fazia os mandatos para a enfermeira, para a médica, também ia no banco, fazia um monte de coisas, ia pagar conta de água, de luz, todo o tipo de coisas. Fiquei nisso um pouco de tempo, depois fui crescendo, pegando um pouquinho mais de cabeça e fui voltando para a minha mãe, já trabalho mesmo. Mas chegou uma altura que a gente passa naquela fase de adolescente, querendo virar homem e os meus colegas, sempre a brincar comigo, se meter comigo, “há, um filhinho da mamãe, só trabalha bonitinho, escritório com caneta, não sabe o que é pegar no pesado” e aí eu acabei

cedendo a essa provocação e abandonei esse trabalho, estava no meu ultimo ano da escola, tinha por aí 16/17 anos, e fui trabalhar num serviço bruto, mesmo de homem, pesado o dia inteiro. Peguei um trabalho numa serralheria de madeira, uma madeireira de um policial.

I - O que achou?

FS - Para mim foi a maior e melhor experiência que eu tive, o trabalho que eu mais gostei, o que eu mais sofri no início também, no primeiro mês eu saía do trabalho e não aguentava nem tomar banho, de tanta força que eu tinha que fazer nos braços, nem comer, mas, eu estava feliz, que eu tinha vencido, conseguido superar, e ali eu vi que eu era forte.

I - A seguir?

FS – Fiquei lá quase uns 2 anos, depois numa altura, já estava insatisfeito, já não queria mais e saí. Depois comecei a trabalhar em uma empresa, trabalhei lá um bom tempo, é uma empresa grande, que fazia a tubulação de minério no país, era uma coisa que pagava muito bem. A gente estava alojado para fora, sem despesa, tudo por conta deles, pequeno-almoço, almoço, jantar, quarto, tudo, tudo, tudo. Então foi uma altura que eu girei umas 3 empresas dessas, e aprendi muita coisa e ganhei muito bem também.

I – De todos os trabalhos, em qual ficou mais tempo?

FS – Foi esse o primeiro, na Madeireira, eu estive quase 2 anos.

I - Atualmente está empregado ou desempregado?

FS - Atualmente estou empregado.

I - Gosta do que faz?

FS – Adoro. Estou em pintura de construção civil.

I - Há quanto tempo?

FS - Já tem um tempo, por aí uns 3 a 4 anos, já tinha trabalhado com isso, quando era um pouco mais novo, lá no Brasil, trabalhei aqui no início, quando eu cheguei, depois fui para outras áreas e voltei agora.

I – Mas nesta empresa tem quanto tempo?

FS – Nesta empresa tem mais ou menos 1 ano.

I - E gosta desta área ou se pudesse trocava?

FS – Gosto. Só troco se for para a área que eu falei agora há pouco, se for para dar um rumo diferente, seguir um sonho, tirar um curso, que seria na área da matemática alguma coisa assim, mas fora isso, eu não escolho outra coisa, adoro mesmo, entrar numa coisa velha e sair de lá e ela está nova, bonita, e olhar no olho do cliente e ele não acreditar.

I - Há quanto tempo está aqui na instituição?

FS – Acredito que é..., já tem um ano, acho que eu vim nesta altura, do ano passado, foi meio ou final de fevereiro.

I – Quando acha que vai ou tem de sair aqui da instituição?

FS - Bom, eu acho que já era para eu ter saído. Porque eu já estive bem, estive orientado, estruturado e tudo no trabalho, e tudo, mas chegou uma altura que eu acabei enfraquecendo de novo e fui abaixo de novo, e parece até que é pior, parece até que tu vais mais fundo do que estava antes, não sei explicar. E eu vivi isso tudo sozinho, sem deixar perceber, para não preocupar, e eu não ir mesmo muito mais abaixo do que eu já estava indo. Chegou um dia, do nada, eu consigo, no meu momento com Deus e desatei a chorar, desabafar, pitar, gritar... Saí pela madrugada, por aí, para respirar, para dar uma volta, e chegou um dia que eu percebi que... pior do que morrer, é se sentir morto ainda estando vivo. Então é do tipo assim, tu sentires pena de ti, tu desistires de tudo, de tu perderes mesmo tudo, até tua fé, mesmo para tudo, até para ti, então daí tu vais viver o resto da vida assim, então mais vale..., e o que eu falei para mim foi “cansei de ter pena de mim”, e não recuo mais para nada, não recuo, pode vir um trator, pode vir uma bola de neve gigante, que eu sei que vai me atropelar e me fazer capotar nela, mas eu vou estar ali da mesma maneira.

I – Nos últimos 2 anos, antes de ter vindo aqui para a instituição, onde vivia?

FS - 2 anos antes de vir para cá? Nessa altura era recente a minha separação, então ainda estava em olhão, acho eu. Estava a viver com trabalho e tudo, mas estava um pouco perdido, tinha acabado de me separar da mãe dos meus filhos, e dos meus filhos principalmente. Não tinha nessa altura muitos objetivos para nada, estava só vivendo, aproveitando, aproveitando o que eu não tinha curtido e aproveitado até aqui. Então era um trabalhinho, um dinheirinho e era um quarto.

I - Antes de vir para esta instituição, alguma vez tinha recorrido a instituições para pedir ajuda?

FS – Não, nunca fui de pedir ajuda para alguém ou me expor.

I - Quais são os motivos que aponta para recorrer a esta Instituição?

FS – Foi mais porque...Antes de eu recorrer aqui à instituição eu estava tranquilo, orientado, tinha trabalho numa empresa, tinha um quarto, tudo direitinho, só que a dada altura fiz a escolha errada em mudar de trabalho e acabei perdendo, acabei deixando o que eu tinha certo por aquilo que não deu certo, e assim, acabei perdendo tudo, perdi a casa, perdi tudo, e fui parar à rua. Nessa altura não fiquei parado, fui tentando me mexer um pouco e não ceder, mas chegou um ponto, que eu me perdi mesmo. Totalmente. E nunca tinha imaginado, na minha vida passar por isso um dia, de um dia de estar na rua, de sentir mesmo frio, com fome mesmo, de, não sei, de olhar em volta e não achar saída, de não achar rumo.

I – Qual a importância, que você consegue descrever, que este tipo de instituições tem, para a população que está em situação de sem-abrigo?

FS – Muita, eu falo por experiência minha mesmo, igual eu estava na rua, passou um dia, outro dia, outro dia, eu vi que..., o ser humano aceita e adapta tudo, é mesmo do ser humano. Então eu percebi que eu já estava ali, normalmente aceitando isso.

I - Quanto tempo você esteve na rua?

FS - Foi coisa de uns 20 a 30 dias, por volta disso, mais ou menos isso, um mês. Eu estava sofrendo, nem era a dor física ali da situação, não, era emocional e psicológica mesmo. Eu fui passando um dia e outro dia. Entretanto, aconteceu de eu me encontrar com pessoas, que até eram da minha cidade natal, que me conhecem e me viram assim, a chorar, e tentaram fazer algo para me ajudar, mas também não podiam, não conseguiam fazer mais do que estavam fazendo. As pessoas começaram a me direcionar dizendo, vai aqui, vai ali, e eu fui levando, aguentando, até que um dia eu cheguei para mim mesmo e disse, “não dá mais, não aguento mais, eu preciso comer, preciso dormir, eu preciso recuperar a minha força para conseguir voltar a lutar”. Então, foi aí que eu procurei ajuda e fui à segurança social ou ação social, uma coisa assim, não lembro, e me direcionaram a uma senhora, na altura ela mostrou que até ficou preocupada comigo. Na hora que a senhora me viu conversar, viu que eu não era, uma má pessoa, não era também uma

pessoa..., desculpe falar assim, um vagabundo, um pilantra, um drogado, uma coisa assim. Então, a senhora me direcionou para aqui, ela me disse assim, “Vou te mandar para um lugar que eu acredito que é onde te vão conseguir um apoio mais rápido”.

I - Você acha que esta instituição é importante para as pessoas que estão em situação de sem-abrigo?

FS - Eu acho que sim, até pelo meu caso mesmo, ou igual. Eu sou muito grato e eu acredito que me ajudou muito, e tem me ajudado muito. Sei ver todos os lados da situação, é uma coisa muito boa, um projeto bom, é uma coisa de apoio muito bom. O que estraga, infelizmente é nós próprios, seres humanos, porque as pessoas acabam se aproveitando das coisas boas, de uma ajuda, de um bom apoio. Por isso que a gente aprende a não ser bom demais na vida, porque as pessoas vivem se aproveitando.

I – Qual a importância que tem para si esta intuição e de forma tem servido de apoio para preparar a sua autonomização e seguir em frente?

FS – Muita, para mim sim, para mim tem me estruturado, me ajudado muito. Eu sei ver, eu sei me pôr no lugar do próximo, eu sei ver mesmo o que se passa do meu lado e do vosso lado.

I - Quais são os fatores que identifica como responsáveis que o levaram à situação de sem-abrigo?

FS - Foi o que eu falei, escolhas erradas. O fator primordial para mim foi ter enfraquecido mesmo, a minha opinião, as minhas certezas, os meus fundamentos mesmo internos, a um ponto que quando se enfraquece só a opinião do outro é que vale.

I - Se tivesse de identificar um momento marcante da sua vida, qual seria?

FS - O mais marcante foi a perda da minha mãe, era a minha base, meu centro, era...era tudo.

I -Como você se vê?

FS - Eu hoje, hoje mesmo, neste atual momento, eu me sinto vivo, eu me sinto. Acredito que é assim que devo me sentir. O que mais importa, somos nós mesmos, e o que a gente tem dentro é o que a gente escolhe. Acredito que o que eu prezo mais é a sabedoria, o conhecimento, muito mais isso que dinheiro, que poder, porque acredito que não vale de nada ter uma fortuna no bolso se a tua cabeça não estiver boa, sã.

I - Como acha que os outros o veem?

FS - Eu acredito que todos que tenham oportunidade de me conhecer um pouquinho vão ver que sou um gajo que tem capacidade, que é inteligente, que é transparente, que é muito limpo, que conseguem ver meu coração facilmente. Como eu falei, é do ser humano errar e confundir bondade com ingenuidade, subestimam muito. Mas o que eles veem como fraqueza, vendo a minha transparência e bondade, quando me subestimam, acham que eu sou burro e eu jogo isso como a minha maior força.

I – Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo.

FS – Claro..., lembro. (silêncio e olhos no chão)

I - O que sentiu?

FS - Eu pensava muito, e acredito que nada é por acaso... Como eu tive uma mãe muito perfeita, muito guerreira, e como eu fui o caçula, um homem, não sei se ela foi muito mais agarrada a mim do que com minhas irmãs, mas sempre deu briga, (briga boa) por ciúmes de mim, e eu acho que ela me privou muito de encarar as coisas, porque ela ia lá e resolvia por mim, ela me privou de sofrer. Foi uma mãe em tudo, e acredito que eu precisava passar por isso para o meu processo de crescimento, de amadurecer.

I – Quando é que teve mesmo consciência que estava em situação de sem-abrigo?

FS – A consciência eu tive mesmo..., a gente vai vivendo, foi o que eu falei, a gente se adapta e vai vivendo e a energia vai passando, vai perdendo o rumo, o controle das coisas, mas chega a uma altura que a tua consciência sempre te combate, você pode ceder, estar passando o que for. Esse tempo que eu passei lá no parque ribeirinho, que é um lugar que eu gosto muito, sempre gostei de lá ir passear, ver aquela paisagem tão bonita. A minha região é daquela maneira, mais ar puro, tem mais árvores, mato, floresta e por isso eu gostava de ir lá. Quando eu passei por isso, eu fiquei lá por ser menos movimentado, ter lugar para não chamar atenção. Hoje em dia até é difícil eu ir lá quando eu quero fazer um treino, espairar, eu vou lá e vejo os lugares onde eu dormi, onde eu me deitei, onde passei o que eu passei. É uma ferida que está aqui, que não vai sair nunca. Eu vou combater, vou ser mais forte que ela, mas vai estar sempre aqui. Foi dolorido. Dói, como eu disse, não o físico, ou seja, por fora, não, é dentro. O fato de você saber que está assim e as pessoas te olhando, a maneira como olham, machuca, dói. Talvez por isso, até hoje é difícil pensar no olhar das pessoas e quando eu encontro as pessoas conhecidas, quando

eu cruzo com elas, eu vejo no olhar delas direitinho o que elas estão pensando, o que estão achando.

I - E o que acha que elas estão a pensar?

FS - Umas sentem a dor comigo, porque são pessoas que realmente têm coração, realmente pessoas que são justas, que têm índole e princípios. Outras eu vejo na cara delas a satisfação, o prazer de saber que estão melhor que a gente. No final disto tudo eu sei que tenho capacidade e já consegui reaver a minha autoestima e o meu psicológico, porque o meu psicológico foi mesmo abaixo, eu hoje tenho consciência disso.

I - Por falar em capacidades, como vê o seu futuro?

FS - Meu futuro? Eu acredito que é só uma questão de tempo para começar a explodir coisas boas. Acredito que o meu maior erro é eu não ambicionar muito. Não estou nesta vida por dinheiro, por poder, não, porque antes eu tinha tudo isso, e vinha tudo de mão beijada. Recusei muita coisa justamente por isso, porque eu não queria ter essa prisão, esse controle. Quando eu trabalhava lá na madeireira era muito bom, eu até podia estar a ganhar menos que com contabilidade, mas estava fazendo o que eu gostava. Muitas pessoas se perdem nisso.

I - Qual é o seu maior sonho?

FS - É pá, assim não consigo. Já tive muitos, e vários já se realizaram neste momento. Acho que não devemos sonhar muito, devemos sim ter saúde e foco em alguns objetivos.

I - Qual é o seu projeto de vida?

FS - Atingir o meu máximo, crescer e evoluir. Aprender o máximo e estar preparado para qualquer coisa, porque eu acho que é isso o mais importante, preparar-se. É evoluir. Ser igual ao que eu era antigamente, principalmente o meu psicológico. Ter saúde, porque quem tem problemas do psicológico às vezes é muito difícil, e eu sei do que estou a falar. Ter problemas do psicológico acaba com tudo, como acabou comigo, é preciso ter força e pedir ajuda.

I - Muito obrigada pela sua participação.

FS - Eu que agradeço.

Apêndice IX - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - J.S.

I - Boa tarde. Desde já agradecemos a sua participação. Gostaria de começar esta nossa conversa por lhe perguntar as iniciais do seu primeiro e último nome.

JS - JS

I – Que idade tem e onde nasceu?

JS - Tenho 25 anos, nasci em Faro.

I - Qual o seu estado civil?

JS - Solteiro

I – Tem filhos?

JS – Não, ainda não.

I - Sofre de algum problema de saúde?

JS - Não. Que eu saiba não.

I –Qual é o seu género?

JS - Masculino.

I – Consume ou consumiu substâncias psicoativas, ou seja, drogas, álcool, medicamentos?

JS - É pá, tenho mesmo que dizer?

I – Se quiser partilhar nós agradecemos.

JS – Sim, consumi drogas.

I – Que género de drogas?

JS – De tudo um pouco, aquilo que aparecia.

I – Indo um pouco atrás na sua história, como foi a sua infância? Vivia com quem?

JS – A minha infância foi..., diferente da de muita gente.

I – Porquê?

JS – Eu estive até aos 18 numa instituição, tinha poucos meses de vida quando fui para lá.

I – Quer explicar melhor?

JS – Eu tinha meia dúzia de meses, ainda não tinha um ano quando fui tirado á minha mãe.

I – Sabe o porquê?

JS – Porque a minha mãe não tinha uma vida fácil e consumia cenas, drogas, e coisas assim.

I – E o seu pai?

JS – Não sei quem é, e acho que a minha mãe também não, porque como se diz, ela andava na vida, pelo menos foi o que eu soube pelas pessoas.

I – E a sua mãe está onde?

JS – Lá para França.

I – Não tem contacto com ela?

JS – Para quê? Ela nunca me procurou. Eu ainda tentei, mas não deu em nada.

I – Não tem mais família?

JS – Tenho, estão no norte, em Coimbra.

I – Mantem contacto com alguém?

JS – Não, também nunca quiseram saber de mim (olhos no chão e encolhe os ombros).

I – Disse que esteve em uma instituição, qual?

JS – Na Casa dos Rapazes, aqui em Faro.

I – Como foi viver na instituição?

JS – Foi mais ou menos, umas vezes era bom outras vezes nem por isso.

I – Quer explicar melhor?

JS – Sabe como é, éramos muitos, e tem que haver regras, quando não cumpríamos... eram, assim, um pouco autoritários e as vezes até, eu acho, agressivos.

I – Mas acha que foi bom para si ter estado nessa instituição?

JS - É pá, de uma forma geral, sim, porque se não fosse a instituição onde eu estaria hoje? O que me tinha acontecido?

I – Memórias boas e menos boas da instituição?

JS – Nem sei dizer..., quando tudo corria bem, até eram simpáticos, tornou-se a minha casa, não porque eu quisesse lá estar, mas... (encolhe os ombros), mas também tinha e ainda tenho os meus amigos, e damo-nos bem, divertíamo-nos a fazer cenas.

I - Entretanto, cresceu, foi para a escola, certo? Como foi ir para a escola?

JS – Sim, não foi muito bom..., não gostava de ir, muitas vezes faltava, não ia, andava por aí. Não sou muito de estudar.

I – Em que escola andou?

JS – Em olhão, na Paula Nogueira.

I – Quando diz que andava por aí, andava por onde e com quem?

JS – Andava por ali, nos bairros, fiz muitos amigos. Uns bons, outros mais ou menos, mas dava-me bem com todos. Às vezes jogávamos bola, andávamos por ali nas bicicletas, que os meus amigos tinham, depois ia até casa deles, andávamos por aí, até à hora de voltar para a instituição.

I – Os seus amigos que idade tinham? Eram mais novos ou mais velhos?

JS – Éramos mais ou menos da mesma idade, e tinha outros que eram mais velhos, era misturado.

I – Na instituição não valorizavam a sua ida à escola?

JS – Valorizar até às vezes valorizavam, mas eu não gostava daquilo e não ia, faltei muitas vezes, como eu disse não sou muito de estudar.

I - Na instituição, não o chamavam atenção quando você faltava à escola?

JS - Nem por isso, porque eu ia até a escola todos os dias, só que saía do autocarro, fazia de conta que entrava, mas depois não ia.

I - Como era a sua relação com os professores e com os funcionários da escola?

JS - Até era boa, eram fixes, não me chateavam muito.

I - Quando ia à escola, qual a disciplina que gostava mais?

JS - Educação física, porque podia-me mexer e não estávamos fechados na sala.

I - Relativamente aos trabalhos de casa, quem o ajudava na instituição?

JS - Nós tínhamos apoio todos os dias, mas também não ia muito.

I – Qual a sua escolaridade?

JS – 9º ano.

I - Você gostaria de voltar a estudar?

JS - Não, não tenho jeito e paciência.

I - No que diz respeito aos seus amigos, como era a vossa relação?

JS – Era fixe.

I – Memórias boas dessa altura?

JS – Era muito fixe, fazíamos o que queríamos, todo o dia, sem ninguém a chatear a cabeça.

I - Os seus amigos também estavam na instituição?

JS – Sim, alguns sim.

I – Ainda tem contacto com eles?

JS – Não, já não, sabe como é, cada um seguiu a sua vida, seja lá para onde for, um ou outro ainda vou encontrando, mas já não é aquilo que era, agora crescemos.

I – Saiu da Casa dos Rapazes com que idade?

JS – Saí aos 18, que é a idade que até podemos ficar. Depois temos que ir à vida, temos que nos organizar.

I – A instituição ajudou-o na sua saída?

JS – Sim. Primeiro ajudaram a arranjar trabalho, que fui para ajudante de pintor, e depois como já tinha o meu dinheiro já foi mais fácil de me ajudarem a arranjar um quarto, que até era fixe. O quarto era aqui entre faro e olhão, o que era bué de fixe, dava para ir a pé

a qualquer lado. Também querendo as coisas não são muito longe, temos é que querer. O mais difícil era de inverno, mas faz-se.

I – Quem são os seus amigos agora e o que fazem?

JS – São, a maior parte, pessoas que eu já conhecia, e outros não. Alguns têm trabalho outros andam aí na sorte.

I – Como assim, na sorte?

JS – Fazem biscates aqui e ali, sabe como é, não está fácil, mas lá se vão arranjando. São pessoas fixas algumas, mas agora tenho mais conhecidos que amigos, mas cada um está na sua vida.

I – Sente alguma diferença, na forma com os seus amigos o tratam, por estar em uma instituição?

JS – Não, nada disso. Foi como eu disse cada um tem a sua vida, cada um está como pode, mas também não é um grande assunto que eu ande por aí a falar, ninguém tem nada com isso. É a minha vida e prontos.

I – Relativamente às restantes pessoas da comunidade, sente que o tratam de forma diferente por estar em uma instituição?

JS – Às vezes. As pessoas olham para mim como se eu fosse um coitadinho, como se eu não valesse nada. Mas isto, acho eu, é só uma fase, já estive pior, as pessoas acham que só acontece aos outros, mas pode acontecer a qualquer um, mas muitas vezes..., às vezes as pessoas não pensam e acham que eu estou aqui porque quero. Eu estou aqui porque preciso isso é muito diferente de ser coitadinho.

I - Nos últimos dois anos antes de vir aqui para esta instituição vivia onde?

JS - É pá, isso é complicado, é uma história longa. Passei por muita coisa, coisas que não me orgulho muito, mas..., é o que é.

I - Quer partilhar?

JS - Quer mesmo ouvir?

I – Se quiser partilhar terei muito gosto em ouvir.

JS – Então foi assim. Como disse saí da Casa dos Rapazes e fui viver sozinho, e estava tudo bem, era bom ter uma coisa só minha, do meu trabalho e não ter que dar satisfações, mas, entretanto, conheci pessoas que nunca devia ter conhecido, que a princípio eram muito meus amigos, mas depois aconteceu uma coisa complicada..., fui abusado outra vez, como já tinha sido, e aí comecei a bater mal e desliguei-me de tudo.

I – Foi abusado sexualmente?

JS – Sim.

I – E já tinha acontecido esse tipo de situação anteriormente?

JS – Sim. Já tinha acontecido. Mas isso não interessa.

I – Como assim não interessa. Não disse a ninguém que foi abusado?

JS – Para quê? Acha que alguém ia acreditar em mim, iam dizer que tinha inventado com toda a certeza. Sempre fui um alvo fácil, não se esqueça do meu passado. Acha que alguém se ia interessar pelo miúdo que era um coitadinho, um rebelde, que não gostava de andar na linha, que andava por aí.

I - Não pediu ajuda?

JS – Não, mas não interessa isso, acho que algumas pessoas até suspeitavam, mas... não interessa, já passou, é passado. Como eu ia a dizer, comecei a andar com más companhias, pessoas que eu já tinha conhecido, e foi aí que comecei nas drogas, tudo o que aparecesse, antes só fumava haxixe. A princípio era fixe, ajudava-me, mas depois é que veio o problema, o dinheiro que eu ganhava já não dava, era pouco. Neste mundo todo o dinheiro é pouco, porque a gente quer sempre mais, e foi aí que começou os problemas. A princípio tive que deixar o quarto e dormia onde calhava ou em casa de amigos. Ia ao trabalho todos os dias, tinha que ganhar, se não desse para mais, para o vício... (silêncio). A uma dada altura conheci uma moça e até estivemos a viver, mas não deu certo. O tempo foi passando e já não ia trabalhar todos os dias, mas as companhias não eram muito boas, como eu disse, e aí fui mesmo ao fundo. A uma dada altura já não tinha como e..., fui para á rua. Não é fácil, mas era o que era.

I - Como fazia para ter dinheiro para comida, ou seja, para as coisas essenciais?

JS – Não tinha. Arrumava uns carritos por onde calhasse. Se você soubesse quantas vezes comi dos caixotes..., banho a este momento deixa de ser essencial, era quando dava, ia à

Santa Casa. Este mundo das drogas lixa-nos, sabe o que é se sentir o lixo da sociedade? Cá eu sei, pois senti isso muitas vezes. A cabeça começa a bater mal. Tá a ver como eu disse que a minha história não dá muito orgulho.

I – Como veio aqui para a instituição?

JS – É pá, a gente chega a uma altura que vai ou morre... Eu já conhecia a instituição por causa dos carros que eles têm por aí, a ajudar a gente na rua, e um dia já não aguentava mais, a parte psicológica, o corpo, era tudo..., tinha fome a sério e já não aguentava mais e vim cá. Fui recebido, fui a atendimento. Nesse dia tive tanta vergonha porque tinha noção que cheirava mal, mas ninguém me disse nada. Depois vim para cá.

I – Quais são os fatores que identifica para ter ficado em situação de sem-abrigo?

JS – Tudo e mais alguma coisa, já lhe contei a minha vida..., mas sem dúvida as drogas.

I – Lembra-se quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo?

JS – Sim, lembro, se lembro. Foi quando acordei um dia, por aqui perto num jardim, olhei á volta e tinha pessoas a passar e a olhar para mim, e eu não tinha como disfarçar, não tinha para onde ir, tinha fome, tinha vergonha, mas..., é o que é, mas já passou.

I – Que importância tem para si esta instituição e de que forma o têm ajudado?

JS – Ajudado! Têm feito muito, até para tratamento eu já fui. Ajudaram-me arranjar trabalho e a organizar as minhas coisas. Até é difícil dizer como é importante para mim. Agora estou seguro. Acho que é este o único sítio que sei que consigo ter outra vez uma rampa para me erguer. Quando cá cheguei era uma pessoa que não via o futuro, era um resacado, era lixo, mas agora está tudo diferente.

I – Quais os momentos que identifica como mais marcantes da sua vida?

JS – É pá..., ter crescido sem família, acima de tudo sem uma mãe, sem um pai, é isso, isso marca a gente, marca ser sozinho.

I – Há quanto tempo está integrado nesta instituição?

JS – Há mais ou menos 8/9 meses.

I - Na sua opinião, qual a importância que esta instituição tem para as pessoas que estão em situação de sem-abrigo?

JS – Muita, eles ajudam toda a gente, dão comida, dão dormida, ajudam a tratar das coisas todas, as pessoas podem tomar banho e levam a roupa lavada, o que já dá outra imagem. Veja o meu exemplo.

I - Você está empregado?

JS - Sim, nas obras.

I – Gosta do que faz?

JS - É o que há, mas não é mau.

I – Há quanto tempo está nessa empresa?

JS- 2 meses.

I - Se pudesse escolher que profissão teria?

JS – Sei lá...se fosse para escolher, queria trabalhar com carros, ser mecânico. Acho muito fixe aquela coisa de transformar carros para as corridas. Também gosto de trabalhar no campo, de ver as coisas crescer, mas carros é mais interessante, acho eu.

I – Com que idade começou a trabalhar?

JS – Um tempo antes de sair da Casa dos Rapazes, para aí com 17, 18.

I – Trabalhos em que áreas?

JS – Sempre foi nesta coisa da construção, sempre andei por aqui.

I – Tem alguma formação profissional?

JS – Não. Sempre fui aprendendo só de ver fazer, nunca fiz nada dessas coisas.

I – Quando vai ou tem de sair aqui da instituição?

JS – Não sei ao certo, mas assim que me conseguir orientar com o dinheiro para pagar um quarto, porque não está fácil, vou viver a minha vida. Já chega, quero ter as minhas coisas.

I – Como você se vê?

JS – Vejo-me... não sou uma má pessoa, não, fiz só as escolhas certas, e também não tive muita sorte. Sou amigo, uma coisa que eu não gosto é que me mintam, é pá, o resto compõe-se.

I – Como acha que os outros o vêem?

JS – Acho que as pessoas não têm muita confiança em mim por causa do meu passado, mas eu gostava de mudar isso. Quem sabe um dia eu deixe de sentir isso.

I - Qual o seu maior sonho?

JS – Nunca mais passar por aquilo que já passei, e acho que já é muito.

I – Como se vê no futuro?

JS – É pá, com trabalho, ter uma vida boa, não preciso de muito dinheiro e gostava de ter uma família e quem sabe ser pai.

I – Qual o seu projeto de vida?

JS – Arranjar um quarto só para mim, mas para isso, ter um trabalho fixo e fazer a minha vida.

I – Obrigada pela sua partilha.

JS – De nada.

Apêndice X - Transcrição de Entrevista de Jovens em Estudo - M.D.

I - Boa tarde.

MD - Boa tarde.

I - Obrigada por participar nesta investigação. Como forma de começarmos esta nossa conversa, gostaria de lhe perguntar as iniciais do seu primeiro e do último nome.

MD - MD

I - Pode me dizer a sua idade, por favor?

MD - 21

I - Qual é a sua nacionalidade?

MD - Portuguesa.

I - Nasceu onde?

MD - Faro.

I - Estado civil?

MD - (silêncio)

I - É casada, solteira?

MD - Solteira.

I - Sofre de algum problema de saúde?

MD – Obesidade (olhos no chão).

I - Qual é a sua identidade de género?

MD - Masculina, não, não, é feminina, enganei-me.

I - Você consome ou consumiu alguma vez substâncias psicoativas?

MD - Não.

I - Nunca consumiu álcool, drogas, medicamentos, não consome e nunca consumiu?

MD - O tabaco, é isso, só fumo.

I - Tem filhos?

MD- Não (risos).

I - Ora agora, relativamente aos seus laços familiares, na sua infância vivia com quem?

MD – Com a minha mãe.

I - Como era a vossa relação?

MD – Era mais ou menos, porque eu... a minha mãe teve depressão e depois eu...depois quando o meu pai morreu, quando eu tinha 5 anos, a minha mãe teve depressão e depois eu fui para a casa da minha irmã para aí com os meus 8, 7 anos para aí, e quem fazia tudo era eu.

I - Fazia tudo o quê?

MD - Olhe, as coisas da casa.

I - E a sua irmã tinha que idade?

MD - Agora, não sei.

I - Na altura?

MD – Na altura, para aí 30 e poucos.

I - Memórias boas dessa altura?

MD - Só meu pai, a única coisa.

I - E quais são as memórias boas que tem do seu pai?

MD – É que...quando o meu pai foi preso, eu ia sempre ir vê-lo à cadeia e uma vez eu fui para casa. Eu morava em Pechão. E... ele veio, da ladeira abaixo e eu a correr e depois cáí.

I - E memórias menos boas dessa altura?

MD - Só foi quando o meu pai morreu e a minha mãe só disse-me quando eu tinha 10 anos.

I - OK, então quer dizer que o seu pai morreu quando você tinha?

MD - 5 anos.

I - Atualmente, mantém alguma relação com a sua família?

MD – Não, muito pouco, mas não.

I - Esse muito pouco é com quem?

MD – Com a minha sobrinha.

I - Que idade tem a sua sobrinha?

MD – Para aí 15/16, para aí.

I - Quando você vivia com a sua mãe e posteriormente com a sua irmã, o que faziam ou fazem como profissão?

MD - O que é que elas faziam? Elas são vendedoras ambulantes.

I – Onde, essencialmente?

MD - Às vezes, às vezes faziam ali na baixa de Faro. E às vezes, quando veio o Verão vão a Olhos d'água e fazem pipocas e algodão doce e depois vêm as motas, depois elas trabalham com o polvo.

I - Com o polvo? Como assim com o polvo?

MD – Polvo! Tirar a... pôr o sal primeiro, estendê-los... a depois de tirar eles do estendal... depois dele aquecer, né? Tipo no fogo e depois tiras o coisinha que está preto, e depois compra, dão, compram-se as pessoas.

I - E como é a relação com a sua mãe neste momento?

MD – 0 (zero)

I - E com a sua irmã?

MD - Mais ou menos

I - Mais ou menos, como assim?

MD - Falo um pouco.

I – Porquê? Quer conversar sobre isso?

MD - O porquê?

I - Sim.

MD - Porquê? Foi tipo eu...por causa disso que eu estou aqui, só por causa de que eu fiz o rendimento, e ela não quis que eu fizesse e ela foi fazer confusão no meu trabalho., e depois ligou ao meu chefe a dizer que eu não podia ir para casa.

I - Não percebi, quando falou em rendimento, quer dizer o quê?

MD - Ela usava o meu dinheiro todo. Eu nunca vi o meu dinheiro.

I - Mas esse dinheiro era fruto do seu trabalho ou era algum subsídio do estado?

MD – Não, porque eu tipo antes, tinha aquele dinheiro quando um pai morre e depois tenho o dinheiro, e eu nunca vi esse dinheiro, e depois eu comecei a tirar um curso, e ela depois tinha o dinheiro, e eu não podia tocá-lo.

I – Curso de quê?

MD - De cozinha.

I – E recebia dinheiro por esse curso?

MD – Sim. E desde aí, ela queria só o meu dinheiro, não queria mais nada e... depois eu fui trabalhar num sítio... que eu estou a fazer voluntariado.

I – É onde?

MD – Na Horta da Areia, e ela fez confusão lá, e ela não queria nada meu. O objetivo disto tudo era que ela, como era vendedora ambulante precisava de um papel para a segurança social, mas não, não era nada comigo. Mas depois começou isto.

I – A sua irmã é casada, tem filhos?

MD – É casada e tem filhos.

I – Quantos filhos?

MD – Quantos filhos? (começou a pensar e contar pelos dedos das mãos) São 4 e comigo eram mais pessoas.

I - E a casa onde você vivia?

MD - Era boa (encolhe os ombros).

I - Memórias boas dessa casa?

MD - Nenhumas, nenhuma.

I - E memórias más da casa?

MD – (silêncio)

I - Era um local bonito, feio, se era acolhedor?

MD – Ah, aí era bonito, mas tipo (encolhe os ombros) era um bairro de pessoas que fumam ganzas e não sei quê.

I – Ok.

MD - Um dia, ela foi fazer aquelas cenas que... para arranjar casas e depois fomos para ali pá Carreira de Tiro, depois, é daquela, não sei o nome daquilo, que é do Presidente.

I – Foi pedir apoio a quem?

MD – À junta, para conseguir uma casa, e depois fomos para a Carreira de Tiro. Tive 1, mais ou menos 2 anos prá i e depois eu fugi de casa.

I - Nessa casa onde vivia com a sua irmã, você sentia-se segura?

MD – Não. Nem em uma nem na outra.

I – Porquê?

MD – Porquê? Quer saber mesmo? Porque eu tinha 13 anos, o meu cunhado tentou-me... fazer coisas... íntimas.

(silêncio)

I - Você estava a dizer que fugiu, fugiu para onde?

MD - Fugiu porque... eu não tinha mais cabeça para nada. E eu liguei à minha irmã, eu tenho outra irmã. E eu, depois senti-me mais livre porque eu ali tinha muita pressão. Tinha muita... horas para tudo, eu acordava de manhã, arrumava a casa e eu não tinha tempo nenhum para mim. Depois eu fui no meu trabalho, eu punha a roupa lá, comecei guardando, e depois, uma vez liguei à minha irmã, olha, vou para aí. Que eu liguei ela sabia. E a última foi fazer uma confusão lá no do trabalho, e tudo.

I - Então deixe-me ver se eu percebi?

MD – Não..., quero mudar de assunto.

I - Quantos irmãos tem?

MD - Tenho a minha irmã, que chama-se Vera, tem a outra, chama-se Cristiana, uma que já morreu que é a Patrícia, tenho uma que é Tatiana e outro que é um menino, é um Nelson e depois sou eu.

I - Então você saiu da casa da sua irmã e foi levando devagarinho a roupa para a casa da outra irmã, e quando a irmã com quem você estava soube?

MD – Foi fazer confusões lá no trabalho.

I - No que diz respeito à sua instrução, que escolaridade tem?

MD - Tenho o 10º só.

I - Está a estudar neste momento?

MD - Não, não.

I - Quando frequentava a escola, o que mais gostava?

MD – Eu não era uma pessoa muito de falar com as pessoas. O que eu gostava era tipo sair para recreio e brincar.

I – Você ia à escola todos os dias?

MD - Às vezes (sorrisos), era muito rebelde.

I – O que gostava menos na escola?

MD - As pessoas gozavam comigo.

I - Então porquê?

MD - Eu chegava à escola com a cabeça baixa, porque gozavam sempre comigo.

I - Mas porquê?

MD – Por causa do meu peso... e isso.

I – Como era a sua relação aos professores e os auxiliares da escola?

MD – Ah, eu gostava de todos. Alguns, poucos, até me davam atenção.

I – Como era a relação com os colegas?

MD – Não era boa... (olhos no chão), é muito difícil estar sempre a ser gozada. Eu não sou assim porque quero.

I - E as matérias escolares, o que você gostava mais de estudar?

MD - Não estudava, eu tinha apoio.

I – Apoio? Como assim?

MD – Tipo... eu tenho muita futilidade de algumas coisas.

I – Como? Tem muitas dificuldades?

MD - Sim, sim. Isso como agora, não sei dizer. Eu tinha apoio, tinha mais apoio do que aulas. E era assim.

I – Ou seja, você tem necessidade de frequentar um ensino especial?

MD - Isso mesmo, é isso mesmo.

I - Qual era a escolaridade da sua irmã, aquela com quem viveu mais tempo?

MD - Não sei, acho que elas fizeram até ao 5º.

I – Todas?

MD – Sim, acho que sim.

I – Qual é a escolaridade da sua mãe?

MD – Ei (sorrisos), da minha mãe não sei.

I – Você sabe qual era a escolaridade que o seu pai tinha?

MD – Não, acho que nunca andou à escola. Não sei.

I - Na altura de fazer os trabalhos de casa, quem a ajudava?

MD - A minha mãe.

I – E como era a sua mãe a ajudá-la nos trabalhos de casa?

MD - Aí era normal, apesar de eu me lembrar que ela não tinha muita paciência para as coisas que eu não percebia.

I - Então você há pouco dizia que muitas vezes não ia à escola, certo?

MD - Porque a minha mãe trabalhava e depois para ir buscar e levar não conseguia, porque o meu pai, meu pai estava preso, e depois não dava para fazer tudo.

I - A sua família valorizava o facto de você ir à escola?

MD - Eu quando comecei a faltar, elas começavam-me a bater.

I - Então porquê?

MD - Não sei o porquê, mas eu não fazia nada, quando chegava a casa... começavam todos a gritar comigo, porque já tinham descobrindo.

I - Você gostaria de voltar a estudar?

MD – Depende.

I – De quê?

MD – Depende da escola.

I - Consegue ser mais clara?

MD - Por não ter muito... por ser assim. Porque eu na escola era muito quieta, eu não falava com ninguém. E eu... quando ninguém fala comigo, eu fico num canto só, eu não falo mesmo, com ninguém.

I - E não gosta que ninguém fale consigo?

MD - Eu gosto de falar, mas... Se falarem comigo é bom para mim, porque depois eu falo muito. Porque em criança não falava nada.

I - Porque é que você se colocava a um canto e não falava com ninguém?

MD - Porque sentia-me só, e sinto-me ainda.

I - Por causa de quê?

MD – De tudo...da vida.

I - Que idade tinha quando deixou de estudar?

MD – Ah, isso é fácil, quando eu tinha 18 anos. Estava eu para fazer os 18 para 17. Porque eu depois, a professora disse assim “Há como tu vais fazer os 18 vais tirar um curso” e eu, ok. Eu tirei o curso, foi no dia 1 de outubro de 2019, acho eu, na ASMAL.

I – Como é a relação com os seus amigos?

MD – Eu não tenho amigos, nunca tive. As pessoas não falam comigo.

I – Como é o seu relacionamento com a comunidade em geral, ou seja, com as outras pessoas?

MD – É a mesma coisa. As pessoas só me olham e depois viram a cara.

I – Desde que deixou de estudar já teve algum emprego?

MD – Não, nunca trabalhei.

I - Tem alguma formação profissional?

MD – É de cozinha.

I - Quanto tempo esteve nessa formação?

MD - Aquilo era para ficar 3 meses, mas eu fiquei mais ou menos 2 meses.

I - Então, atualmente não trabalha e não estuda. É isso?

MD – Sim.

I - Gostaria de começar a trabalhar?

MD – Sim, é pá...eu tenho o meu sonho, né?

I - E qual é o seu sonho?

MD – Maquiagem. Mas isso é complicado, e precisa-se de dinheiro para esse curso ainda. Tou por aí por cozinha essas cenas assim.

I - Então, neste momento, para ingressar no mercado de trabalho, gostaria que fosse em quê?

MD – Em cozinha, sim. Também já mandei currículos para outros sítios. Hoje de manhã fui andar na baixa toda e entreguei na telepizza ali ao pé da baixa, outro foi na loja da vaca, e os outros foram mais nos restaurantes e tal.

I - Há quanto tempo está nesta Instituição?

MD – Eh pá, não sei, eu vim no dia 25 de novembro de 2022, agora não sei.

I – Nos últimos 2 anos, onde é que esteve a viver?

MD - Na casa da minha irmã, da primeira irmã.

I - Voltou para a casa da primeira irmã, entretanto?

MD - Sim, porque eu tive uma relação, a pessoa não agrediu-me, nunca me agrediu, ele gozava comigo psicologicamente e... não deu certo. Agora tá com outra pessoa.

I - Vocês estiveram a viver juntos, em uma casa?

MD - Sim, mas não foi numa casa, foi numa tenda. Uma tenda de campismo. (risos)

I – Quanto tempo?

MD - Eu saí de casa, depois também saí de casa também, né? Acho que foi em fevereiro, mas depois ele acabou comigo em março de 2022. Foi pouco.

I – Depois foi para onde?

MD - Para casa da minha irmã.

I – Já estive em outras instituições?

MD – Não. Esta é a primeira vez.

I - E que motivos é que a levaram a recorrer a esta Instituição?

MD – Motivos...? Porque eu não tinha sítio para dormir.

I - Porquê?

MD - Puseram-me fora de casa.

I - Quer explicar porque é que a puseram fora de casa?

MD - Eu já disse. Foi do rendimento.

I – Qual a importância que tem para si esta instituição?

MD - Como assim?

I - Esta instituição para si é importante?

MD - Eh pá, muita, para mim sim, porque.... ajuda as outras pessoas, quando não têm comida, e as pessoas vêm cá e dão.

I - Neste momento, a minha pergunta era para si.

MD – Ah! Para mim? Não sei.

I - Não sabe dizer se esta instituição é importante para si?

MD – Olhe, para mim, não sei.

I - Já que estava a falar nas outras pessoas e estamos a falar das pessoas em situação de sem-abrigo, acha que esta instituição é importante? Porquê?

MD - Porque depois as pessoas têm um sorriso na cara. Porque se eu tivesse rica no mundo, se pudesse, eu fazia uma cena assim.

I - Uma cena assim, você quer dizer o quê?

MD – Que... tipo, arranja um sítio para as pessoas pobres. E depois dar comida. Eu há vídeos que eu vejo. Num dá.... Fico triste.

I – De que forma esta instituição a tem ajudado a conseguir arranjar competências ou ferramentas para se autonomizar, ou seja, para ir embora, para ter uma vida só sua?

MD - Não sei.... Estou a fazer coisas aqui. Uma, que é com uma monitora, que agora não me estou a lembrar o nome, e a doutora. Quando me diz que tem alguma coisa para trabalhar, ela diz-me, e depois, eu digo para me ajudar a mandar um e-mail, e depois... estou à espera que me liguem, depois. Ainda não tenho nada para ir.

I - Quais são os fatores que considera como responsáveis para estar nesta instituição?

MD - Como assim?

I - Vou repetir de outra forma. Se você tivesse que apontar os motivos, as razões, as causas responsáveis para você estar nesta instituição, o que me diria?

MD – A minha irmã. Porque puseram-me fora de casa, e depois, quando cheguei a casa, tipo..., ir buscar roupa, começaram a chamar nomes, a dizer “Tu fizeste... não sei quê.”

I - Se você tivesse de escolher momentos marcantes da sua vida, o que escolheria?

MD – (sorri) O meu pai voltar ao mundo. E vai ser sempre.

I - Como é que você se vê?

MD – Não me olho, não gosto de mim. Sim, porque não me sinto bem. Eu às vezes... não queria falar nisso, não é ..., mas eu às vezes não me sinto bem de andar no mundo, eu por mim, não estava aqui. (lágrimas nos olhos e a respirar fundo)

I - Como é que os outros a vêem?

MD – (silêncio e olhos no chão) Não sei. Não, eu até sei, mas não quero dizer.

I - Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo?

MD – Não. Eu nunca tive assim nessa situação.

I - Como é que vê o seu futuro?

MD - Não sei, não sei.

I – E se tivesse uma bola mágica?

MD - A terma casa, ter o meu espaço e fazer o que eu quero.

I - Qual é o seu maior sonho?

MD - O meu maior sonho (sorrisos) é fazer um... A maquilhar as outras pessoas, e ver um concerto que eu quero muito ver, do Justin Bieber.

I - Qual é o seu projeto de vida? O que você acha que é importante fazer para conseguir alcançar os seus sonhos?

MD – Lutar. Só! Por aquilo que agente queremos, e o que eu quero mesmo é ter uma loja própria para maquilhar as pessoas.

I – Muito obrigada pela sua participação.

MD – Nada.

Apêndice XI - Transcrição de Entrevista de Jovem em Estudo - R.R.

I - Boa tarde.

RR - Boa tarde.

I - Obrigada por participar nesta investigação. Gostaria de começar esta entrevista por saber um pouco sobre a sua história de vida, e para tal, gostaria de começar por lhe perguntar as iniciais do seu primeiro e último nome.

RR - RR.

I - Que idade tem?

RR - 25.

I – É natural de onde?

RR – Lisboa.

I - Estado civil?

RR - Solteiro agora.

I – Tem algum problema de saúde?

RR – Em princípio com cancro na garganta. Que já fiz exames e a biópsia já deu positivo, só que estou á espera da consulta, para levar tudo à médica de família no mês que vem.

I - Qual é a sua identidade de género?

RR - Masculino.

I - Consome ou consumiu alguma vez substâncias psicoativas?

RR – Já, e eu fumo de vez em quando.

I - Estamos a falar de quê?

RR – Só ganza normal, de vez em quando um charro ou outro, só para quando estou mais nervoso ou então quando estou mais stressado ou com dores.

I - Tem filhos?

RR - Não.

I – Permita-me fazer perguntas sobre o seu contexto familiar. Antes de integrar aqui na instituição, você residia onde e com quem?

RR – Residia com a minha mãe e com meu padrasto aqui na Conceição de Faro, mas depois fui para o Areal Gordo tirar curso de Massagista e mudei para lá.

I – A relação com a sua mãe e com seu padrasto, como era?

RR - No início era boa, só que depois começou a ficar meio que estranha. Minha mãe começou a imaginar-me contra as pessoas, desde que eu parti o pé e aí começou a ser pior.

I - Se tivesse de evidenciar memórias boas e memórias menos boas dessa altura, quais seriam?

RR - Literalmente ter saído da Casa dos Rapazes, como tive na instituição, e ter voltado para a minha família, e ter sido bem, mais ou menos bem que recebido, e ter estado com o meu irmão mais novo, e ter visto ele a crescer um pouco mais e menos boas foi o ambiente em casa.

I - Esteve na casa dos rapazes quanto tempo?

RR - Tive 14 anos.

I - Integrou na Casa dos Rapazes, com que idade?

RR – Integrei na Casa dos Rapazes com 7 anos e saí de lá com os meus 20 quase 21, já não podia ficar mais.

I - Você lembra-se da sua relação familiar, antes de entrar na instituição?

RR – Lembro. A minha relação familiar era ótima, tinha a minha vida em Lisboa estabelecida, pensava que prontos... era o meu mundo lisboa, quando eu vou para Lisboa eu viro outra pessoa. Neste caso, é aquela cidade que eu digo que tenho de ir para lá quando estou a precisar de espárecer e voltar me encontrar.

I - Quando tinha essa idade, vivia com quem?

RR – Até aos 7 anos vivia com a minha mãe, com o meu pai e com o meu irmão mais velho.

I – Como era a relação com o seu pai e a sua mãe?

RR - Era bom na altura, até que os meus pais se separam, aí, eu tive que vir com o meu irmão e com a minha mãe cá para baixo, as coisas começaram-se a descarrilar.

I – Como era a relação dos seus pais?

RR - Sim entre eles era boa, mas simplesmente não resultou e muita gente não percebeu. Até eu fazer os meus 17 anos e perceber as verdades todas e é a maior mentira da minha vida, mas pronto.

I - Não percebi, desculpe?

RR - Até eu fazer os meus 17 anos e ter descobrido as verdades todas do porquê deles se terem separado, a maior mentira da minha vida. E um pouco disso.

I - O seu agregado familiar, até aos 7 anos era composto por quem?

RR – Pela minha mãe, pelo meu pai e pelo segundo irmão depois de mim.

I - Quantos irmãos tem?

RR – Tenho 4, eu sou o mais velho, depois é o Pedro, o Walter, a Inês e o mais novo que é o Fernandinho.

I – Qual a profissão dos seus pais?

RR- A mãe trabalhava nas limpezas e o meu pai na construção civil.

I – Mantem relações familiares?

RR – Não, agora não.

I – Como era a casa onde vivia?

RR - Por acaso era uma casa simples. Eu neste caso, vivia mesmo ao lado da casa da minha avó, neste caso a mãe materna do meu pai. Bastava sair de casa 2 minutos estava mesmo na casa da minha avó, 5 minutos na casa dos meus tios, que é mais lá em baixo. Em Lisboa, aquilo era muito bom, por um lado eu era conhecido por todo lado, mesmo sendo uma criança de 5, 4 anos, podia andar livremente e estar à vontade ali, que se alguém me visse, se acontecesse alguma coisa, a minha mãe era logo informada, do género, “olha, aconteceu alguma coisa com o teu filho, vai lá abaixo correr ver”, então estava sempre ali debaixo do olhar de toda a gente, então aquilo é, aquilo é meio que uma cidade, aldeia, vila.

I - Memórias boas dessa casa?

RR – Dessa casa tenho muitas.

I - Por exemplo?

RR - Por exemplo, olhe, de a minha mãe ficar 1 hora e meia à minha procura e eu estar com língua congelada dentro da arca congeladora e eu lá dentro preso, e ver toda a gente procurar por mim. Depois ter apanhado uma boa sova e um bom raspanete, e ainda me perguntarem porque eu não falava nesse dia e a minha mãe “Pergunte-lhe porque é que o menino não fala”, e eu virar-me e por a língua de fora, congelada (risos) e a minha mãe dizer “Tão a ver”. Outra coisa boa foi os meus tios me terem posto nas artes marciais, e eu ter me tornado muito novo professor literalmente, ou qualquer coisa assim.

I - E memórias negativas dessa altura?

RR - Não tenho. Não tenho, tenho alguns desentendimentos com amigos da minha idade, isso tudo, mas também, ainda hoje somos grandes amigos, eu vou lá.

I – O local onde vivia como era?

RR – Pá, Carenque era uma maravilha, ainda hoje é. Eu quando vou para lá, a primeira coisa que eu gosto é abrir a janela e ouvir o rio e os pássaros a cantar, porque aquilo é uma parte de Lisboa que ninguém conhece, aquilo é a mina da Amadora, é uma parte que ainda se consegue ter história, ao mesmo tempo, vê-se uma pequena evolução da cidade, mas que ainda consegue ser vila e aldeia, então tem casas na montanha, tem casas normais, tem prédios, tem um rio que ainda se ouve, tem os pássaros, tem uns patos, tem tudo.

I - Sentia-se seguro lá?

RR – Sentia e ainda hoje sinto. Eu quando vou para lá, tipo, posso mesmo ir com roupas de marca, posso ir com tudo, sei que não sou roubado.

I – Passando a nossa conversa para o seu percurso escolar, e tendo em conta que foi para a Casa dos Rapazes com 7 anos, onde começou o seu percurso escolar?

RR - Comecei em Lisboa, mas com tanta mudança a minha mãe vir para o Algarve e o meu padrasto, e essas coisas todas, nunca acabei o primeiro ano como podia ter acabado quando estava em Lisboa, então só iniciei, outra vez, a escolaridade aqui na Casa dos

Rapazes, literalmente no dia um de junho foi quando eu entrei na Casa dos Rapazes, e foi quando eu iniciei a escolaridade, meio para me habituar à escola, mas depois só voltei a fazer no ano seguinte o primeiro ano e os outros.

I - Como era ir à escola?

RR – Depende, tinha dias que eu não aceitava, porque fiquei uma pessoa um bocado revoltada. Aconteceu muita coisa na minha vida em muito bem pouco tempo naquela altura, então eu era uma criança revoltada porque queria a minha mãe, pedia os meus pais e não aceitava aquela situação.

I - Deixe-me fazer a pergunta. Porque foi para a Casa dos Rapazes?

RR - Porque é que fui para a Casa dos Rapazes? Meu ex. padrasto tentou matar-me várias vezes, meu ex. padrasto chamado Victor Bravo, tentou matar-me mais de 500 vezes, onde uma delas pôs-me gasolina em cima e depois pôs-me a arder. E eu tenho a cicatriz a provar (silêncio e olhos no chão)

I - Voltando à escola, memórias boas, menos boas?

RR - Na escola era as disciplinas, por mais que eu fingisse que não gostasse, adorava. Sempre fui um aluno de mérito. No meu quarto ano, quando eu juntei-me à equipa do rancho pela primeira vez (sorriso), eu disse que o rancho é isto, é aquilo, não gosto, mas quando me juntei sentindo bem recebido e foi a primeira das artes que eu explorei. Adorei, mesmo tendo vergonha, porque eu já cantava, já fazia teatro, mas não assim para o público. O rancho foi aquele passo de saída para eu me lançar para o público e perder a vergonha do palco.

I - Relativamente aos seus professores e aos auxiliares da escola, como era o vosso relacionamento?

RR - Depende, tive professores que me dei imensamente bem, pessoas que eu amava, e que no quarto ano, quando nos pediu para passar para o quinto ano, chorei baba e ranho.

I - Quando tinha de fazer os trabalhos de casa, quem é que o ajudava?

RR – Aí, era as educadoras na Casa dos Rapazes, nós sempre tivemos tutores neste caso, que eram os nossos responsáveis, neste caso, a minha professora foi a Professora Ana já a partir do quinto ano, mas lembro que quando estava na primária, tinha o professor Pedro e a professora Teresa que não gostava muito.

I – Na Casa dos Rapazes valorizavam a sua ida à escola?

RR - Valorizavam, bastava um pequeno erro que ficava de castigo e neste caso, ainda me lembro da chapada que levei do próprio presidente, só por não ter comido uma sopa na escola.

I - Que escolaridade tem?

RR - Eu, neste caso, se for pensar bem, tenho o 11º, mas oficialmente o 9º.

I - Gostaria de voltar a estudar?

RR – Gostaria, queria mesmo acabar o 12º, porque o 9º ano para mim não me diz muita coisa e eu sou aquela pessoa que gosta de explorar mais, gosto de aprender, não gosto de estar sem ..., saber pouco, então tenho querido me elevar um bocado mais, então na escola onde eu estou, a tirar um curso de empregado de andares, eu espero conseguir.

I – Qual a escolaridade dos seus pais?

RR – A minha mãe tem o 6º ano e o meu pai também.

I – Ok. Deixe-me aqui voltar um pouco atrás, já falamos sobre a sua família, sobre o seu percurso escolar. e como estão as suas relações sociais, nomeadamente com os seus amigos? Mantêm alguma relação de proximidade da altura que era mais jovem?

RR – Mantenho muitas, tenho muitas, e também construí novos amigos, tenho muitos e bons amigos, que me fez perceber certas coisas e neste último ano percebi quem eram os meus verdadeiros amigos, e quem não são.

I – Nas suas amizades, quando refere que está numa instituição, acha que muda alguma coisa?

RR – Não, até sou apoiado, até tenho amigos meus que às vezes perguntam me se na instituição onde eu estou, se têm possibilidade de ajudá-los, isso tudo. Por um lado, pronto, sou a pessoa que eles mais conhecem, que está cá dentro, e que sabe como é que funciona as coisas, então eles abordam nessa parte.

I - Relativamente à comunidade em geral, quando diz que está a viver numa instituição, quais são as reações?

RR - Acho que sinto mais uma preocupação, porque as pessoas me sabem que eu já passei por muito, e sabem que eu ter voltado a passar por uma situação, quando isso não ia voltar

a acontecer, perceberam que eu cheguei a um ponto que tive que pedir ajuda e que já não estava a aguentar mais. Sinto um apoio.

I - Está nesta instituição há quanto tempo?

RR - Vai fazer 3 anos.

I – Quando vai ou tem de sair da instituição?

RR - Se tudo correr bem, penso acabar a escola no dia 21 de junho, ficar cá mais um verão e juntar um bom dinheirinho, para procurar um apartamento lá em Elvas, e ficar por lá.

I – Nos últimos 2 anos que antecederam a sua entrada aqui na instituição, onde vivia?

RR - Na casa do meu tio. Foi uma pessoa que eu comecei a tratar como tio e ele a mim por sobrinho, que foi o meu chefe do restaurante, onde eu trabalhei, que temos uma grande relação de amizade até hoje. Se ele precisar de mim pode contar comigo assim como eu posso contar com ele.

I - Que importância é que tem para si este tipo de equipamentos sociais?

RR – Tem uma importância boa, porque é sempre uma boa ajuda. Para já a nível técnico, tecnológico, psicológico e pá, é uma nova oportunidade para pessoas que não conseguem ter. No meu lado agradeço porque prontos, era um jovem, tinha para onde ir, mas ir para a minha mãe eu não ia, e aí deixei isso bem claro. Na rua também não ia ficar. Então agradeço a ajuda que me deram, mesmo com os meus problemas de saúde, com a minha parte psicológica, sei que não fui uma pessoa fácil de aturar, e que ainda não sou, mas sei que quando eu preciso, a equipa toda está lá para me aturar e para me ouvir.

I – Relativamente ao seu percurso laboral, já trabalhou?

RR – Já, já trabalhei, literalmente tinha acabado o meu meio curso de massagista, porque ficou a faltar-me literalmente 500 horas, aí estive a trabalhar, mas tive que desistir, porque não acabei o curso.

I - Com que idade começou a trabalhar?

RR - Comecei a trabalhar com os meus 19, na restauração e trabalhava num restaurante, comecei com os 19. Depois comecei literalmente a trabalhar com os meus 22 mesmo a sério, já não sendo part time, mas já tempo laboral, ou seja, o tempo todo, era gerente do restaurante, o meu tio pôs-me como gerente, e eu fiquei lá um ano e meio a aguentar tudo.

I - Até à data de hoje qual foi o emprego em que esteve mais tempo?

RR - Foi no Ministério do Pastel Brasileiro, num restaurante do meu tio.

I - Neste momento está a trabalhar?

RR - Neste momento estou a estudar, estou em estágio, de bar e mesa, num resort de luxo em Quarteira, os apartamentos Honório, onde eu vou acabar no dia 21 de junho o estágio e já tenho contrato para ficar lá.

I - E gosta dessa área?

RR - Na área que eu estou a fazer o estágio não é a área que eu tenho contrato para o trabalho, gosto, as minhas colegas são impecáveis, mas se eu tivesse de escolher uma das minhas áreas, dos cursos que eu tenho, eu escolheria simplesmente barman, porque tenho uma ligação com o público diferente. Como barman sabemos que os clientes desabafam connosco certas coisas, nós sabemos os gostos dos clientes, então quando o cliente já é habitual, nós já sabemos mais ou menos o pedido e é sempre bom, se tivermos sempre uma pessoa que vai lá e nós recebê-la como cliente.

I - Se você tivesse a oportunidade de escolher uma profissão para futuro, seria barman?

RR - Neste caso não, se tivesse e pudesse seguir os meus sonhos, queria ser cantor. Queria cantar rock, POP e eu queria literalmente ser uma voz. Queria ser um ícone, onde as pessoas ouvissem música e sentissem aquilo que eu queria transmitir e ser a voz delas, como ser a minha própria voz.

I – Fez alguma formação profissional?

RR – Sim de bar e mesa, que andei ali no Areal Gordo, no IEFP.

I - Quais são os fatores que identifica como responsáveis para estar aqui na instituição?

RR - Para eu ter vindo para aqui, foi literalmente o restaurante ter fechado, o covid, eu ter perdido a casa onde estava, e um grande amigo me ter aconselhado a falar com o MAPS e foi isso.

I - Quais os momentos mais marcantes da sua vida?

RR – Ter descoberto que estou com cancro, que foi um dos piores momentos da minha vida ... ter-me apaixonado pela primeira vez a sério, e que a pessoa agora pode se vir a afastar de mim e eu estou com medo de perdê-la, como acho que já perdi e temo não saber

o que fazer para recuperar aquilo que tinha com ela. Eu quis ajudá-la quando esteve cá, ele está em sem-abrigo e eu não posso fazer nada, porque também fugiu da Casa dos Rapazes e essas coisas todas.

I – O seu namorado, também esteve na Casa dos Rapazes e neste momento está em situação de sem-abrigo?

RR – Sim teve, mas agora já não, ele foi para Elvas ter com a mãe e está por lá, mas sei que ele está infeliz, porque sei que por um lado ele não quer estar lá, mas por outro quer estar lá para ajudar a mãe em tribunal.

I - Como é que você se vê?

RR – Eu, sinceramente sem forças. Aquilo que eu aguentei muito tempo, já não me sinto capaz de aguentar mais, como disse, passei por coisas nestes últimos anos que me fizeram cair, derrubaram-me de uma tal maneira que eu já não sei onde vou buscar forças.

I - Quer é partilhar alguma delas?

RR - O cancro foi uma delas, eu descobrir que estava com cancro quando ano passado fiz exames e não acusou nada, este ano começou a acusar, e mais, eu em 2 semanas ter perdido muitos kilos, de ficar 2 semanas sem conseguir comer, eu olhar para a comida e sentir-me cheio, ou então, vomitar logo a seguir, vomitar sangue, foi aquilo que me deixou mais traumatizado. Ter o Edgar como apoio, para mim foi muito bom, mas ele ter-se afastado (...), foi outro fator.

I – Como acha que os outros o vêem?

RR - Algumas pessoas, como intimidador, porque ficam com medo, têm medo daquilo que eu sou.

I - E o que você é?

RR - Ao meu ver, uma pessoa normal com um QI elevado e depois, falo das coisas que eu vejo, porque sou uma pessoa muito observadora, então observo e quando vejo um podre ataco, para já porque sou manipulador, é um dos meus pontos, porque eu passei por muito na vida e tive de crescer de uma maneira que me fez ver coisas que as pessoas não veem. Então eu aí sei manipular, sei usar as coisas a meu favor, mas também sei ser uma pessoa bondosa demais e é esse ponto que as pessoas abusam. Quando sou bondoso

demais, as pessoas abusam nesse ponto, mas também quando quero ser ruim, sou, até ao ponto que eu faço a pessoa ser humilhada e não ter onde esconder-se.

I - Lembra-se quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo?

RR – Lembro.

I – O que sentiu?

RR - Foi no dia 10 de outubro de 2021. Literalmente senti-me em desespero porque só tinha mais uma semana para ficar na casa onde eu estava, e só tinha uma opção ou voltar para a minha mãe e estar minado, ou pedir ajuda, aonde me aconselharam a vir, à instituição onde estou agora, ou então, ficar nas ruas, e eu tive que pensar literalmente durante dias e noites.

I - Quanto tempo esteve em situação de sem-abrigo?

RR - Literalmente tive na casa de um amigo durante umas semanas, porque a instituição foi muito boa e deu uma resposta passado 3 semanas, então ele aguentou esse tempinho até eu fazer os testes e estar tudo negativo para conseguir mostrar. Literalmente quase 3 semanas, foi o tempo da instituição me dar uma resposta, se eu podia ficar ou não.

I - Quais são as suas ambições para o futuro?

RR – Futuro, se a minha saúde permitir e eu tiver forças para lutar, quero estar em altas porque já decidi que quero acabar a escola, quero acabar o curso, trabalhar neste verão, ganhar um dinheiro e ir para o Alentejo ter com o meu namorado, e tentar construir aquilo que está a ficar destruído.

I - Qual é o seu maior sonho?

RR – O meu maior sonho, mais precisamente ser feliz, e estar ao pé de quem eu gosto e se calhar ser a voz para o mundo, aquela que ainda falta dar.

I - Neste momento, qual é o seu projeto de vida?

RR - Este mês acabar a escola. Agradecer às pessoas que me ajudaram, por mais casmurro que eu seja, e sei que às vezes sou, e não dou valor àquilo que tenho. Mas lutar por aquilo que eu ainda acredito. Conseguir sair de onde eu estou, arranjar uma casa com meu namorado e tentar estabilizar tudo com ele.

I - Obrigada pela sua partilha.

RR - Por nada, obrigado eu.

Apêndice XII - Transcrição Entrevista - Técnica CN

I - Obrigada por participar nesta investigação. Gostaria de começar, esta nossa conversa, por lhe pedir para se apresentar onde insira as iniciais do seu primeiro e último nome.

CN – Boa tarde, as iniciais do meu nome são CN, tenho 39 anos, casada e mãe de 3 filhos. Sou licenciada em sociologia, mestre em serviço social e política social, e trabalho no MAPS há sensivelmente 9 anos. Desempenho funções como coordenadora de uma resposta social, que são as equipas de intervenção direta e também do TMN. Trabalhamos principalmente com pessoas em situação de sem-abrigo.

I - Esta investigação prende-se mesmo com esta problemática, com a problemática das pessoas em situação de sem-abrigo, com incidência na faixa etária mais jovem. Como é trabalhar com jovens em situação de sem-abrigo?

CN - Então, trabalhar com os jovens em situação de sem-abrigo é um bocadinho diferente do que trabalhar com a população em situação de sem-abrigo com mais idade. Isto porque para além de terem a problemática dos sem-abrigo, tem outras problemáticas associadas. Pelo menos estes que nós trabalhamos aqui, têm problemas de consumo de álcool e de estupefacientes e têm também a problemática da saúde mental associada.

I - Quais são as principais características destes jovens para além das que acabou de referir?

CN - São jovens com pouca escolaridade, pouca ou quase nenhuma, tirando um caso ou outro, grande parte já estiveram institucionalizados e são jovens muito resistentes a obedecer regras, regras que quando impostas por alguém, ou por exemplo, quando lhes é pedido alguma coisa, eles acham que não têm de cumprir ou que fazer.

I – Como é a relação laboral destes jovens, trazem hábitos de trabalho?

CN – Não, a relação com o trabalho é difícil, porque quando cá chegam, muitos acham que não têm necessidade de trabalhar e que é uma obrigação nossa. Quando digo nossa estou a referir-me às instituições e ao Estado. Para estes jovens nós temos de os ajudar, e ajudar é dar-lhes tudo, tanto a nível monetário, alimentar e habitacional.

I - Relativamente ao contexto familiar, os jovens mantêm alguma relação, algum elo familiar?

CN -A maioria não mantém. Têm mesmo relação cortada com a família, e os poucos que mantêm, quando voltam a ter contato com a família, ficam mais alterados a nível comportamental, ficam mais descompensados.

I – Que tipo de famílias estamos a falar?

CN – Aqui, os jovens que nós acompanhamos, na sua maioria, são de famílias um pouco desestruturadas. Famílias com dependências ou vícios associados, famílias que não têm hábitos laborais que vão sobrevivendo através dos apoios sociais, e que têm dinâmicas que não são as ditas normais.

I - Acha que estes jovens valorizam o conceito família?

CN - Eu acho que eles não sabem o que é o conceito de família. Acho que eles não têm essa noção e, por exemplo, daqueles que nós acompanhamos quando integram o nosso projeto do TMN, ao longo dos seus percursos, começam eles próprios a ter uma ideia de alguns conceitos. O conceito de afeto, de atenção, e depende da proximidade, por norma vão criando laços, laços emocionais, principalmente com o técnico que mais se identificam.

I – Por falar em laços, como é a relação destes jovens com a comunidade? Como vêm a comunidade que os rodeia?

CN – Sentem-se rejeitados. Eles vêm e entendem que a comunidade tem obrigação, ou seja, quando fazemos o primeiro contato, eles acham que a comunidade tem a obrigação e o dever de os ajudar. Eles entendem que por estarem naquela situação, só os outros têm deveres e eles não têm de fazer nada, depois, quando começamos a trabalhar com estes jovens, eles começam a mudar um pouquinho o pensamento, a maneira de estar e também de se comportarem.

I - E como a comunidade vê estes jovens em situação de sem-abrigo?

CN - Nem sempre são vistos da forma como gostaríamos que fossem vistos. Muitas vezes, nos primeiros contactos não são bem vistos, há sempre uma exclusão, ou é porque são toxicodependentes, ou é porque são alcoólicos, ou é porque estão nesta situação porque querem, há sempre uma crítica, um rótulo por parte da comunidade. Maioritariamente são criticados, não os aceitam muito bem o que dificulta a parte da integração. As pessoas não aceitam que pode ser uma fase e que todos nós podemos passar por ela.

I – Quais são os maiores desafios sentidos no trabalho desenvolvido com estes jovens?

CN - A maior dificuldade, eu acho, que é eles próprios reconhecerem que necessitam de ajuda, e que tem uma adição, sendo que na maioria, quase todos, têm uma adição, então, uma das dificuldades é que eles reconheçam isso, para nós os podermos ajudar, e encaminhá-los para os sítios certos e assim fazer todo um trabalho com eles. Mas não é uma coisa que se consiga fazer em um mês ou dois, há todo um processo. Para além disso, outra grande dificuldade é conseguirmos chegar até eles, criar uma relação de confiança.

I – Quais os maiores desafios para se conseguir uma autonomização e integração devidamente sustentável destes jovens na comunidade?

CN – Primeiro arranjar trabalho. Devido à baixa escolaridade que têm torna-se um grande desafio, muitas vezes o processo passa pela integração em cursos profissionais para a aquisição de habilitações, e depois sim, arranjar trabalho, o que é outro desafio, arranjar empresas que os aceitem. Não quer dizer que eles tenham de dizer que estão nessa situação, mas muitas vezes o aspeto visual, que também tem de ser trabalhado, dificulta. Depois de já terem arranjado trabalho o mais difícil é a nível habitacional, porque os rendimentos que vão auferir também não são muito elevados e os valores das rendas, seja quarto ou apartamento, são muito superiores ao que eles auferem, e torna-se depois complicado conseguir manter.

I - Quais são os principais fatores que consegue identificar como promotores, que levam estes jovens à situação de sem-abrigo?

CN - A rutura familiar é um dos fatores, outro, sem dúvida, são os consumos, outro ainda é a saúde mental que é agravada pela ausência das tomas de medicação. Se juntarmos a ausência de medicação e os consumos então..., não é fácil.

I - Na sua opinião acha que estes jovens têm a consciência que se encontram em situação de sem-abrigo?

CN – Não, de maneira nenhuma. Posso afirmar com toda a certeza, se sairmos daqui agora e formos perguntar a cada um deles todos vão dizer que não. Estar em situação de sem-abrigo para estes jovens é unicamente para quem dorme na rua.

I – No trabalho que é desenvolvido com estes jovens consegue ter perceção se têm ambições para o futuro?

CN – No início, quando integram a resposta social, eles acham que estão bem assim. Ao longo do tempo, à medida que vamos trabalhando, eles vão alterando os seus planos de vida, depois é engraçado de ver que uma pessoa que chegou até nós, que inicialmente para ela estava tudo bem, consegue ambicionar um bocadinho mais além. Pode parecer estranho, mas é assim que os jovens que integram connosco funcionam. As ambições futuras são muito parcas para estes jovens.

I - Quer acrescentar mais alguma coisa?

CN - Acho que não.

I – Muito obrigada pela sua participação.

CN – Ora essa, por nada. Estarei sempre ao dispor.

Apêndice XIII - Transcrição Entrevista - Técnica PL

I - Boa tarde. Muito obrigada por participar nesta investigação. Gostaria de começar esta nossa conversa por pedir para se apresentar e peço-lhe que inclua as iniciais do seu primeiro e último nome.

PL - Boa tarde. Obrigada pelo convite. Eu sou a PL, tenho 55 anos, desempenho funções no MAPS como técnica de Serviço Social, nos últimos 5 anos, antes de integrar aqui nos quadros da instituição exerci funções em uma unidade hospitalar em Inglaterra que me enriqueceram muito a nível pessoal e social, que considero que foi uma mais-valia em termos de enriquecimento. me deram muitas competências.

I – Esta nossa investigação tem como base a população em situação de sem-abrigo e recai nas faixas etárias mais jovens, como tal, gostaria de lhe perguntar, como é trabalhar com estes jovens?

PL – É muito gratificante e um grande desafio trabalhar com estas pessoas, porque são jovens com um percurso de vida muito complicado, que na minha opinião o que precisam essencialmente é de atenção, de carinho e apoio.

I – Quais são as principais características destes jovens?

PL – Na minha opinião o percurso de vida que tiveram. São jovens que normalmente não têm muita escolaridade, que tiveram uma família muito pouco, ou nada presente, e pelo menos os que estão neste momento a ser acompanhados por nós, estiveram desde novinhos em outras instituições, como também já têm percursos de rua e de consumos. É um pouco complicado.

I – Por falar em família, de que tipo de famílias estamos a falar?

PL – Normalmente e pegando naqueles com que agora trabalhamos, estamos a falar de famílias que também têm consumos, que têm problemas, e são jovens que não têm o pai e mãe muito presentes, normalmente já foram postos de parte há muito tempo pelos pais.

I - Na sua opinião, acha que estes jovens valorizam ou identificam-se com o conceito de família?

PL- Identificar-se, perceber o que é, acho que não, mas desde o momento em que integram connosco, os jovens começam a valorizar cada vez mais a nossa presença como se fosse-

mos todos elementos da mesma família, porque pequenos pormenores que trabalhamos fazem a diferença, como por exemplo: sentar à mesa e jantar em conjunto, fazer atividades simples com o jovens como ir às compras, organizar passeios, comemorar datas especiais e fazer questão de estarmos todos juntos como no natal, páscoa, passagem de ano, aniversários. Tudo isto leva a que devagarinho estes jovens adquiram aquilo a que podemos chamar o mais parecido com família, com sentido de pertença. Demonstram que nunca tiveram isso. Mas tudo isto é um processo longo porque os jovens quando integram têm tendência para se fecharem, não querem conversar, não aceitam concelhos, não querem cumprir regras, tem de ser tudo devagarinho. São miúdos carentes, muito carentes e quando lhes damos um colinho e atenção eles adoram.

I - Relativamente à comunidade, na sua opinião, como acha que os jovens vêm a comunidade, as outras pessoas?

PL - Não muito bem, porque normalmente a comunidade afasta-se um pouco deles, porque noto que quando por exemplo vamos a um café, ou uma coisa assim, eles retraem-se muito, não se chegam muito, porque sentem normalmente olhares de desconfiança e desprezo, e sentem que as outras pessoas não confiam neles.

I - No que diz respeito à comunidade, como acha que as pessoas vêm estes jovens?

PL – Eu acho, pessoalmente, que a sociedade os negligencia, os marginaliza e porquê eu não sei explicar, talvez por serem jovens com marcas visíveis do percurso de vida que tiveram, não sei.

I - Quais são os maiores desafios ao trabalhar com estes jovens?

PL - Todos os dias é um desafio, mas o maior desafio talvez seja incutir nestes jovens o sentido de responsabilidade e o cumprimento de regras.

I – Qual ou quais as maiores dificuldades sentidas ao trabalhar com estes jovens?

PL - A maior dificuldade. Eu penso que é inseri-los na comunidade, conseguirem trabalho. Arranjar trabalho por si só já é difícil, então para estes jovens é muito mais com a pouca escolaridade que têm. Outra coisa com que nos deparamos é o conseguir arranjar uma casa ou um apartamento, por mais que se queira só pelos valores pedidos é quase impossível e depois quando estes jovens dão a cara então aí....

I – Por falar em pouca escolaridade estes jovens demonstram vontade de voltar à escola?

PL – Não. O percurso que tiveram na escola não foi muito bom, como tal não querem nem sequer pensar nisso.

I – Na sua opinião estes jovens quando integram em alojamento trazem hábitos de trabalho?

PL – Não. Estes jovens quando entram não trazem nada, não trazem hábitos de nada, mas de nada mesmo. Entram completamente perdido de tudo e de todos.

I – Acha que estes jovens se vêm como estando em situação de sem-abrigo?

PL – Não, é algo que nem sequer lhes passa pela cabeça. Sem-abrigo para estes jovens são só as pessoas que dormem na rua.

I - Na sua opinião quais são os fatores que consegue identificar como promotores para estes jovens ficarem em situação de sem-abrigo?

PL - Eu acho que, na minha opinião, primeiro é a família, porque são famílias que de si já não os apoiam e também já têm problemas e depois são os consumos. Acho que são os principais fatores.

I – Na sua perspetiva quais são as maiores dificuldades, junto da comunidade, para que estes jovens consigam uma autonomização plena?

PL – Na minha opinião, é arranjar trabalhos que não sejam precários, porque estes jovens não trazem muita experiência e é preciso dar-lhes a oportunidade, outro é o preço inacessível para habitação, porque como a situação está, mesmo que consigam alugar um quarto não o vão conseguir manter. Outro desafio é haver respostas direcionadas para eles, para a idade deles, ou seja, respostas onde sejam realmente trabalhadas todas as lacunas e problemas que trazem, ou seja, respostas onde eles se consigam identificar com os restantes elementos e evoluir em todos os sentidos.

I - Ao trabalhar diariamente com estes jovens, acha que eles têm ambições para o futuro?

PL – Nem sei..., acho que sim, quero acreditar que sim, pelos desabafos que fazem acho que sim. Os jovens com que trabalhamos querem a sua autonomia, querem ter a sua própria casa, alguns casar, ter a sua própria família. Por exemplo, um destes jovens quer muito começar a trabalhar para conseguir dinheiro para tirar a carta e comprar um carro, o que não deixa de ser uma ambição como outra qualquer. Apesar de estes jovens estarem atualmente nesta situação ainda sonham, sem dúvida, com uma vida diferente.

I - Muito obrigada pela sua disponibilidade e pela sua partilha.

PL – Muito obrigada eu. Foi um gosto.

Apêndice XIV - Transcrição Entrevista - Técnica RM

I - Boa tarde. Muito obrigada por participar nesta investigação. Gostaria de começar esta nossa conversa por lhe pedir para se apresentar e dizer as iniciais do seu primeiro e último nome.

RM - Então sou a RM, sou psicóloga, tenho 41 anos, comecei a minha experiência profissional como psicóloga na área da Gerontologia, com especialização nas demências, e de há 3 anos para cá que estou na área social, trabalhando com pessoas em situação de sem abrigo e com consumos de substâncias.

I - A investigação deste projeto centra-se na população em situação de sem-abrigo, mas com incidência na população jovem, e começava desde já por lhe perguntar como é trabalhar com estes jovens com este tipo de problemática?

RM - É desafiante, porque..., pessoalmente eu quero, eu quero mesmo acreditar que lhes podemos, através do nosso trabalho, devolver a esperança de uma vida melhor e de uma vida digna e muitas das vezes é mais o meu querer que o querer deles. Então é desafiante, gerir as minhas expectativas com as expectativas deles.

I - Quais são as principais características destes jovens quando chegam à instituição?

RM – Então, são jovens com famílias desestruturadas e sem vínculos, a maioria com pouca instrução, com historial de consumos de substâncias psicoativas e são jovens com zero autoconceito, zero autoestima, muitos deles já passaram por instituições e são miúdos com uma sede de afeto tremenda.

I - Estes jovens, valorizam ou identificam-se de alguma forma com o conceito família?

RM - Eu sinto que sim, porque aqueles com que nós conseguimos efetivamente fazer um trabalho bom, ou seja, que realmente dá frutos para eles, são aqueles que, pese embora venham de famílias desestruturadas ou de instituições, eles veem em nós a sua família, e projetam em nós a família que não têm. Por acaso, existem aqui jovens que insistem em me tratar por mãe, e a verdade é essa. Eu acho que com estes jovens dá mesmo para nós conseguirmos trabalhar e devolver-lhes ali alguns conceitos como, um que considero importante, o afeto.

I – De que género de famílias estamos a falar?

RM – De famílias desestruturadas, com dificuldades, monoparentais, que muitas vezes também têm histórico de consumos associados. Famílias que se esqueceram que tiveram filhos, que não estão nem aí, nem querem saber.

I - Relativamente à comunidade, como acha que os jovens veem a comunidade que os rodeia?

RM – Ah, veem comunidade como uma extensão da família que os abandonou, é o que eu sinto, da maior parte deles, e não estou a dizer a comunidade das instituições, estou a referir-me à comunidade da sociedade em geral. Eles veem-se à parte de, ou seja, a comunidade é quem me abandonou, é quem não me ajudou, é quem não pegou em mim, eu não me insiro.

I – Como acha que a sociedade os vê?

RM - Coitadinhos, coitadinhos são uns perdidos, isso de um modo geral, são os perdidos, nem a família os quis, coitadinhos já não há nada a fazer. Por outro lado, também são vistos como uns bandidos e delinquentes.

I - Como técnica, quais são os maiores desafios com que se depara no dia a dia, ao trabalhar com estes jovens?

RM - Eu acho que é mesmo fazê-los perceber que não estão fadados á desgraça e a serem sem-abrigo, e incutir-lhes o sentido de autoconceito elevado, de autoestima, de merecimento, que merecem ter oportunidades e ter uma vida. Eu acho que é mesmo ajustar a expectativas deles.

I – Na sua perspetiva como técnica, quais são os maiores desafios, junto da comunidade, para que estes jovens consigam uma autonomização plena?

RM – Para já fazem falta respostas adequadas aos jovens, porque estamos a pensar em jovens, bem jovens, ali até aos 25/27 desde os 18, uma coisa assim, são necessárias respostas adequadas. Se pensarmos em moradias partilhadas estamos a juntar jovens destas idades, com pessoas de 50, de 40, que já têm uns hábitos muito enraizados, que à partida, não serão os melhores exemplos. Podem, sim, pegar naquele exemplo de vida como o caminho que não querem, mas existe uma maior possibilidade de encarar as pessoas mais velhas como um modelo, que na minha opinião não será o mais adequado.

I - Os jovens que integram na instituição vêm com hábitos de trabalho?

RM – Não. Os jovens vêm completamente desgraçados, sem hábitos de estudo, sem hábitos de trabalho sem sequer saberem viver em comunidade, numa casa, respeitar regras e rotinas.

I – Qual o grau de instrução desses jovens?

RM - É baixo, é mesmo muito baixo, no máximo 6º ou 8º ano.

I - Alguns desses jovens mostram alguma ambição de voltar à escola?

RM – Não, poucos, mas isso também é trabalhável. Quando nós começamos a trabalhar a autoestima e o merecimento e o autoconceito, aí sim conseguimos, mais que não seja que terminem o 12º ano, depois já será sim, uma sorte de poderem ou quererem prosseguir.

I - Quais são os fatores que consegue identificar como promotores para estes jovens ficarem em situação de sem-abrigo?

RM - Então, é falta de retaguarda familiar, os consumos de substâncias psicoativas, falta de respostas sociais adequadas, e depois, se eles tiverem pares que também estejam em situação de sem abrigo com os quais eles se identifiquem vão se deixando ficar.

I - Acha que estes jovens se veem na situação de sem-abrigo?

RM - Não, eu acho que não, é engraçado, mas eu acho que não se veem porque pensam nos sem-abrigo como aquele velho que está na rua, que se droga há mais de 20 anos, esses são os sem abrigo, não eles.

I - Ao trabalhar com estes jovens é perceptível se têm ambições para o futuro?

RM - A maioria não.

I - Porquê?

RM - Da minha experiência, eu sinto que eles não têm ambições porque para já sentem que não há mais para o futuro. Foi o modelo que eles tiveram desde crianças, a maior parte de abandono ou de institucionalização, e não haverá, infelizmente, mais a ambicionar na vida do que viver das instituições.

I – Gostaria de partilhar mais alguma coisa?

RM – Não. Falar destes jovens infelizmente é andar sempre à volta das mesmas coisas, ausência de retaguarda, falta de afeto, falta de atenção, discriminação e ainda, lamentavelmente preconceito.

I - Muito obrigada pela partilha.

RM – Por nada. Espero que daqui por uns anos estejamos a falar deste assunto, mas para partilhar e evidenciar coisas boas, pelo menos acho que é esse o sonho de quem trabalha na área social.

Apêndice XV - Matriz de Análise de Conteúdo dos Jovens em Estudo

Categories	Subcategorias	Questões	Objetivos	Unidades de registo
Jovens em situação de sem-abrigo	Laços Familiares	- Qual a composição do seu agregado familiar?	Perceber qual a importância dos laços familiares para o desenvolvimento socio-emocional dos jovens em situação de sem-abrigo.	DF- "...pela minha avó e a minha tia que de vez em quando ia lá a casa. Filha da minha avó." RR- "Até aos 7 anos vivia com a minha mãe, com o meu pai e com o meu irmão mais velho." FR- "A minha mãe." FS- "Só com a minha mãe e minhas duas irmãs ..." JS- "Eu tinha meia dúzia de meses, ainda não tinha um ano quando fui tirado à minha mãe." MD- "Com a minha mãe."
		- Quando residia com a sua família como era a vossa relação? Memórias positivas e negativas?		DF- "Péssima e nunca tive uma boa relação com a minha família."; memórias boas "Poucas ..."; memórias negativas "Várias...ter levado muita porrada." RR- "No início era boa, só depois começou a ficar meio estranha ..." FR- "Não, não tenho, era pequenino." FS- "Não é perfeita ..."; memórias boas "... ser noveleiro com a minha mãe ..."; memórias negativas "... ter carregado um fardo que não era meu ..." JS- "...ainda não tinha um ano quando fui tirado à minha mãe."

				MD- “Era mais ou menos ...”; memórias positivas “Só meu pai, a única coisa.”; memórias negativas “... quando o meu pai morreu ...”
		- Atualmente mantém relações familiares? Com quem?		DF- “Sim..., com a minha avó, apesar de tudo.” RR- “Não, agora não.” FR- “Agora tenho...porque agora já tou a ir mais à casa da minha mãe...” FS- “...com a minha irmã mais velha ...” JS- “Não, também nunca quiseram saber de mim ...” MD- “Não...”
	Laços Sociais	- Como é atualmente a relação com os seus amigos? É diferente por estar institucionalizado?	Compreender qual a importância dos laços sociais para a superação e integração social dos jovens em situação de sem-abrigo.	DF- “Não tenho muitos amigos, mas os que tenho são bons e é saudável [...] Não..., lá por estar numa instituição não quer dizer nada.” RR- “Não, até sou apoiado...” FR- “Não mudou, acho que é diferente, não estamos muito juntos.” FS- “Não sei, nem sei como não tenho resposta para isso.” JS- “Não, nada disso.” MD- “Não tenho amigos...”
		- Como é atualmente a relação com a comunidade, sente alguma diferença pelo facto de estar institucionalizado?		DF- “Não, não. Por acaso não, de ninguém.” RR- “Acho que sinto mais uma preocupação...” FR- “Não, é igual, é a mesma coisa, as pessoas nunca me ligaram muito.” FS- “Ah, isso sim, infelizmente [...] Existe um julgamento...” JS- “...as pessoas olhão para mim como se eu fosse um coitadinho ...”

					MD- “As pessoas só me olham e depois viram a cara.”
Relações Institucionais	. Escola	- Que escolaridade tem?	Analisar a importância atribuída às relações institucionais (escola, trabalho e equipamentos sociais).	DF- “Tenho o 12º.” RR- “Eu, neste caso, se for pensar bem, tenho o 11º, mas oficialmente o 9º.” FR- “Fiz o... 9º.” FS- “Eu tenho o 12º...” JS- “9º ano.” MD- “Tenho o 10º só.”	
		- Qual a escolaridade dos seus pais?		DF- “Acho que a minha mãe tem o 3º ano [...], a minha avó não sabe ler nem escrever.” FR- “Não sei.” FS- “A minha mãe [...] fez universidade, o curso de contabilista ...” MD- “... Não sei.”	
		- Os responsáveis pela sua educação valorizavam a sua ida à escola?		DF- “Não muito, não valorizava...” RR- “Valorizavam ...” FR- “Não...” FS- “Claro, por nossa senhora ...” JS- “Valorizar até, às vezes, valorizavam ...” MD- “Eu quando comecei a faltar, elas começavam-me a bater.”	
	Trabalho	- Atualmente está empregado ou desempregado?		DF- “Sim, estou a trabalhar na Primor ...” RR- “Neste momento estou a estudar, estou em estágio ...” FR- “... tou à procura de trabalho ...” FS- “Atualmente estou empregado.”	

					<p>JS- “Sim, nas obras.” MD- “Não, nunca trabalhei.”</p>
			- Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?		<p>DF- “...fiz formação de auxiliar de infância no IIEFP e agora de estética.” RR “Sim de bar e mesa, que andei ali no Areal Gordo, no IIEFP. FR- “Eu tava a tirar um curso de cozinha na ASMAL e num acabei...” MD- “De cozinha. [...] ASMAL.”</p>
		Equipamentos Sociais	- Teve experiências anteriores com outros equipamentos sociais?		<p>DF- “Sim...Casa Santa Isabel, em faro” RR- “Integrei na Casa dos Rapazes com 7 anos e saí de lá com os meus 20 quase 21.” FR- “... Luzinhas, isso fica em olhão.” FS- “Não ...” JS – “Na Casa dos Rapazes ...” MD- “Não. Esta é a primeira vez.”</p>
			- Quais os motivos que o levaram a recorrer a este equipamento social?		<p>DF- “Porque fiquei desempregada e sem capacidade para pagar um quarto ...” RR- “... perdido a casa ...” FR- “Ah..., não sei.” FS- “... perdi a casa, perdi tudo, e fui para a rua.” JS- “... tinha fome a sério e já não aguentava mais e vim cá ...” MD- “... porque eu não tinha sítio para dormir [...] puseram-me fora de casa.”</p>
Percurso de Vida	- Quais os fatores que identifica como responsáveis para a situação em que se encontra?	Perceber os fatores que os jovens identificam, que contribuíram para ficarem em situação de sem-abrigo.	<p>DF- “Acho que foi um bocado desleixo da minha parte, porque eu acabei por ficar mais deprimida...” FR- “... foi a segurança social que me disse para vir ...”</p>		

				<p>RR- “... o restaurante ter fechado, o covid e ter perdido a casa ...” FS- “... escolhas erradas.” JS- “Tudo e mais alguma coisa, mas sem dúvida as drogas.” MD- “A minha irmã.”</p>
		- Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo? O que sentiu?		<p>DF- “Sim, nessa altura na verdade sentia muito medo...” RR- “Lembro [...] literalmente senti-me em desespero...” FR- “Não nunca tive na rua, nunca fui isso.” FS- “Claro lembro [...] Foi dolorido ...” JS- “Sim lembro [...] vergonha...” MD- “Não. Eu nunca tive assim nessa situação.”</p>
	Ambições Futuras	- Como vê o seu futuro?	Perceber de que forma as ambições futuras podem influenciar a motivação e integração social de jovens em situação de sem abrigo.	<p>DF- “Sendo uma pessoa bem-sucedida, com emprego, talvez com filhos, família ...” RR- “... quero acabar a escola [...] ganhar dinheiro [...] ir para o Alentejo ...” FR- “Não sei.” FS- “Eu acredito que é só uma questão de tempo para começar a explodir coisas boas.” JS- “...com trabalho, ter uma vida boa [...] ter uma família e quem sabe ser pai.” MD- “Não sei, não sei.”</p>
		- Qual o seu projeto de vida?		<p>DF- “É um projeto e um sonho [...] ter um espaço físico para trabalhar em unhas.” RR- “...acabar a escola ...” FR- “Ser chefe de restaurante.”</p>

				FS- “Atingir o meu máximo, crescer e evoluir.” JS- “Arranjar um quarto só para mim [...] ter um trabalho e fazer a minha vida.” MD- “Lutar, só! [...] quero mesmo é ter uma loja própria para maquilhar pessoas.”
--	--	--	--	---

Apêndice XVI - Matriz de Análise de Conteúdo dos Técnicos

Categorias	Subcategorias	Questões	Objetivos	Unidades de registo
Jovens em situação de sem-abrigo	Laços Familiares	- Qual a perceção identificada, sobre os laços familiares dos jovens em situação de sem-abrigo?	Perceber qual a importância dos laços familiares para o desenvolvimento socio-emocional dos jovens em situação de sem-abrigo.	CN- “A maioria não mantém. Têm mesmo relação cortada...” PL- “... família muito pouco, ou nada presente [...] já foram postos de parte há muito tempo ...” RM- “... sem vínculos ...”
		- Quais as características identificadas da família nuclear dos jovens?		CN- “...são de famílias um pouco desestruturadas [...] com dependências ou vícios associados [...] que não têm hábitos laborais ...” PL- “...têm consumos, que têm problemas ...” RM- “...famílias desestruturadas ...”
	Laços Sociais	- Qual a interpretação que faz sobre a relação dos jovens em situação de sem-abrigo com a comunidade que os rodeia?	Compreender qual a importância dos laços sociais para a superação e integração social dos jovens em situação de sem-abrigo.	CN- “Sentem-se rejeitados ...” PL- “- Não muito bem [...] porque sentem normalmente olhares de desconfiança e desprezo ...” RM- “... uma extensão da família que os abandonou ...”
		- Qual a perspetiva que possui relativamente à interação da comunidade com os		CN- “Nem sempre são bem vistos [...] há sempre uma exclusão...” PL- “... que a sociedade os negligencia, os marginaliza ...”

			<p>juvems em situação de sem-abrigo?</p>		<p>RM- "... são os perdidos, nem a família os quis ..."</p>
<p>Relações Institucionais</p>	Escola	<p>- Quais as características dos jovens em situação de sem-abrigo inseridos neste equipamento relativamente à escolaridade, hábitos laborais e percursos institucionais?</p>	<p>Analisar a importância atribuída às relações institucionais (escola, trabalho e equipamentos sociais).</p>	<p>CN- "... escolaridade, pouca ou quase nenhuma ..."</p> <p>PL- "... não têm muita escolaridade ..."</p> <p>RM- "... pouca instrução [...] sem hábitos de estudo ..."</p>	
	Trabalho			<p>CN- "... relação com o trabalho difícil [...] acham que não têm necessidade de trabalhar ..."</p> <p>PL- "... não trazem hábitos de nada ..."</p> <p>RM- "... sem hábitos de trabalho ..."</p>	
	Equipamentos Sociais			<p>CN- "... grande parte já estiveram institucionalizados ..."</p> <p>PL- "... estiveram desde novinhos em outras instituições ..."</p> <p>RM- "... muitos deles já passaram por instituições ..."</p>	
	<p>- Quais os maiores desafios sentidos no trabalho desenvolvido junto dos jovens em situação de sem-abrigo?</p>			<p>CN- "... eles próprios reconhecerem que necessitam de ajuda ..."</p> <p>PL- "... incutir nestes jovens o sentido de responsabilidade e o cumprimento de regras."</p> <p>RM- "... fazê-los perceber que não estão fadados á desgraça ..."</p>	

		- Quais os fatores identificados junto da comunidade em geral, que dificultam as autonomizações consistentes e sustentáveis, dos jovens em situação de sem-abrigo?		CN- "...arranjar trabalho [...] a nível habitacional..." PL- "...arranjar trabalhos que não sejam precários [...] o preço inacessível para habitação." RM- "...respostas adequadas aos jovens..."
Percurso de Vida		- Quais as características dos jovens aquando da sua integração no equipamento social?	Perceber os fatores identificados, que contribuíram para os jovens ficarem em situação de sem-abrigo.	CN- "...têm problemas de consumo de álcool e de estupefacientes [...] problemática da saúde mental associada [...] resistentes a obedecer regras..." PL- "...têm percursos de rua e de consumos [...] têm tendência para se fecharem, não querem conversar, não aceitam concelhos, não querem cumprir regras ..." RM- "...historial de consumos de substâncias psicoativas e são jovens com zero autoconceito, zero autoestima [...] miúdos com uma sede de afeto tremenda."
		- Identifica que os jovens têm consciência que se encontram em situação de sem-abrigo?		CN- "...Não, de maneira nenhuma..." PL- "...Não, é algo que nem sequer lhes passa pela cabeça." RM- "Não, eu acho que não..."
		- Quais os fatores identificados como principais		CN- "...rutura familiar [...] os consumos [...] saúde mental..."

		promotores da situação de sem-abrigo em jovens?		PL- "...primeiro é a família [...] depois são os consumos." RM- "...falta de retaguarda familiar, os consumos de substâncias psicoativas, falta de respostas sociais adequadas..."
	Ambições Futuras	- Quais as percepções identificadas sobre as ambições dos jovens em situação de sem-abrigo quanto ao seu futuro?	Perceber de que forma as ambições futuras podem influenciar a motivação e integração social de jovens em situação de sem-abrigo.	CN- "... as ambições futuras são muito poucas..." PL- "Nem sei..., acho que sim, quero acreditar que sim ..." RM- "A maioria não [...] não têm ambições..."

Tabelas Guião de Entrevistas Jovens

Caracterização Pessoal

Tabela 1 - Caracterização Pessoal dos Jovens em Estudo

	Idade	Nacionalidade	Naturalidade	Estado Civil	Saúde	Identidade de Género	Histórico de Consumos Sustâncias	Nº de Filhos
DF	26	Portuguesa	Olhão	Solteira	Sem problemas	Feminina	Sem Consumos	0
FR	20	Portuguesa	Loulé	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Sem Consumos	0
FS	29	Brasileira	Minas Gerais	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Com consumos	2
JS	25	Portuguesa	Faro	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Com consumos	0
MD	21	Portuguesa	Faro	Solteira	Obesidade	Feminina	Com Consumos	0
RR	25	Portuguesa	Lisboa	Solteiro	Sem problemas	Masculina	Com consumos	0

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Laços Familiares

Tabela 2 - Quando residia com a sua família como era a vossa relação? Memórias positivas e negativas?

Não se aplica *	2
Não foi perfeita	1
Péssima	1
Era mais ou menos	1
Ótima	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 3 - Quando residia com a sua família como era a vossa relação? Memórias positivas e negativas?

Positivas		Negativas	
Não se aplica *	2	Não se aplica*	2
Poucas	1	Violência	1
Ver telenovelas com a mãe	1	Consequências familiares	1
Visita do pai em saída precária	1	Morte do pai	1
Tem muitas	1	Não tem	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 4 - Atualmente mantem relações familiares? Com quem?

Sim	3
Não	3

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 5 - Atualmente mantem relações familiares? Com quem?

Avó	1
Mãe	1
Irmã	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 6 - Qual a composição do seu agregado familiar? Qual a ocupação de cada um dos elementos?

Não se aplica *	1
Avó e Tia	1
Mãe	1
Mãe e 2 Irmãs	1
Irmã, Cunhado, 4 Primos	1
Mãe, Pai, Irmão	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 7 - Qual a composição do seu agregado familiar? Qual a ocupação de cada um dos elementos?

Não se aplica *	2
Funcionário de limpeza	3
Contabilista	1
Vendedores ambulantes	1
Construção civil	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 8 - Quando vivia com o seu agregado familiar como era a relação entre a sua mãe e o seu pai?

Não se aplica *	1
Relação entre pai e mãe inexistente	4
Boa relação	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 9 - (se referido que o pai e/ou a mãe não faziam parte do agregado familiar perguntar: Porquê?

Não se aplica *	2
Abandonada	1
Pai e mãe nunca viveram juntos	1
Depressão mãe e morte do pai	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 10 - O local e a casa onde residia com a sua família como era? Memórias positivas e negativas?

Não se aplica *	2
Humilde	1
Bonito	1
Boa	1
Simples	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 11 - O local e a casa onde residia com a sua família como era? Memórias positivas e negativas?

Positivas		Negativas	
Não se aplica *	2	Não se aplica*	2
Poucas	1	Muitas	2
Muitas	2	Nenhuma	1
Nenhumas	1	Não respondeu	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 12 - Considerava o local e a casa bonito, feio, acolhedor, desconfortável?

Não se aplica *	2
Horrível	1
Bonitos	1
Bom	1
Maravilhoso	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 13 - Sentia-se seguro(a) na casa onde residia com os seus familiares? Porquê?

Não se aplica *	2
Sim	2
Não	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 14 - Sentia-se seguro(a) na casa onde residia com os seus familiares? Porquê?

Não se aplica *	2
Seguro pela mãe	1
Sentia e ainda hoje se sente	1
Abusos sexuais	1
Bairro problemático	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Laços Sociais

Tabela 15 - Como é atualmente a relação com os seus amigos? É diferente por estar institucionalizado?

Poucos amigos	2
Pouco tempo juntos	1
Não tem amigos	2
Muitos amigos	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 16 - Como é atualmente a relação com os seus amigos? É diferente por esta institucionalizado?

Não	4
Sim	1
Não sabe responder	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 17 - Como é atualmente a relação com a comunidade, sente alguma diferença pelo facto de estar institucionalizado?

Não	4
Sim	1
Às vezes	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Relações Institucionais

Percurso Escolar

Tabela 18 - Que escolaridade tem?

9º Ano	3
10º Ano	1
12º Ano	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 19 - Quando frequentava a escola o que mais e que menos gostava?

Mais		Menos	
Ginástica	3	Gostava de tudo	1
Português e Matemática	1	Estar na sala de aulas	3
Recreio	1	Humilhação	1
Tudo	1	Não mencionou	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 20 - Como se sentia no ambiente escolar, relativamente aos professores e aos funcionários da escola?

Bem	5
Mais ou menos	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 21 – Qual a escolaridade dos seus pais? (se respondido que vivia com outro familiar que não pai ou mãe colocar a mesma questão)

Não se aplica*	2
Analfabeto	1
2º ciclo EB	2
Ensino superior	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*institucionalizado nos primeiros meses/anos de vida

Tabela 22 - Quando tinha de estudar e fazer os trabalhos de casa quem o ajudava?

Ninguém	2
Explicador	4

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 23 - Os responsáveis pela sua educação valorizavam a sua ida à escola?

Não	2
Sim	2
Mais ou menos	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 24 - Gostaria de voltar a estudar? Porquê?

Sim	3
Não	2
Talvez	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 25 - Gostaria de voltar a estudar? Porquê?

Gosta de aprender	2
Acabar o 12º ano	1
Não quer	2
Depende da escola	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Percurso Laboral

Tabela 26 - Com que idade começou a trabalhar e em que área?

21 anos	1
18 anos	1
16/17 anos	1
17/18 anos	1
19 anos	1
Nunca trabalhou	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 27 - Com que idade começou a trabalhar e em que área?

Auxiliar de Ação Educativa	1
Construção civil	2
Madeireiro	1
Restauração	1
Não se aplica*	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*nunca trabalhou

Tabela 28 - Teve outros empregos? Em que área?

Sim	2
Não	3
Não se aplica*	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas
*nunca trabalhou

Tabela 29 - Teve outros empregos? Em que área?

Lojista	1
Tubulação de Minério	1
Construção civil	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 30 - Qual o emprego em que esteve mais tempo?

Lojista	1
Construção civil	2
Madeireiro	1
Restauração	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 31 - Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?

Sim	4
Não	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 32 - Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?

IEFP	2
ASMAL	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 33 - Tem alguma formação profissional específica? Se sim, onde tirou a formação e em que área?

Auxiliar de Ação Educativa	1
Ação de Formação de Mesa e Bar	1
Ação de Formação de Cozinha	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 34 - Atualmente está empregado ou desempregado?

Empegado	3
Desempregado	3

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 35 - (se responder empregado perguntar: Está empregado em que área? Há quanto tempo? Gosta do que faz ou trocaria de área?)

Loja de Estética	1
Construção Civil	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 36 - (se responder empregado perguntar: Está empregado em que área? Há quanto tempo? Gosta do que faz ou trocaria de área?)

1 Mês	1
2 Meses	1
1 Ano	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 37 - (se responder empregado perguntar: Está empregado em que área? Há quanto tempo? Gosta do que faz ou trocaria de área?)

Gosta	2
Trocaria de área	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 38 - (se responder desempregado perguntar: Quais os motivos que aponta para estar desempregado? Quais as iniciativas que tem tomado para reverter essa situação?)

Término do curso á pouco tempo	1
Obesidade	1
Esta a acabar estágio	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 39 - (se responder desempregado perguntar: quais os motivos que aponta para estar desempregado? Quais as iniciativas que tem tomado para reverter essa situação?)

Entrega de Currículos	2
Já com proposta de trabalho	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Equipamentos Sociais

Tabela 40 - Há quanto tempo está neste equipamento social e quando vai/tem de sair?

4 meses	1
5 meses	1
8/9 meses	1
1 ano	1
2 anos	1
3 anos	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 41 - Nos últimos dois anos que antecederam a sua entrada neste equipamento social, onde vivia?

Institucionalizado	1
Quarto alugado	2
Situação sem-abrigo	1
Casa da irmã	1
Casa de amigo	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 42 - Teve experiências anteriores com outros equipamentos sociais?

Sim	4
Não	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 43 - (se responder sim perguntar: Onde? Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)

Casa Sta. Isabel	1
Luzinhas	1
Casa dos Rapazes	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 44 - (se responder sim perguntar: Onde? Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)

6 anos	1
14 anos	1
14/15 anos	1
18 anos	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 45 - (se responder sim perguntar: Onde? Quanto tempo? Quais os motivos? com que idade saiu e porquê?)

Maus-tratos	2
Mãe toxicodependente	1
Não sabe	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 46 - (se responder sim perguntar: Onde? Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)

18 anos	2
21 anos	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 47 - (se responder sim perguntar: Onde? Quanto tempo? Quais os motivos? Com que idade saiu e porquê?)

Atingido o limite máximo de permanência	4
---	---

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 48 - Quais os motivos que o levaram a recorrer a este equipamento social?

Encaminhado pela Segurança Social	1
Escolhas erradas	1
Situação de sem-abrigo	1
Expulso de casa	1
Desemprego	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 49 - Qual a importância que atribui a este equipamento social para a população que se encontra em situação de sem-abrigo?

Muita	4
-------	---

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 50 - Qual a importância deste equipamento social para si e para a sua preparação em relação à autonomização?

Não sabe	2
Importante	2
Muita importante	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Percurso de Vida

Tabela 51 - Quais os fatores que identifica como responsáveis para situação em que se encontra?

Problemas do foro psicológico	2
Não sabe	1
Escolhas erradas	1
Dependências químicas	1
Rutura familiar	1
Desemprego	1
Covid	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 52 - Quais os momentos mais marcantes da sua vida?

Não sabe	1
Infância	1
Ter crescido sem família	1
Falecimento mãe	1
Falecimento pai	1
Ter voltado para a família	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 53 - Como se vê?

Bem-sucedida psicologicamente	1
Simpático	1
Vivo	1
Boa pessoa	1
Não gosta de si próprio	1
Sem forças	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 54 - como os outros o vêem?

Normal	1
Exigente	1
Não sabe	1
Ingénuo	1
Fraco	1
Burro	1
Subestimado	1
Com desconfiança	1
Não quis responder	1
Intimidador	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 55 - Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo? O que sentiu?

Nunca esteve em situação de sem-abrigo	2
Sim	4

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 56 - Lembra-se de quando teve consciência que estava em situação de sem-abrigo? O que sentiu?

Na altura sentiu medo	1
Foi difícil	1
Teve vergonha	1
Sentiu desespero	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Ambições Futuras

Tabela 57 - Como se vê no futuro?

Expectativas positivas	4
Não sabe	2

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 58 - Qual o seu sonho?

Ter negócio próprio	2
Gerente de restauração	1
Ter saúde	1
Não voltar ao passado	1
Ser feliz	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 59 - Qual o seu projeto de vida?

Estabilidade laboral	2
Não sabe	1
Recuperar saúde	1
Estabilidade	1
Terminar curso	1

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabelas Guião Entrevista Técnicos

Laços Familiares

Tabela 60 - Qual a perceção identificada, sobre os laços familiares dos jovens em situação de sem-abrigo?

Relações cortadas
Sem vínculos
Conceito família inexistente

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 61 - Quais as características identificadas da família nuclear dos jovens?

Famílias desestruturadas
Beneficiários de apoios sociais
Com dependências
Pais ausentes
Com vícios
Sem hábitos laborais
Famílias monoparentais

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Laços Sociais

Tabela 62 - Qual a interpretação que faz sobre a relação dos jovens em situação de sem-abrigo com a comunidade que os rodeia?

Retraem-se
Sentem-se rejeitados

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 63 - Qual a perspetiva que possui relativamente à interação da comunidade com os jovens em situação de sem-abrigo?

Não são bem vistos
Excluídos
Delinquentes
Criticados
Bandidos
Rotulados
Marginalizados
Negligenciados

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Relações Institucionais

Tabela 64 - Quais as características dos jovens em situação de sem-abrigo inseridos neste equipamento relativamente à escolaridade, hábitos laborais e percursos de vida?

Escolaridade	Hábitos Laborais	Percursos institucionais
Pouca escolaridade	Sem hábitos	Sim

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 65 - Quais os maiores desafios sentidos no trabalho desenvolvido junto dos jovens em situação de sem-abrigo?

Criar relação de confiança
Incutir responsabilidade
Cumprimento de regras
Autoconsciência

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 66 - Quais os fatores identificados junto da comunidade em geral, que dificultam as autonomizações consistentes e sustentáveis, dos jovens em situação de sem-abrigo?

Respostas adequadas
Inserção em mercado de trabalho
Acesso habitação
Trabalhos precários
Baixas remunerações

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Percursos de Vida

Tabela 67 - Quias as características dos jovens aquando da sua integração no equipamento social?

Dependências químicas
Problemas mentais
Ausência de autoestima
Resistentes a regras

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 68 - Identifica que os jovens têm consciência que se encontram em situação de sem-abrigo?

Não

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Tabela 69 - Quais os fatores identificados como principais promotores da situação de sem-abrigo em jovens?

Rutura familiar
Consumos de substâncias psicoativas
Saúde mental

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas

Ambições Futuras

Tabela 70 - Quias as perceções identificadas sobre as ambições dos jovens em situação de sem-abrigo quanto ao seu futuro?

Ausência total ou parcial de ambições

Fonte: Elaboração Própria a partir dos dados recolhidos das entrevistas